UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE BIOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACÃO EM GENÉTICA

FRANCISCO GERALDO DE CARVALHO NETO

UMA ABORDAGEM MOLECULAR DA FILOGEOGRAFIA E ESTRUTURAÇÃO GENÉTICA DE MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS NEOTROPICAIS

Recife
2018

FRANCISCO GERALDO DE CARVALHO NETO

UMA ABORDAGEM MOLECULAR DA FILOGEOGRAFIA E ESTRUTURAÇÃO GENÉTICA DE MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS NEOTROPICAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Genética da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Genética.

Orientadora: Profa. Dra. Neide Santos
Coorientadores: Prof. Dr. Martin A. Montes
Prof. Dr. Valdir Balbino

Recife
2018

Carvalho Neto, Francisco Geraldo de

Uma abordagem molecular da filogeografia e estruturação genética de morcegos filostomídeos neotropicais/ Francisco Geraldo de Carvalho Neto- 2018.

126 folhas: il., fig., tab.
Orientadora: Neide Santos
Coorientadores: Martin A. Montes e Valdir Balbino
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Genética. Recife, 2018.

Inclui referências e anexos

1. Biogeografia 2. Morcegos 3. Filogenia I. Santos, Neide (orient.) II. Montes, Martin A. (coorient) III. Balbino, Valdir (coorientador) IV. Título

591.9 CDD (22.ed.) UFPE/CB-2018-153

Francisco Geraldo de Carvalho Neto

Uma abordagem molecular da filogeografia e estruturação genética de morcegos filostomídeos neotropicais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Genética da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Genética.

Aprovada em 20/02/2017

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dra. Neide Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Rita de Cássia Moura
Universidade de Pernambuco

Dra. Cláudia Rohde
Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Cibele Gomes Sotero Caio
Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Bruna Martins Bezerra
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus pais, pois ao longo da vida não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Martin Alejandro que durante os últimos oito anos se dedicou a me orientar, além de sempre buscar o melhor para minha carreira profissional.

Agradeço à Profa. Neide Santos pela orientação no doutorado e por estar sempre disposta a me ajudar.

Agradeço à Profa. Ana Lauer pela disposição em ler meus manuscritos e auxiliar no que fosse preciso.

Agradeço à Profa. Maria de Mascena (Mana) por ter permitido que eu utilizasse as instalações do Laboratório Genoma (UFRPE).

Agradeço ao Prof. Valdir Balbino pela cooperação com seu laboratório.

Agradeço a Universidade Federal de Pernambuco e ao Programa de Pós-Graduação em Genética pela oportunidade do curso de doutorado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa.

Agradeço ao Fundo de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) pela viabilidade financeira do projeto.

Por fim, aos familiares e amigos pelo apoio, incondicional, a conclusão desta etapa da minha vida.

RESUMO

A Região Neotropical sofreu uma complexa dispersão de biota, contudo estudos biogeográficos estão auxiliando o entendimento desta dinâmica, facilitados pelo advento das técnicas moleculares. O neotrópico abriga a maior riqueza de quirópteros, embora poucas espécies foram estudadas ao nível genético. Este estudo buscou avaliar a filogeografia da espécie *Artibeus planirostris* e a estrutura populacional no nordeste brasileiro de *A. planirostris* e *Carollia perspicillata*. A partir da análise de sequências do gene Citocromo-B foi possível observar um padrão na espécie *A. planirostris*, que geograficamente possui subgrupos resultantes de eventos de colonização. A datação realizada no estudo coincide com os eventos de formação de ambientes. Ao analisar sete populações de três diferentes regiões fitofisionômicas no nordeste (Floresta seca, Floresta Atlântica e Brejo) foi possível, através de marcadores ISSR, verificar uma forte estruturação populacional de *A. planirostris* e *C. perspicillata*. Contudo, *C. perspicillata* apresentou estruturação ao nível de fitofisionomia, fato este não verificado em *A. planirostris*. As duas espécies têm comportamentos de forrageio diferentes, o que justifica o resultado. Os indivíduos de florestas secas mostraram-se mais distintos em relação aos de outros ambientes e mais homogêneos entre eles. Acreditamos que seja devido à história natural destas florestas e o deslocamento nesses locais ser maior pela necessidade de buscar recursos. Este trabalho contribui para o melhor entendimento da evolução e dinâmica de populações naturais de morcegos filostomídeos na região neotropical.

Palavras-chave: Biogeografia. Chiroptera. Cytb. ISSR. Neotropical.

ABSTRACT

Neotropical Region suffered a complex dispersion of biota, however, biogeographic studies are helping with understanding of this dynamic, facilitated by advent of molecular techniques. Neotropics harbor a greater diversity of Chiroptera, although few species have been studied at genetic level. This study aimed to evaluate phylogeography of the specie *Artibeus planirostris* and population structure in northeastern Brazil of *A. planirostris* and *Carollia perspicillata*. From the sequence analysis of Cytochrome-B gene, it was possible to observe a pattern in *A. planirostris* specie, which geographically has subgroups result of colonization events. Dating performed in the study coincides with the formation events of environments. When analyzing seven populations of three different phytophysionomic regions in the northeast (Dry Forest, Atlantic Forest and Brejo), it was possible, through ISSR markers, to verify a strong population structure of *A. planirostris* and *C. perspicillata*. However, *C. perspicillata* presented structure at level of phytophysiognomy, a fact not verified in *A. planirostris*. The two species have different foraging behaviors, which justifies the result. Individuals from dry forests are more different from the ones from other environments and more homogeneous between themselves. We believe it is due to natural history of these forests and the displacement in these areas is greater because of the need to look for resources. This work contributed to a better understanding of evolution and dynamics of natural populations of phyllostomid bats in Neotropical region.

Key-words: Biogeography. Chiroptera. Cytb. ISSR. Neotropical Region.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A Região Neotropical possui um mosaico de ambientes, esta característica é uma das razões que faz com que possua uma das maiores biodiversidades do planeta. Em meio a esta riqueza, os mamíferos constituem um dos grupos mais importantes, tanto pela sua ampla distribuição geográfica, quanto pela enorme diversidade de ambientes ocupados pelos seus representantes. O grupo dos morcegos pode representar mais da metade da diversidade em levantamentos mastozoológica na região. Sendo estes organismos de grande importância ecológica e econômica, dispersando sementes, polinizando flores, controlando populações de invertebrados e pequenos vertebrados; além de serem vetores de doenças como raiva, ebola, histoplasmose e salmonelose.

Mesmo com o fato dos quirópteros serem um dos grupos de vertebrados mais representativos entre os mamíferos, o conhecimento sobre estes organismos ainda é incompleto e contraditório entre autores, principalmente em relação à sistemática e evolução do grupo. Contudo, estudos genéticos têm auxiliado no melhor entendimento da origem e evolução das espécies, a relação das populações, os efeitos das mudanças geológicas no padrão de distribuição das espécies e na organização das variações inter e intrapopulacionais. Esta questão tem um significado especial na atualidade devido ao fato de que a diversidade biológica está sendo rapidamente perdida por consequência direta ou indireta das atividades humanas.

Desta forma, estudos ao nível molecular dão o suporte necessário para o melhor entendimento da dinâmica de populações naturais. A espécie *Artibeus planirostris* (Spix, 1823) é uma das espécies de morcegos mais bem estudadas entre os mamíferos neotropicais, também considerada uma das com maior distribuição na Região Neotropical. Embora ainda não exista um estudo preciso e extenso acerca de sua filogeografia. E, no nordeste brasileiro, *A. planirostris* e *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758) estão entre as espécies mais comuns e abundantes, mas pouco se conhece sobre a estrutura destas populações e como o ambiente pode atuar como mecanismo de diferenciação.

Tendo em vista a importância em entender como os eventos naturais da formação da Região Neotropical afetaram a história evolutiva dos morcegos, este trabalho buscou descrever a filogeografia da espécie *A. planirostris* a partir de sequências do gene mitocondrial Citocromo-B. Além disso, o estudo visou avaliar a estruturação populacional desta espécie e de *Carollia perspcillata* em diferentes populações no nordeste do Brasil através de marcadores *Inter-simple sequence repeat* (ISSR).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ORDEM CHIROPTERA

Os morcegos compõem a ordem Chiroptera, do grego *kheir,* mão e *pteron,* asa e são os únicos mamíferos que apresentam voo verdadeiro (Fenton *et al.*, 1992). Os dedos são ligados pela membrana da asa, que consiste de uma dupla camada de pele. Outras adaptações para o voo incluem redução do osso ulna, modificações da cintura escapular, espessamento ou fusão de vértebras torácicas, costelas e de elementos do esterno; além do desenvolvimento de uma quilha no esterno (Gardner, 2007). Algumas espécies podem apresentar fusão de vértebras lombares anteriores e fusão de sétima vértebra cervical com a primeira torácica. Desenvolvimento e especializações de membros traseiros é resultado de adaptações que facilitam as características de voo específicas, como a utilização de locais para dormitório e a coleta de alimentos (Gardner, 2007).

Uma enorme diversidade de hábitos alimentares tem sido encontrada em morcegos, podendo consumir frutos, néctar, pólen, partes florais, folhas, insetos e outros artrópodes (como escorpiões), pequenos peixes, anfíbios (anuros), lagartos, pássaros, pequenos mamíferos (roedores e morcegos) e sangue (Fenton *et al.*, 1992). Estruturas especializadas evoluíram nesse grupo para que pudessem atingir tantas guildas alimentares (Coen, 2002; Sanchez *et al.*, 2012; Gonzales-Terrazas *et al.*, 2016). Esta ampla variedade de hábitos confere aos morcegos grande importância ecológica, pois controlam as populações de insetos, dispersam sementes e polinizam flores (Findley, 1993).

A origem dos quirópteros ocorreu a aproximadamente 65 milhões de anos entre o Cretáceo e o Paleoceno sofrendo uma radiação rápida no Eoceno (Teeling *et al.*, 2005). Esta origem ainda é um tanto obscura pela escassez de registros fosseis, devido ao esqueleto frágil e o ambiente de floresta não ser propício à fossilização (Reis *et al.*, 2011). Os registros fósseis mais antigos são de alguns dentes coletados na França com registro para o Paleoceno que indica uma relação evolutiva com o grupo Eulipotyphla comprovada por análise molecular (Murphy *et al.*, 2001).

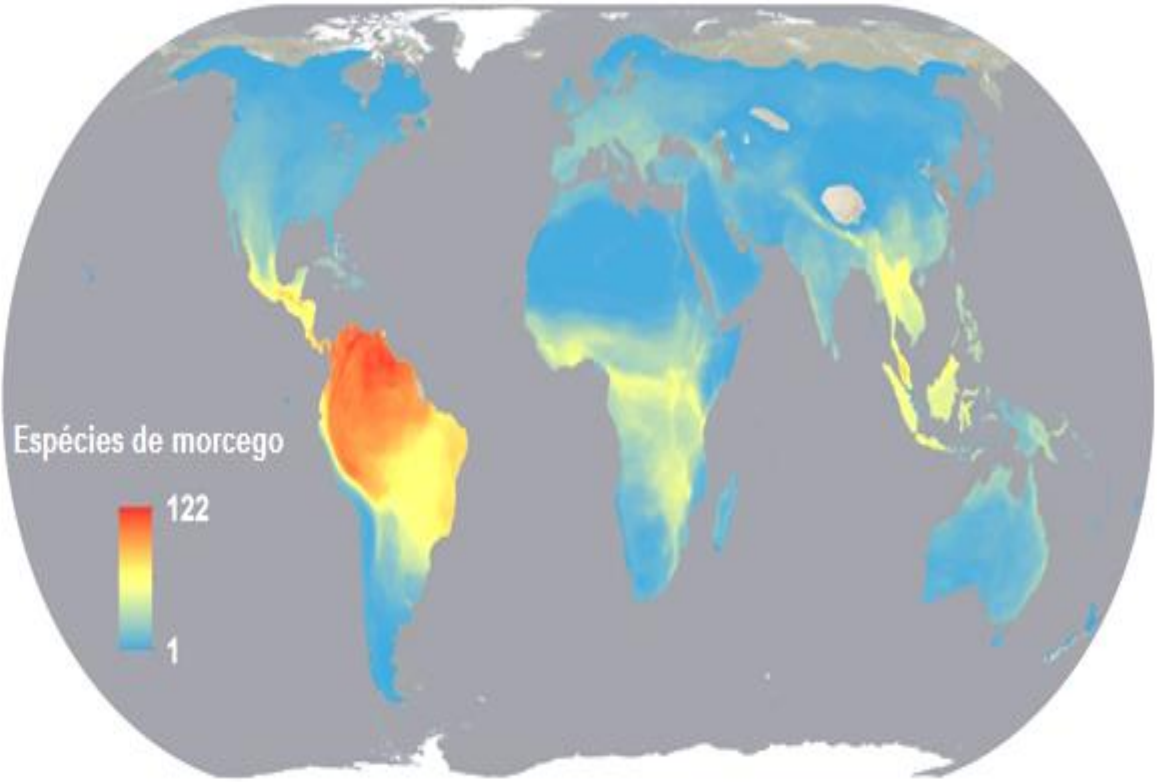
Tradicionalmente, a Ordem Chiroptera subdividia-se em duas subordens: Microchiroptera e Megachiroptera (Koopman, 1993). Os microquirópteros com capacidade de ecolocalização através da emissão de ondas ultrassônicas pela boca ou nariz durante o voo; e os megaquirópetros (morcegos do velho mundo) de maior comprimento, não possuem ecolocalização, mas possuem visão desenvolvida, conhecidos também como “raposas voadoras” (Koopman, 1993). A partir do século XXI trabalhos como o de Jones e Teling (2006) presumiram que a ecolocalização através da laringe seja a forma mais ancestral e que em algum momento esta característica foi perdida (como observado nas “raposas voadoras”), embora outras formas de ecolocalização surgiram por convergência evolutiva. Com base nisso, a evolução dos morcegos foi revista e eles foram divididos em duas subordens, Yinpterochiroptera que abrange as raposas voadoras (superfamília Pteropodidae) e morcegos ecolocalizadores (Superfamília Rhinoliphoidea) e Yangochiroptera com os demais morcegos ecolocalizadores, sendo esta divisão a mais aceita atualmente (Tsagkogeorga *et al.*, 2013).

O sistema de ecolocalização, associado ao voo, é um dos principais responsáveis pela maior diversidade de espécies de morcegos, já que permitiu que explorassem diversos tipos de abrigo e de alimento (Arita e Fenton, 1970; Fenton e Ratcliffe, 2010). Estes organismos habitam diferentes fitofisionomias em todo planeta, além de ser um dos grupos de animais silvestres em maior sinergia com o homem, podendo ser facilmente encontrados em áreas urbanas (Reis *et al.*, 2007).

Esta sinergia tem uma importância socioeconômica, pois os morcegos atuam como reservatórios e vetores de doenças que podem acometer o homem, animais domésticos e silvestres (Bredt e Silva, 1998). Mais de 200 tipos de vírus já foram registrados em morcegos, além de protozoários, fungos e bactérias. Para alguns desses microrganismos foi comprovada a transmissão direta entre morcego e homem como, Raiva, Lyssavirus, Vírus Irkut, Vírus Duvenhage, Ebola, SARS, MERS, Marburg (Allocati *et al.*, 2016). No Brasil é comum a ocorrência de morcegos positivos para o vírus da raiva, independentemente de ser hematófago ou não (Albuquerque *et al.*, 2012; Almeida *et al.*, 2015), do protozoário *Toxoplasma gondii (*Cabral *et al.*, 2014), além dos fungos *Pneumocystis spp*. e *Histoplasma capsulatum* (Veloso *et al.*, 2014).

Dentro da Classe Mammalia, os morcegos são um dos grupos mais diversos, compreendendo aproximadamente 1120 espécies (Simmons, 2005), o que equivale a 22% do total de mamíferos viventes (Wilson e Reeder, 2005). Em muitas áreas das regiões tropicais e subtropicais os quirópteros apresentam uma riqueza de espécies tão significativa que podem representar a maior parte da fauna de mamíferos (Taddei, 1983; Pimm *et al.*, 2014) (Figura 1).

Figura 1 - Distribuição da riqueza de morcegos ao redor do planeta.



Fonte : modificado de Pimm *et al.*, 2014.

De toda a diversidade de quirópteros, a Família Phyllostomidae é a que detém a maior riqueza na Região Neotropical compreendendo seis subfamílias, 44 gêneros e 143 espécies (Gardner, 2007; Tabela I). A etimologia da palavra Phyllostomidae remete a principal característica morfológica que distingue os indivíduos desta Família para outras, que seria a presença de uma membrana nasal em formato de "folha" (Nowark, 1994).

Tabela 1 - Diversidade de subfamílias e gêneros da Família Phyllostomidae na Região Neotropical.

Família	Subfamília	Gênero
Phyllostomidae		
	Carolliinae	
		Carollia
		Rhinophylla
	Desmodontinae	

	Desmodus
	Diaemus
	Diphylla
Glossophaginae	
	Anoura
	Choeroniscus
	Glossophaga
	Leptonycteris
	Lichonycteris
	Scleronycteris
Lonchophyllinae	
	Lionycteris
	Lonchophylla
	Platalina
	Xeronycteris
Phyllostominae	
	Chrotopterus
	Glyphonycteris
	Lampronycteris
	Lonchorhina
	Lophostoma
	Macrophyllum
	Micronycteris
	Mimon
	Neonycteris
	Phylloderma
	Phyllostomus
	Tonatia
	Trachops
	Trinycteris
	Vampyrum
Stenodermatinae	
	Ametrida
	Artibeus
	Centurio
	Chiroderma
	Enchisthenes
	Mesophylla
	Platyrrhinus
	Pygoderma
	Sphaeronycteris
	Sturnira
	Uroderma
	Vampyressa
	Vampyriscus
	Vampyrodes

Fonte: modificado de Gardner, 2007.

Um dos gêneros mais estudados dessa familia é o *Artibeus* (Leach, 1821) considerado um complexo de espécies, pois suas divisões ainda não estão bem resolvidas (Guerrero *et al.*, 2004; Larsen *et al.*, 2007; Redondo *et al.*, 2008). As espécies do gênero estão distribuídas em toda região Neotropical compreendendo pelo menos 10 espécies (Simmons, 2005). Estas espécies têm sido usadas em pesquisas de diversos campos da ciência: biogeografia, ecologia, genética, morfologia, comportamento e fisiologia (Studier *et al.*, 1983; Melo *et al.*, 2012; Puga *et al.*, 2013; Ferreira *et al.*, 2014; Garcia *et al.*, 2014; Gutiérrez *et al.*, 2014a; Carvalho-Neto *et al*., 2016).

A espécie *Artibeus planirostris* destaca-se pela ampla distribuição e versatilidade ambiental ocupada. Este táxon é frugívoro e ocorre em grande parte do continente (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela e Suriname) além das Antilhas, possui pelagem acinzentada e listas faciais mais claras e discretas possui antebraço entre 62 a 73 mm (Figura 2) (Hollis, 2005; Gardner, 2007; Reis *et al.*, 2007; Garcia *et al.,* 2014; Carvalho-Neto *et al.*, 2016).

Figura 2 - Espécime de *A. planirostris* coletado com rede de neblina em Serra Talhada-PE

Fonte: acervo pessoal.

Além do gênero *Artibeus*, o gênero *Carollia* Gray 1838 exerce uma forte presença em estudos desenvolvidos na região Neotropical em diferentes áreas, como por exemplo, ecologia (Fischer *et al.*, 2014), comportamento (Fasel *et al.*, 2017), estrutura genética (Ripperger *et al.*, 2014), dispersão de sementes (Salazar *et al.*, 2013) e filogenia (Hoffman e Baker, 2003). Sendo a espécie *C. perspicillata* (Linnaeus, 1758) a mais bem distribuída na região ocorrendo do México ao Peur, Bolívia, Paraguai, Brazil e Guianas, além das Antilhas (Gardner, 2007, Reis *et al.*, 2011). É um animal com pelagem amarronzada, seu lábio inferior é em formato de "V" com uma verruga maior no centro e verrugas menores circundando o lábio, com antebraço variando entre 38 e 44 mm. Alimenta-se predominantemente com vegetais complementando a dieta com insetos e néctar (Figura 3) (Ortêncio-Filho *et al.*, 2007).

Figura 3 - Espécime de *Carollia perspicillata* coletado em Igarassu-PE.

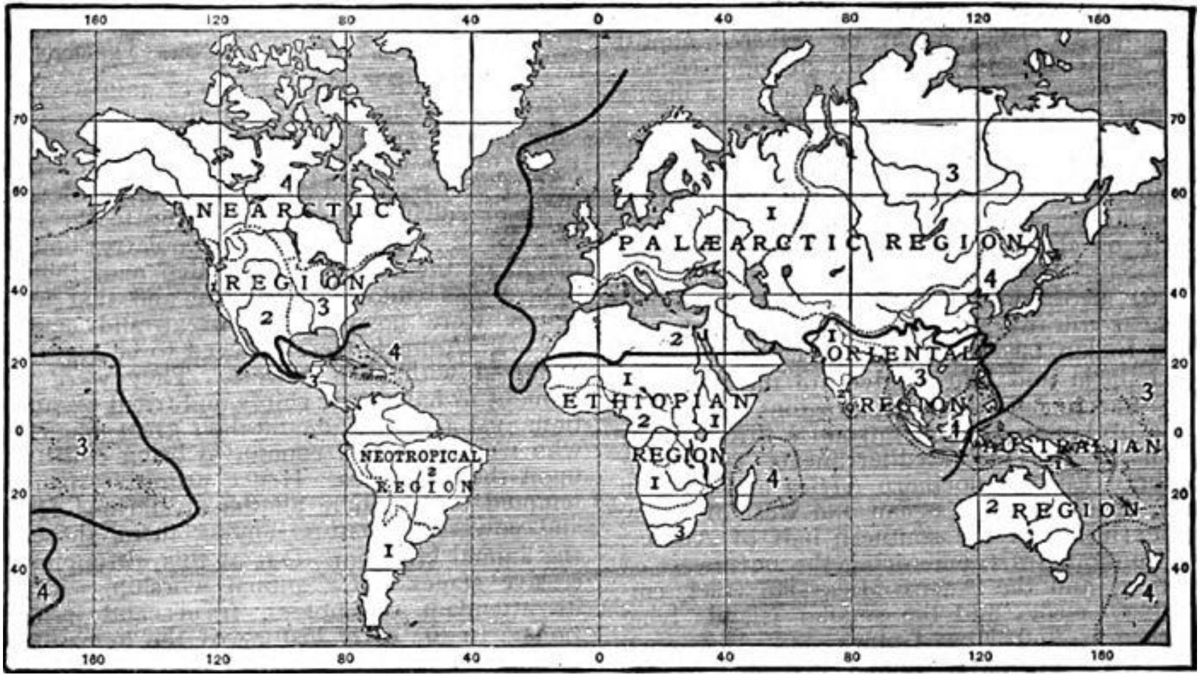
Fonte: acervo pessoal.

2.2 REGIÃO NEOTROPICAL

Discussões e estudos em diversas linhas foram necessários para entender a história da Região Neotropical. Sclater (1858, *apud* Morrone, 2014) a partir de pesquisa com aves, dividiu o planeta em seis sub-regiões que possuíam características faunísticas distintas (Figura 4). Após aplicar esta divisão em outros vertebrados, Wallace (1876) aceita este esquema proposto. De acordo com os dois autores, a Região Neotropical compreende desde o sul do México até a Terra do Fogo, também compreendendo as pequenas Antilhas, Galápagos e Ilhas Malvinas. Contudo, não há um consenso entre autores, pois alguns desconsideram a região sudeste da América do sul afirmando haver ligação com outras regiões do planeta como Austrália e África (Amorim e Tozoni, 1994; Morrone, 2002; Moreira-Munoz, 2007).

Além disso, existe um *senso stricto* que exclui a região dos Andes da Região Neotropical. Sendo esta considerada uma zona de sobreposição entre região Neártica e Neotropical (Morrone, 2006).

Figura 4 - As regiões zoogeográficas globais de acordo com Sclater e Wallace.



Fonte: Ingersoll, 1920.

Segundo Morrone (2014) ocorreram seis eventos históricos marcantes nessa região: (1) a ligação entre América do sul e do norte no período jurássico que permitiu a dispersão da biota neotropical a América do norte e vice-versa; (2)

as Antilhas passaram por um processo de vicariância que se iniciou no período Cretáceo; (3) a separação da Região Neotropical em duas partes que seriam o sudeste e o noroeste da América do sul devido à formação de um grande lago pela junção das bacias dos rios Mamoré, Negro e Amazonas no período Cretáceo; (4) a elevação dos Andes que causou uma vicariância na região da Floresta Amazônica que ocorreu desde o cretáceo ao plioceno; (5) a separação da Amazônia causada pela invasão do mar no Plioceno e consequente formação de um mar continental; e (6) a vicariância entre o Chaco paraguaio com a Floresta Atlântica, estando relacionada com a junção das bacias do Paraná e Parnaíba ocorrida no Paleoceno.

Estes eventos tiveram um papel significativo na dispersão da biota na região atuando diretamente, pois a gama de ambientes heterogêneos foi responsável pelos padrões de distribuição geográfica das espécies (Patterson, 2000).

2.2.1 Formação dos Andes e Diagonal Seca Neotropical

O processo causado por subducção de placas tectônicas foi o responsável pela elevação dos Andes, embora não tenha ocorrido em um momento único, mas, sim, em sucessivos eventos ao longo da história que perduram até hoje (Hoorn *et al.*, 2010). O início da elevação dos Andes ocorreu no Cretáceo, todavia um dos momentos de elevação mais conspícua foi durante o mioceno (23-7 milhões de anos) e no Plioceno (~4,5 milhões de anos) (Hoorn *et al.*, 2010; Mora *et al.* 2010).

A elevação dos Andes reconfigurou a área da Amazônia (Garzione *et al.*, 2008), pois a medida que a elevação superou 2km isso levou a alterações climáticas causando aumento na precipitação da porção leste. Esta mudança climática resultou em maior elevação, erosão e sedimentação. Isto pode ser observado na mudança de registro de deposição para as planícies amazônicas e andinas (Strecker *et al.*, 2009; Poulsen *et al.*, 2010). A maior deposição de sedimento associada ao sistema de rios da região formou áreas úmidas de lagos e pântanos chamados “Pebas”, colonizados por molucos, ostracodes e répteis (Wesseling e Salo, 2006; Hoorn *et al.*, 2010). No final do Mioceno a elevação mais conspícua ocorrida acarretou erosões profundas e como consequência formou o delta aluvial amazônico na costa atlântica (Uba *et al.*, 2007). Com o carreamento dos sedimentos para o Atlântico e a regressão do oceano, o Rio Amazonas pôde se estabelecer em 7 milhões de anos (Figueiredo *et al.*, 2010). Outro processo ligado a formação dos Andes é o estabelecimento do istmo do Panamá (3,5 milhões de anos) que permitiu extensiva migração de fauna proveniente da América do Norte (Morrone, 2005).

Outra importante formação ambiental ocorrida na região Neotropical é a diagonal seca (*diagonal dry belt*) caracterizada por baixas precipitações e alta sazonalidade. Esta formação xérica se estende por três domínios: a Caatinga no Nordeste do Brasil; o cerrado na região central do Brasil; e o Chaco no Paraguai, Argentina, Bolívia (Prado e Gibbs, 1993). Os primeiros estudos ecológicos realizados na região da diagonal seca apontaram para um ambiente de pouca diversidade e baixa taxa de endemismo (Vanzolini, 1963). Contudo, na última década, esta formação xerica mostrou-se significante para a diversidade neotropical (Oliveira e Maquis, 2002; Leal *et al.*, 2005; Nogueira *et al.*, 2011; Garcia *et al.*, 2014). Devido sua localização entre a Floresta Atlântica e Amazônica esta região atua diretamente no fluxo e consequentemente evolução de espécies, atuando como uma barreira ecológica para os mesmos (Martins *et al.*, 2009; Pelegrino *et al.*, 2011; Ferreira *et al.*, 2014).

2.3 FLORESTA ATLÂNTICA E SAZONAL SECA NO NORDESTE DO BRASIL

A Região Nordeste do Brasil possui dois importantes biomas: a Floresta Atlântica, com vários ecossistemas associados, e a Caatinga considerada uma Floresta Tropical Sazonal Seca (Seasonally Dry Tropical Forest - SDTF)((Prado e Gibbs, 1993). Em relação à Floresta Atlântica, resta apenas pouco mais de 7% de floresta original, sendo considerada um dos 25 “hotspots” do mundo. Dentro deste domínio são reconhecidas seis sub-regiões: Brejos Nordestinos, Pernambuco, São Francisco, Diamantina, Bahia e Serra do Mar. Além dessas sub-regiões são reconhecidas duas sub-regiões de transição: a Florestas de Interior e as Florestas de Araucária (Silva e Casteleti, 2003; Galindo-Leal e Gusmão-Câmara, 2005)

A sub-região Pernambuco é uma das mais destruídas, apresentando menos de 5% de sua superfície original (Silva e Casteleti, 2003). Dentro desta sub-região a Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos reconhece

25 unidades de conservação de proteção integral para a Mata Atlântica, com extensões que variam entre pouco mais de 10 ha e quase 1.100 ha, a maioria delas apresentando uma superfície de aproximadamente 100 ha (CPRH, 2006). Inseridos na Caatinga podemos encontrar os Brejos Nordestinos que são “ilhas” de Mata Atlântica. Aproximadamente 25% da Mata Atlântica da região Nordeste do Brasil está nos Brejos. No Nordeste são reconhecidos 43 Brejos, dos quais 23 estão no Estado de Pernambuco. Dentro dos Brejos localizados em Pernambuco, apenas quatro deles apresentam algum tipo de reserva ecológica destinada a sua proteção: Parque Nacional do Catimbau, Reserva Biológica de Serra Negra, Parque Ecológico João Vasconcelos Sobrinho e RPPN-Fazenda Bituri (Pôrto *et al.*, 2004).

A crença de que as florestas secas são um ambiente pobre levou por muito tempo a exclusão desta região das políticas públicas para o estudo e a conservação da biodiversidade do país. No entanto, vários estudos vêm mostrando que estas abrigam uma alta biodiversidade (Rodal, 1992; Garda, 1996; Silva e Oren, 1997; Oliveira *et al.*, 2003, Garcia *et al.* 2014; Carvalho-Neto *et al.* 2016). Aproximadamente 40% da cobertura florestal tropical e subtropical, correspondem a florestas secas (Pennington *et al.*, 2000).

As SDTFs se estendem de zonas equatoriais a regiões subtropicais do planeta, onde durantes vários meses sofrem severo período de seca com pluviometria anual não ultrapassando de 1600 mm, distingue-se das savanas pela presença de árvores dominadoras, compreendendo, ocasionalmente, um sistema de dosséis (Bullock *et al.*, 1995; Kauffman *et al.*, 2003). A vegetação é predominantemente decídua durante a estação seca, embora nas florestas mais secas haja um aumento acentuado em espécies suculentas (Mooney *et al.*, 1995).

Muitas das florestas secas são reconhecidas como *hotspots* de biodiversidade devido à alta riqueza de espécies, alta taxa de endemismo e destruição de Habitat (Myers *et al.*, 2000; Trejo e Dirzo, 2000). Apesar disso, apresenta menos atenção por parte dos pesquisadores em relação às florestas úmidas. Menos de 20% dos artigos que avaliaram florestas tropicais trabalharam com Florestas secas (Sanchez-Azofeifa *et al.*, 2005).

As SDTFs da região nordeste do Brasil são consideradas criticamente ameaçadas (Trejo e Dirzo, 2000), até mais que as florestas tropicais chuvosas (Gentry, 1995). Podendo o cenário ser ainda pior tendo em vista que avaliações quantitativas do estado de conservação desses remanescentes são extremamente escassas (Trejo e Dirzo, 2000). As causas mais comuns da destruição desses ambientes é a conversão das áreas florestais em pastos e plantações (Maass, 1995).

2.4 MARCADORES MOLECULARES UTILIZADOS EM FILOGENIA E FILOGEOGRAFIA

Os estudos genéticos podem ajudar no conhecimento da diversidade que as espécies possuem e, assim, auxiliar a manter as espécies como entidades dinâmicas capazes de se adaptar às mudanças ambientais. Esta questão é muito importante na atualidade, devido à diversidade biológica está sendo rapidamente perdida por consequência direta ou indireta das atividades humanas. A genética ecológica, como todos os componentes da biologia da conservação, tem como objetivo reduzir a taxa de extinção e preservar a biodiversidade (Frankham *et al.*, 2002). O estudo da biodiversidade, ao nível molecular, de vários organismos em diferentes ambientes nos permite estabelecer que locais possuam maior diversidade genética. Dessa forma, determinando valor de cada ambiente e sua importância como área de conservação do patrimônio genético das espécies investigadas (Galindo-Leal e Gusmão-Câmara, 2005).

Na década de 70 houve o surgimento de metodologias capazes de decifrar as sequências de DNA, como eletroforese, reações de hibridação e sequenciamento, aliadas à implantação da técnica de reação em cadeia da polimerase (PCR) (Mullis e Faloona, 1987). Com isto, os pesquisadores tiveram acesso a uma variedade de tecnologias para utilizar as variações das sequências de DNA do núcleo ou de organelas como marcadores informativos para os mais diversos estudos (Mattevi, 2003).

O estudo de genes nucleares são usado para análise de variação alélica (Schad *et al.*, 2012), padrões de seleção e estrutura populacional (Schad *et al.*, 2011), variação genética em populações (Ricanova *et al.*, 2011), associação com infecção viral e parasitária (Froeschke e Sommer, 2012), análises filogenéticas (Musolf *et al.*, 2004) e estudos de associação com doenças (Ueda *et al.*, 2003). Apesar disso, ao longo das décadas, foram desenvolvidas outras formas de utilização do DNA nuclear como, por exemplo, Inter-Simple Sequence Repeat

(ISSR). Técnica fundamentada no anelamento de oligonucleotídeos iniciadores dentro de microssatélites e amplificação, pela técnica de PCR, das regiões entre microssatélites. A técnica de ISSR apresenta alta taxa de replicabilidade, uma vez que os oligonucleotídeos iniciadores apresentam um local fixo de ligação e uso de âncoras que impedem o mau pareamento, onde se anela no limite do microssatélite (ISSR ancorados). Outra vantagem apresentada por esta técnica é que permite analisar a variabilidade total do genoma sem a necessidade do conhecimento prévio do mesmo (Bornet e Blanchard, 2001).

Nas últimas duas décadas esta técnica tem sido amplamente utilizada em estudos ecológicos e evolutivos para estimar a diversidade genética de diferentes espécies animais e vegetais, determinar estruturação genética, avaliar hibridização e no campo da genética da conservação (Lu et al., 2006; Vijayan et al., 2006; Antunes et al., 2010; Lin et al., 2012; Manrique-Poyato et al., 2013; Quezada et al. 2014; Rodríguez-Rodríguez et al., 2015).

Além de marcadores nucleares, a análise do DNA mitocondrial (DNAmt) vem sendo amplamente realizada. O DNAmt caracteriza-se por ser haplóide, circular, e apresentar tamanho pequeno, aproximadamente 16.500 pares de bases em eucariotos(Shimko *et al.*, 2001). Maior parte do genoma mitocondrial é codificante e acumula substituições de bases, inserções e deleções com uma taxa média de 5 a 10 vezes mais rápida do que o DNA nuclear (Shenkar *et al.*,1996).

Um dos principais genes mitocondiais é *Citocromo B* (CytB), amplamente utilizado em estudos genéticos de espécies naturais. A larga preferência do uso deste gene é justificada pelo fato de que a dinâmica evolutiva e as características do seu produto protéico são bem conhecidos, além de ser um dos genes de vertebrados mais extensamente sequenciado (Johns e Avise, 1998). Os níveis de divergência genética associados a espécies irmãs, de mesmo gênero, gêneros de mesma família e, ainda, grupos da mesma espécie estão em uma faixa em que o gene *CytB* é filogeneticamente informativos. Não sendo comprometido por efeitos de saturação envolvendo substituições de nucleotídeos sobrepostos (Meyer, 1994). Este gene vem sendo utilizado em estudos filogeográficos, filogenéticos, taxonômicos e estruturação populacional (Clancy *et al.*, 2011; Nicolas *et al.*, 2012; Ferreira *et al.*, 2014).

2.5 FILOGEOGRAFIA E ESTRUTURAÇÃO GENÉTICA DE MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS

A Biogeografia de espécies, indivíduos ou múltiplas espécies co-distribuídas, avaliada através de métodos moleculares tem sido produtiva e amplamente utilizada para elucidar a diversificação da biota da Terra (Edwards e Beerli, 2000). O Termo Filogeografia, proposto por Avise *et al.* (1987), é o estudo que aborda os princípios e processos que governam a distribuição geográfica de linhagens genealógicas ao nível intra e interespecífico, tendo como objetivo caracterizar essas linhagens. A filogeografia é uma área da Biogeografia em que o estudo se dá por análise de clados monofiléticos inferidos a partir de estudos filogenéticos (Avise, 1994). Estudos nesse campo envolvem o uso de um ou mais marcadores moleculares que possuam caracteres informativos e um dos mais utilizados são os genes por adequar-se bem a examinar variação geográfica genética e fornecem maior resolução a padrões intraespecíficos (Avise, 2000). Com esses dados é possível fazer inferência sobre processos históricos de demografia e migração, importantes para identificar padrões de dispersão (Hickerson *et al.*, 2010). Além disso, informações deste tipo são primordiais na manutenção de projetos de finalidade conservacionistas (Avise, 2009). Contudo, este ainda é um campo de estudo recente que não possui densidade significativa de trabalhos, o que leva a presumir que esta é uma área fértil a novas descobertas.

Organismos que possuem uma distribuição ampla e grande capacidade de dispersão mostram-se verdadeiros desafios para os pesquisadores (Rissler *et al.,* 2010). Os morcegos, devido ao voo, têm uma capacidade de se dispersar por longas distâncias, isso gera um interesse por parte dos biólogos evolucionistas. Potencialmente, eles podem exibir padrões filogeográficos diferentes de outros organismos não alados. Em geral, os morcegos apresentam baixa divergência genética e pouca estrutura genética quando comparada a outros mamíferos, chegando a ser 10 vezes menor do que o valor encontrado para os roedores e marsupiais, para distâncias que são 10 vezes maiores. Este fato estar relacionado à grande capacidade de vagilidade dos morcegos (Ditchfield, 2000).

Segundo Holanda *et al.* (2012) a família Phyllostomidade, em geral, tem um mesmo padrão de dispersão no continente americano. Contudo os vários acidentes geográficos e complexa radiação de espécies que a região possui pode ter causado, em alguns grupos, um padrão específico. Anteriormente a este estudo, Ditchfield (2000) descreveu um padrão filogeográfico geral e estruturação populacional para os morcegos na região neotropical. Neste estudo ele encontrou baixa variação intraespecífica o que foi corroborado por estudos posteriores (Hoffmann e Baker, 2003; Lamb *et al.*, 2012). Mutação, deriva genética e a seleção natural favorecem adaptações as condições ambientais o que acarreta diferenciação intraespecífica. Esta modificação local reflete a estrutura genética de uma espécie. Existem métodos diretos para estimar a estruturação baseada em dados moleculares (Slatikin 1987). Em morcegos não é clara a estruturação genética de várias espécies, mas espécies de morcegos filostomídeos apresentam um padrão de adaptação ligado ao tipo de ambiente ou por isolamentos devido a eventos históricos (Hoffman e Baker, 2003; Martins *et al.*, 2009; Larsen *et al.*, 2010).

Algumas espécies mostraram uma forte estruturação populacional em gradientes ambientais, como por exemplo, *Desmodus rotundus, Artibeus obscurus* e *Carollia perspicillata* (Hoofman e Baker *et al.*, 2003; Martins *et al.*, 2009; Ferreira *et al.*, 2014). Várias espécies se dispersaram para novos habitats em busca de alimento, como ocorreu com o gênero *Carollia* (Hoffman e Baker, 2003). Estudos genéticos serviram para mostrar que espécies como *Artibeus jamaicensis* se dispersaram para o leste, provavelmente por causa do melhor habitat com o surgimento de refúgios florestais durante o Pleistoceno (Holanda *et al.*, 2012). Contudo, o entendimento das diferenciações genéticas ao longo do gradiente espacial das espécies da região ainda não é claro. Além do mais, a compreensão deste tema auxiliará não só no conhecimento da evolução das espécies, mas também a formação histórica da região.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a diversidade genética das espécies de morcegos *Artibeus planirostris* e C*arollia perspicillata* ao nível inter e intrapopulacional.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever a filogeografia e avaliar a história demográfica da espécie *A. planirostris*.
2. Entender como a formação dos ambientes neotropicais afetaram a diversificação de *A. planirostris.*
3. Realizar datação dos eventos de vicariância sofridos pela espécie *A. planirostris.*
4. Mensurar a estruturação genética populacional em diferentes ambientes para os morcegos *A. planirostris* e *C. perspicillata.*
5. Relacionar caracteristicas biologicas de *A. planirostris* e *C. perspicillata* com a estruturação genética das populações.

4 CAPÍTULO I

Submitted for publication in the Journal of Mammalogy

ISSN: 0022-2372 IF: 2.304

Running Heading: Phylogeography of the *A. planirostris*

Phylogeography, population genetic structure and demographic history of flat-faced fruit-eating bat *Artibeus planirostris*

FRANCISCO G. DE CARVALHO-NETO*, LUCAS GONÇALVES DA SILVA, MARIA DE M. D. MAIA, ANA C. L. GARCIA, VALDIR DE Q. BALBINO, MARTIN A. MONTES, AND NEIDE SANTOS

Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Genética, Avenida Prof. Moraes Rego, Recife – PE, Brazil (FGCN, VQB, NS)

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n., Recife – PE, Brazil (LGS, MMDM, MAM)

Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico de Vitória, Rua Alto do Reservatório, s/n., Vitória de Santo Antão – PE, Brazil (ACLG)

*Correspondent: carvalhonetofg@gmail.com

Bats are among the most representative mammals in the Neotropical region, and have gone through various natural history events that promoted the complex dispersal of their species. This group may present distinct evolutive histories in comparison with other representatives of this class. *Artibeus planirostris* is one of the most common bat species in the Neotropical region, with widely geographic distribution. The genetic structure of several species living in that territory was affected by geo-climatic events, such as the Andean uplift, the separation of the Antilles, and the rise of the South American diagonal dry belt, which split the Amazon and the Atlantic Forests in the past. This study evaluated the phylogeographic patterns of *A. planirostris* based on the analysis of 110 cytochrome *b* gene sequences from 41 locations across their entire geographic range. Phylogeographic trees divided the species into two major groups: one in west portion of the Amazon Forest, which separated probably 3.44 Ma.; and another in the eastern region subdivided in two smallest groups along the diagonal dry belt, separated about 2.12 Ma. This geographic structure was strongly supported statistically. The data obtained did not afford to identify vicariance events that separated the Antilles from the South American continent, and the samples collected in these islands were closer genetically to the representatives from the eastern Amazon Forest. AMOVA analysis revealed that 54% of variation is due to differentiation between groups. Our study suggests that the genetic differentiation of *A. planirostris* reflects a colonization model, and such pattern was caused by the geo-climatic modifications of the Andean uplift and interglacial cycles in the Neotropics.

Os morcegos estão entre os animais mais representativos da região Neotropical, tendo sofrido diferentes eventos históricos naturais responsáveis pela complexa dispersão de suas espécies e podem apresentar histórias evolutivas distintas em comparação com outros representantes desta classe. Na região Neotropical *Artibeus planirostris* é uma das espécies de morcegos mais comuns e com maior distribuição geográfica. Neste território várias espécies tiveram sua estrutura genética afetada por eventos geoclimáticos como a elevação da Cordilheira dos Andes, a separação das Antilhas e a diagonal seca na América do Sul, que separou as Florestas Amazônica e Atlântica. Este estudo avaliou os padrões filogeográficos de *A. planirostris* pela análise de 110 sequências do gene mitocondrial citocromo *b* em 41 localidades, cobrindo toda a distribuição geográfica da espécie. As árvores filogeográficas foram suportadas estatisticamente e mostraram uma divisão em dois grupos principais, um incluindo a porção oeste da Floresta Amazônica e os outros no lado leste com as demais amostras, com provável separação há 3.44 Ma. O grupo do lado leste se subdividiu em dois pela diagonal seca há aproximadamente 2.12 Ma. Os dados não permitiram identificar o evento de vicariância que separou as Antilhas do continente sul americano, sendo as amostras destas ilhas geneticamente mais próximas de representantes do leste da Floresta Amazônica. A AMOVA revelou que 54% da variação devem-se à diferenciação entre grupos. Nosso estudo sugere que a diferenciação genética de *A. planirostris* reflete um modelo de colonização causado pelas modificações geoclimáticas da elevação dos Andes e ciclos interglaciais.

Key words**:** ABC, Biogeography, CytB, Neotropical region, mtDNA.

Widely distributed species that have adapted to different environments are suitable models in studies that aim to elucidate diversification and biogeographic patterns. According with Perez et al. (2016), one of the most intriguing questions that remain unanswered in biogeography for the last decades is the duality between vicariance and colorization. Bioclimatic and landscape features may play an important role and can affect drastically the biology of many species, forcing their dispersion (Rolland et al. 2015). Additionally, territories posing physical obstacles that may have restricted gene flow between populations in the past are especially interesting in this kind of studies (Martins et al. 2009).

In this context, bats are an interesting group for biogeographic investigations. Chiroptera order, comprehend these animals is one of the planet's most abundant and diversified groups of mammals, living in all continents of the globe. This order includes 18 families, 202 genera, and approximately 1,120 species (Simmons 2005). Chiropterans represent roughly one fourth of the world's mammal species (Wilson and Reeder 2005), and about half of this class's richness lives in Neotropical forests (Simmons and Voss 1998). These organisms play a key role in ecosystem balance, helping to control insect populations, dispersing seeds, and pollinating flowers (Findley 1993; Muchhala 2013). Furthermore, they potentially transmit diseases such as white-nose syndrome, rabies, and histoplasmosis (Bredt and Silva 1998; Foley et al. 2011).

Artibeus (Leach 1821) is distributed in Neotropical region, and comprises more than 10 bat species (Guerrero et al. 2004; Simmons 2005; Larsen et al. 2007; Redondo et al. 2008). *Artibeus planirostris* (Spix 1823) is an ecologically versatile frugivorous species very common in South America being found in the most part of that continent and in Antilles. Their southern distribution limit encompasses Paraguay, southern Brazil and northwest Argentina. A wide and strong distribution gap of *A. planirostris* is observed in central Brazil, where xeromorphic environments like the Cerrado and the Caatinga biomes prevail (Hollis 2005; Gardner 2008; Reis et al. 2007; Garcia et al. 2014; Carvalho-Neto et al. 2016).

The present study investigated the phylogeography, the population genetic structure and molecular data for *A. planirostris.* Different and non-exclusive hypotheses that may explain how distribution of this species was affected by biogeographic events in space and time were evaluated. We considered two different mechanisms as competitive hypothesis: (I) Vicariance processes that promoted the Andean uplift in South America and rising of the Neotropical diagonal dry belt with associated bioclimatic events; or (II) Colonization processes caused by different subpopulations that altered genetic structure during recent bioclimatic cycles of the Earth's recent geological history.

MATERIAL AND METHODS

Sampling and DNA sequencing.— Sequences of *A. planirostris* were obtained from 41 locations across the entire distribution range of the species (Fig. 1). Samples were identified following the key proposed by Gardner [2008] and blood was collected from each individual and stored in tubes containing EDTA (5%) for subsequent analyses. This procedure was approved by *Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade* (ICMBIO - license number 12264-1) and local ethics committee on animal use (license number UFRPE 067/2015). DNA extraction was performed according to a modified version of the salting out method described by Medrano et al. (1990). Mitochondrial cytochrome *b* gene (CytB) was partially amplified by polymerase chain reaction (PCR) using primers MVZ5 and MVZ16 (Smith and Patton 1993) in a final reaction volume of 25 µL containing 50-60 ng of DNA, 2 µm of each primer, 0.2 mM DNTP, 1.5 mM $MgCl_2$, 2.5 µL 1X reaction buffer, and 1.25 U Taq DNA polymerase (Invitrogen kit®). PCR procedure consisted of an initial denaturation step at 94 °C for 5 minutes; 35 cycles of denaturation at 94 °C for 1 minute, annealing at 52 °C for 1 minute, and extension at 72 °C for 2 minutes; and a final extension step at 72 °C for 5 minutes. PCR products were purified with a polyethylene glycol solution (20% PEG 8000, 2.5M NaCl) as described by Sambrook and Russel (2001), and DNA length was analyzed and quantified in agarose gel. DNA sequencing was accomplished in an Abi Prism 3500 Genetic Analyzer® (Applied Biosystems, Foster City). Generated dataset containing CytB was used to select additional sequences from GenBank, and all of them containing the region between locus +30 and locus +746 of the gene (sequence length 716 bp).

Phylogenetic analysis.— Sequences of CytB gene were aligned and edited using the program Molecular Evolutionary Genetics Analysis (MEGA) version 6 (Tamura et al. 2013). Parameters of nucleotide and haplotype diversity were calculated with DNAsp version 5.1 (Rozas et al. 2003). The most appropriate evolutionary model of nucleotide substitution for sequences was calculated by the Akaike Information Criterion (AIC) in jModelTest 2.1 (Darriba et al. 2012). The model TIM1 (Posada 2003), with proportion of invariant sites (*pinvar* = 0.665), was selected. This model was used in the Maximum Likelihood (ML) analysis. ML branch support was estimated using the approximate Likelihood-Ratio Test (aLRT) performed in PhyML 3.1 (Guindon and Gascuel 2003). Bayesian inference (BI) was performed using the program MrBayes 3.2.2. Four Markov Chain Monte Carlo (MCMC) simulations were run for $5x10^6$ generations with a sampling frequency of every hundred generations and burn-in of 25%. For the other variables, we used default parameters. Trees were sampled for every one hundred generations. Node support of BI was evaluated by posterior probability (Huelsenbeck and Ronquist 2001). Also, *A. inopinatus* (U66501), *A. hirsutus* (U66500), *A. fraterculus* (DQ869389), *A. fimbriatus* (KT149211, generated in this study), *A. amplus* (AY642924), and *A. jamaicensis* (DQ869447) were used as outgroups, based on the phylogenetic proximity defined by Redondo et al. (2008).

Molecular dating.— Divergence dates were estimated with the software BEAST version 1.5 using the Yule tree prior (Drummond and Rambaut 2007). The 11.7 Ma calibration obtained for the diversification of the *Artibeus* genus was used (Redondo et al. 2008).

Population structure and demographic history.— Analysis of Molecular Variance (AMOVA), Tajima's D and Fu's Fs neutrality tests (Tajima 1989; Fu and Li 1993; Fu 1997) were performed for the same groups defined in our study (*a prior*), and were carried out using the software Arlequin version 3.5.1.2, with number of permutation 99999 and significance level 0.05 (Excoffier and Lischer 2010). Both neutrality tests assume that groups are in mutation-drift and migration-drift equilibrium. Significant values for either may indicate that the populations are not evolving in a neutral selection or that they were previously subdivided and/or have practiced past population growth (Morando et al. 2004).

In order to understand better scenario from the origin of the actual geographic distribution of *A. planirostris*, we evaluated the posterior probability (PP) of the distinct historic scenarios (including different possibilities for vicariance and / or colonization). To do that, we employed Approximate Bayesian Computation approach (ABC) (Beaumont et al. 2002) as implemented in the software DIY ABC v. 1.0.4 (Cornuet et al. 2008). Phylogeographic tree topology was defined as baseline and reference for each population considered in the ABC analysis (details are showed in the Figure 1). Seven possible scenarios were tested (a-g), as follow: (a) vicariance 1+2+3; (b) vicariance 2, 3+1; (c) vicariance 3, 2+1; (d) vicariance 1, 2+3; (e) colonization from 1+3 to 2; (f) colonization from 1+2 to 3; and (g) colonization from 2+3 to 1.

RESULTS

We obtained a total of 110 individual sequences of CytB gene of 110 individuals. Haplotype numbers, location information, as well as GenBank vouchers and access numbers are shown in Supplementary Data S1. An overview of polymorphism data revealed 121 variable sites and 126 mutations. High haplotype (*hd* = 0.984) and low nucleotide ($\pi = 0.01536$) diversity values were observed.

Phylogeography of A. planirostris.— Phylogeographic trees produced using different methods (ML and BI) showed similar topology, with two main monophyletic clades whose approximate divergence time was 3.44 Ma (95% HPD: 2.08–4.89). One of the clades grouped individuals from the [1] Western Amazon Forest (WAF), while the other was composed by two subclades representatives from [2] Atlantic Forest (AF) plus Dry Forests (DF) and [3] Lesser Antilles (LA) plus Eastern Amazon Forest (EAF). The subdivision of this subclade was dated at 2.12 Ma (95% HPD: 1.27-2,96) (Fig.1 and 2).

Population structure and Demographic history.— Using the clusters observed in the phylogeographic tree, AMOVA analysis revealed the robust genetic structure of *A. planirostris* (Fst = 0.54, see supplementary data S3). The results of the Tajima's D and Fu's FS neutrality tests were negative and significant for the entire data set and for the clusters obtained in the present study (Table 1).

The ABC analysis strongly support the scenario "f" (colonization from 1+2 to 3) as most probably, demonstrating that the population of *A. planirostris* located in the east portion of the Amazon forest and Antilles (defined as "3") is a result of a colonization event. This population rise by an admixture between populations from western portion of Amazon forest (defined as "1") and Atlantic forests and Dry forests (defined as "2"). See details in the Table 2. The other scenarios tested and refused may be viewed in the Supplementary data S2.

DISCUSSION

Phylogeographic trees of CytB gene were constructed using samples representing the distribution of *A. planirostris* and indicate the existence of three groups geographically delimitated by different environments. Separation of the group that correspond to West portion of Amazon forest occurred approximately 3.44 Ma ago, which coincided with the early Pliocene period. The most conspicuous stage of the Andean uplift occurred exactly in this period, and leads to a strong modifications in the West and east portion of this biome (Hoorn et al. 2010). Geological evidence suggests that modifications in Central South America occurred progressively, one of the steps was alteration in drainage features of the Amazon River, from the western Andes to northeastern Amazonia during the Pleistocene (Frailey et al. 1988; Da Silva and Patton 1998). During and late the event of Andean uplift, the East portion of Andes increase significantly the precipitation and moisture index, these changes allowed a highly sediment deposition in this regions and important bioclimatic modifications (Hoorn et al. 2010; Poulsen et al. 2010). This gradative increase in the sediment deposition occurred from West to East Amazon, causing changes in river flows and leading to the biome conformations that we can find actually (Toivonen et al. 2007). This period was very intense for biodiversity radiation, such as plants (Hugues and Eastwood 2006) and even mammals (mustelíds, carnívors and perissodactils) (Cione et al. 2007). This scenario is very important considering that the dispersion of *A. planirostris* and the formation of the geographic structure encountered in our study for the species might be related with these biogeographic events.

Accordingly with our tree AF + DF, and LA+EAF are delimitated by the diagonal dry belt formed especially by xeric landscapes (Koopman 1976; Silva et al. 2001). Such geoclimatic event has affected the population structure of several bat species, including *Lonchorhina aurita* (Lopes and Ditchfield 2009), *Desmodus rotundus* (Martins et al. 2009), *Artibeus obscurus* (Ferreira et al. 2014) and *Carollia perspicillata* (Pavan et al. 2011), besides other animal groups, like reptiles (Pellegrino et al. 2005), amphibians (Elme et al. 2007) and birds (Bates et al. 1998).

Molecular dating that defined the separation of AF+DF from LA+EAF came close to the time recorded in previous phylogeographic studies about bats (Lopes and Ditchfield 2009; Martins et al. 2009). Similar dating values were obtained for rodents and marsupials, and coincided with the South American diagonal dry belt (Costa, 2003). Moreover, several investigations on birds have dated the separation of the Atlantic Forest from the Amazon Forest, which has been explained by the said geo-climatic event, at approximately 3.0 Ma (Ribas and Miyaki 2004; Cabanne et al. 2008; Weir and Price 2011; Batalha-Filho et al. 2013). Populations of *A. planirostris* from dry forests and coastal Atlantic Forest may be isolated from Amazon region since the Last Glacial Maximum and, posteriorly, spread out to occupy disjunct distributions as recorded in actual times. This biogeographic history is strongly supported by long distance migration events rather than vicariance (Mayle 2004), as showed by our ABC analysis. In this context, we observed a possible mixed zone (dotted line showed in the Figure 1) in ecoregions that present forested landscapes between the Amazon and Atlantic forest biomes (Olson et al. 2001), coinciding with this described geographic pattern of *A. planirostris*.

The results obtained in the present study did not allow to identify events that separated the Antilles from the South American continent. The samples of *A. planirostris* collected in these islands were genetically more related with representatives of the eastern portion of the Amazon Forest, indicating that the geographic isolation of the Antilles *per se* did not suffice to differentiate this species’ populations of the archipelago. Hunt et al. (2001) also observed low genetic divergence between populations of Antilles and continental ones in a study regarding birds (family Mimidae). However, other investigations have shown that this distinction is substantial in non-volant species (Irschick et al. 1997; Lovette et al. 1999; Camargo et al. 2009). This may be due to dispersion capacity of each organism, which is higher for birds and bats, increasing the probability of gene flow between populations from mainland and islands.

Demographic assays showed that the species and the three clusters underwent population expansion. This kind of event has been recorded for other organisms in Atlantic Forest (Mustrangi and Patton 1997; Birungi and Munstermann 2002; Brito et al. 2002; Costa 2003; Leite 2003; Pellegrino et al. 2005; Moraes-Barros et al. 2006), in the eastern portion of the Amazon Forest (Aleixo 2004; Mirabello and Conn 2006; Vasconcelos et al. 2006; Santos et al. 2007), and in the western portion of this biome (Aleixo 2004; Roberts et al. 2006; Ruiz-García et al. 2014). The fact that populations of different organisms are suffering expansions reinforces the hypothesis that the actual distribution of *A. planirostris* is a result of a colonization model (supported one more time by our ABC analysis). Analysis of the *A. planirostris* population structure confirmed the phylogeographic trees, highlighting the existence of three distinct groups.

Our results suggest phylogeographic pattern observed for *A. planirostris* originated at chronological moments represented by colonization events. Initially, the expansion of the Amazon Forest occurred and, in a second moment, the formation of the South American dry diagonal. Additionally, the intense and uninterrupted changes in the Neotropical region during the last 10 m.y. (Woodburne, 2010) support all scenarios described here. Molecular dating values obtained in the present study are in agreement with the two geo-climatic events. Finally, this is the first geographic structure mapping of a Neotropical bat species, very important for the maintenance of forested biomes, and can open up new avenues for investigations about interesting biodiversity and biogeographic patterns.

ACKNOWLEDGEMENTS

This work was supported by the Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) under Grant [APQ-0051-08]. Authors are grateful to the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), and Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

LITERATURE CITED

Aleixo, A. 2004. Historical diversification of a terra-firme forest bird superspecies: a phylogeographic perspective on the role of different hypotheses of Amazonian diversification. Evolution 58: 1303-1317.

Batalha-Filho, H., J. Fjeldså, P. H. Fabre, and C. Y. Miyaki. 2013. Connections between the Atlantic and the Amazonian forest avifaunas represent distinct historical events. Journal of Ornithology 154: 41-50.

Bates, J. M., S. J. Hackett, and J. Cracraft. 1998. Area relationships in the Neotropical lowlands: an hypothesis based on raw distributions of Passerine birds. Journal of Biogeography 25: 783-793.

Beaumont, M. A., W. Zhang, and D. J. Balding. 2002. Approximate Bayesian computation in population genetics. Genetics 162: 2025-2035.

Birungi, J., and L. E. Munstermann. 2002. Genetic structure of *Aedes albopictus* Diptera: Culicidae) populations based on mitochondrial ND5 sequences: evidence for an independent invasion into Brazil and United States. Annals of the Entomological Society of America 95: 125-132.

Bredt, A., and D. M. Silva. 1998. Morcegos em áreas urbanas e rurais: Manual de manejo e controle. Brasília: Fundação Nacional de Saúde.

Brito, R. A. D., M. H. Manfrin, and F. M. Sene. 2002. Mitochondrial DNA phylogeography of Brazilian populations of *Drosophila buzzatii*. Genetics and Molecular Biology 25: 161-171.

Cabanne, G. S., F. M. d’Horta, E. H. Sari, F. R. Santos, and C. Y. Miyaki. 2008. Nuclear and mitochondrial phylogeography of the Atlantic forest endemic *Xiphorhynchus fuscus* (Aves: Dendrocolaptidae): Biogeography and systematics implications. Molecular Phylogenetics and Evolution 49: 760-773.

Camargo, A., W. R. Heyer, and R. O. de Sá. 2009. Phylogeography of the frog *Leptodactylus validus* (Amphibia: Anura): patterns and timing of colonization events in the Lesser Antilles. Molecular Phylogenetics and Evolution 53: 571-579.

Carvalho-Neto, F. G., J. R. da Silva, N. Santos, C. Rohde, A. C. L. Garcia, and M. A. Montes. 2016. The heterogeneity of Caatinga biome: an overview of the bat fauna. Mammalia 0: 0-0.

Cione A. L., E. P. Tonni, S. Bargo, M. Bond, A. M. Candela, A. A. Carlini, C. M. Deschamps, M. T. Dozo, G. Esteban, F. J. Goin, C. I. Montalvo, N. Nasif, J. I. Noriega, E. Ortiz Jaureguizar, R. Pascual, J. L. Prado, M. A. Reguero, G. J. Scillato-Yané, L. Soibelzon, D. H. Verzi, E. C. Vieytes, S. F. Vizcaíno, M. A. Vucetich. 2007 Mamiferos continentales del Mioceno tardío a la actualidad en Argentina: cincuenta años de estudios. Asoc Paleontol Arg Pub Espec 11, Ameghiniana 50th aniversario :257–278.

Cornuet, J. M., F. Santos, M. A. Beaumont, C. P. Robert, J. M. Marin, D. J. Balding and A. Estoup. 2008. Inferring population history with DIY ABC: a user-friendly approach to approximate Bayesian computation. Bioinformatics *24:* 2713-2719.

Costa, L. P. 2003. The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. Journal of Biogeography 30: 71-86.

Darriba, D., G. L. Taboada, R. Doallo, and D. Posada. 2012. jModelTest 2: more models, new heuristics and parallel computing. Nature Methods 9: 772-772.

Da Silva, M. N. F. and J. L. Patton. 1998. Molecular phylogeography and the evolution and conservation of Amazonian mammals. Molecular Ecology 7: 475-486.

Drummond, A. J., and A. Rambaut. 2007. BEAST: Bayesian evolutionary analysis by sampling trees. BMC Evolutionary Biology 7: 1.

Elmer, K. R., J. A. Dávila, and S. C. Lougheed. 2007. Applying new inter-individual approaches to assess fine-scale population genetic diversity in a neotropical frog, *Eleutherodactylus ockendeni*. Heredity 99: 506-515.

Excoffier, L., and H. E. L. Lischer. 2010. Arlequin suite ver 3.5: A new series of programs to perform population genetics analyses under Linux and Windows. Molecular Ecology Resources 10: 564-567.

Ferreira, W. A. S., B. do Nascimento Borges, S. Rodrigues-Antunes, F. A. G. de Andrade, G. F. de Souza Aguiar, J. D. S. Silva-Junior, S. A. Marques-Aguiar, and M. L. Harada. 2014. Phylogeography of the Dark Fruit-Eating Bat *Artibeus obscurus* in the Brazilian Amazon. Journal of Heredity 105: 48-59.

Findley, J. S. 1993. Bats: a community perspective. Cambridge: University Press.

Foley, J., D. Clifford, K. Castle, P. Cryan, and R. S. Ostfeld. 2011. Investigating and Managing the Rapid Emergence of White-Nose Syndrome, a Novel, Fatal, Infectious Disease of Hibernating Bats. Conservation Biology 25: 223-231.

Frailey, C. D., E. L. Lavina, A. Rancy and J. P. D. Souza Filho. 1988. A proposed Pleistocene/Holocene lake in the Amazon basin and its significance to Amazonian geology and biogeography. Acta Amazonica 18: 119-143

Fu, Y. X. 1997. Statistical test of neutrality of mutations against population growth, hitchhiking and background selection. Genetics 147: 915–925.

Fu, Y. X., and W. H. Li. 1993. Statistical tests of neutrality of mutations. Genetics 133:

693–709.

Garcia, A. C. L., E. S. Leal, C. Rohde, F. G. Carvalho-Neto, and M. A. Montes. 2014. The bats of northeastern Brazil: a panorama. Animal Biology 64: 141-150.

Gardner, A. L. (ed.). 2007 [2008]. Mammals of South America. 1. Marsupials, xenarthrans, shrews, and bats. University of Chicago Press. Chicago, Illinois.

Guerrero, J. A., E. de Luna, and D. González. 2004. Taxonomic status of *Artibeus jamaicensis triomylus* inferred from molecular and morphometric data. Journal of Mammalogy 85: 866-874.

Guindon, S., and O. Gascuel. 2003. A simple, fast, and accurate algorithm to estimate large phylogenies by maximum likelihood. Systematic Biology 52: 696-704.

Hollis, L. 2005. *Artibeus planirostris*. Mammalian Species 1-6.

Hoorn, C., F. P. Wesselingh, H. ter Steege, M. A. Bermudez, J. Sevink, I. Sanmartín, A. Sanchez-Meseguer, C. L. Anderson, J. P. Figueiredo, C. Jaramillo, D. Riff, F. R. Negri, H. Hooghiemstra, J. Lundberg, T. Stadler, T. Särkinen, and A. Antonelli. 2010. Amazonia through time: Andean uplift, climate change, landscape evolution, and biodiversity. Science 330: 927-931.

Huelsenbeck, J. P., and F. Ronquist. 2001. MrBayes: Bayesian inference of phylogeny. Bioinformatics 17: 754–755.

Hughes, C. and R. Eastwood 2006. Island radiation on a continental scale: exceptional rates of plant diversification after uplift of the Andes. Proceedings of the National Academy of Sciences 103: 10334-10339.

Hunt, J. S., E. Bermingham, and R. Ricklefs. 2001. Molecular systematics and biogeography of Antillean thrashers, tremblers, and mockingbirds (Aves: Mimidae). The Auk 118: 35-55.

Irschick, D. J., L. J. Vitt, P. A. Zani, and J. B. Losos. 1997. A comparison of evolutionary radiations in mainland and Caribbean Anolis lizards. Ecology 78: 2191-2203.

Jeffrey, H. 1961. Theory of Probability. 2nd ed. Oxford University. Clarendon Press. Oxford, United Kingdon.

Koopman, K. F. 1976. Zoogeography. Pp. 1-218 in Biology of bats of the New World family Phyllostomatidae (R. J. Baker, J. K. Jones, and D. C. Carter, Eds.). Lubbock (TX): Texas Tech University, Special Publications of The Museum.

Larsen, P. A., S. R. Hoofer, M. C. Bozeman, S. C. Pedersen, H. H. Genoways, C. J. Phillips, D. E. Pumo, and R. J. Baker. 2007. Phylogenetics and phylogeography of the *Artibeus jamaicensis* complex based on cytochrome-b DNA sequences. Journal of Mammalogy 88: 712-727.

Leite, Y. L. 2003. Evolution and systematics of the Atlantic tree rats, genus Phyllomys (Rodentia, Echimyidae), with description of two new species (Vol. 132). University of California Press.

Lopes, S. R., and A. D. Ditchfield. 2009. Phylogeography of *Lonchorhina aurita* (Phyllostomidae) from coastal Brazilian Atlantic forest. Chiroptera Neotropical 15: 450-455.

Lovette, I. J., E. Bermingham, and R. E. Ricklefs. 1999. Mitochondrial DNA phylogeography and the conservation of endangered Lesser Antillean Icterus orioles. Conservation Biology 13: 1088-1096.

Martins, F. M., A. R. Templeton, A. C. Pavan, B. C. Kohlbach, and J. S. Morgante. 2009. Phylogeography of the common vampire bat (*Desmodus rotundus*): marked population structure, Neotropical Pleistocene vicariance and incongruence between nuclear and mtDNA markers. BMC Evolutionary Biology 9: 1.

Mayle, F. E. 2004. Assessment of the Neotropical dry forest refugia hypothesis in the light of palaeoecological data and vegetation model simulations. Journal of Quaternary

Science 19: 713-720.

Medrano, J. F., E. Aasen, and L. Sharrow. 1990. DNA extraction from nucleated red blood cells. Biotechniques 8:1.

Mirabello, L., and J. E. Conn. 2006. Molecular population genetics of the malaria vector *Anopheles darlingi* in Central and South America. Heredity 96: 311-321.

Moraes-Barros, N., J. A. Silva, C. Y. Miyaki, and J. S. Morgante. 2006. Comparative phylogeography of the Atlantic forest endemic sloth (*Bradypus torquatus*) and the widespread three-toed sloth (*Bradypus variegatus*)(Bradypodidae, Xenarthra). Genetica 126: 189-198.

Morando, M., L. J. Avila, J. Baker and J. W. Sites Jr. 2004. Phylogeny and phylogeography of the *Liolaemus darwinii* complex (Squamata: Liolaemidae): evidence for introgression and incomplete lineage sorting. Evolution, 58: 842-861.

Muchhala, N. 2013. Fur versus feathers: Pollen delivery by bats and hummingbirds and their consequences for floral evolution. New Frontiers in Tropical Biology: The Next 50 Years (A Joint Meeting of ATBC and OTS).

Mustrangi, M. A., and J. L. Patton. 1997. Phylogeography and systematics of the Slender Mouse Opossum Marmosops, Marsupialia, Didelphidae. Berkeley, CA: University of California Press.

Olson, D. M., E. Dinerstein, E. D. Wikramanayake, N. D. Burgess, G. V. N. Powell, E. C. Underwood and C. J. Loucks. 2001. Terrestrial Ecoregions of the World: A New Map of Life on Earth. BioScience 51: 933-938

Pavan, A. C., F. Martins, F. R. Santos, A. Ditchfield, and R. A. Redondo. 2011. Patterns of diversification in two species of short-tailed bats (Carollia Gray, 1838): the effects of historical fragmentation of Brazilian rainforests. Biological Journal of the Linnean Society 102: 527-539.

Pellegrino, K., M. T. Rodrigues, A. N. Waite, M. Morando, Y. Y. Yassuda, and J. W. Sites. 2005. Phylogeography and species limits in the *Gymnodactylus darwinii* complex (Gekkonidae, Squamata): genetic structure coincides with river systems in the Brazilian Atlantic Forest. Biological Journal of the Linnean Society 85: 13-26.

Perez, M. F., I. A. S. Bonatelli, E. M. Moraes and B.C. Carstens. 2016. Model-based analysis supports interglacial refugia over long-dispersal events in the diversification of two South American cactus species. Heredity 116: 550-557

Poulsen, C. J., T. A. Ehlers, and N. Insel. 2010. Onset of convective rainfall during gradual late Miocene rise of the central Andes. Science, 328: 490-493.

Posada, D. 2003. Using MODELTEST and PAUP* to select a model of nucleotide substitution. Current Protocols in Bioinformatics 6-5.

Redondo, R. A., L. P. Brina, R. F. Silva, A. D. Ditchfield, and F. R. Santos. 2008. Molecular systematics of the genus *Artibeus* (Chiroptera: Phyllostomidae). Molecular Phylogenetics and Evolution 49: 44-58.

Reis, N. R., A. L. Peracchi, W. A. Pedro, and I. P. Lima. (Eds). 2007. Morcegos do Brasil. Londrina: Univesidade Estadual de Londrina.

Ribas, C. C., and C. Y. Miyaki. 2004. Molecular systematics in *Aratinga* parakeets: species limits and historical biogeography in the ‘solstitialis’ group, and the systematic position of *Nandayus nenday*. Molecular Phylogenetics and Evolution 30: 663-675.

Roberts, J. L., J. L. Brown, R. von May, W. Arizabal, R. Schulte, and K. Summers. 2006. Genetic divergence and speciation in lowland and montane Peruvian poison frogs. Molecular Phylogenetics and Evolution 41: 149-164.

Rolland, J., F. L. Condamine, C. R. Beeravolu, F. Jiguet and F. Morlon. 2015. Dispersal is a major driver of the latitudinal diversity gradient of Carnivora. Global ecology and biogeography 24: 1059-1071.

Rozas, J., J. C. Sánchez-DelBarrio, X. Messeguer, and R. Rozas. 2003. DnaSP, DNA polymorphism analyses by the coalescent and other methods. Bioinformatics 19: 2496-2497.

Ruiz-García, M., M. Pinedo-Castro, and J. M. Shostell. 2014. How many genera and species of woolly monkeys (Atelidae, Platyrrhine, Primates) are there? The first molecular analysis of *Lagothrix flavicauda*, an endemic Peruvian primate species. Molecular Phylogenetics and Evolution 79: 179-198.

Santos, M. C. F., M. L. Ruffino, and I. P. Farias. 2007. High levels of genetic variability and panmixia of the tambaqui *Colossoma macropomum* (Cuvier, 1816) in the main channel of the Amazon River. Journal of Fish Biology 71: 33-44.

Sambrook, J., and D. W. Russell. 2001. Molecular cloning: a laboratory manual (3rd ed.). New York: Cold Spring Harbor Laboratory Press.

Silva, M. N. F., A. B. Rylands, and J. L. Patton. 2001. Biogeografia e conservação da mastofauna na floresta Amazônica Brasileira. Pp. 1–21 in Biodiversidade na Amazônia Brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios (J. P. R. Capobianco, A. Veríssimo, A. Moreira, D. Sawyer, I. Santos and L. P. Pinto, eds.). Instituto Socioambiental: São Paulo.

Simmons, N. B. 2005. Order Chiroptera. Pp. 312-529 in Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference (D. E. Wilson, and D. M. Reeder, eds.) Johns Hopkins University Press: Baltimore.

Simmons, N. B., and R. S. Voss. 1998. The mammals of Paracou, French Guiana: a neotropical lowland rainforest fauna. Part 1 Bats. Bulletin American Museum Natural History 237: 1–219

Smith, M. F., and J. L. Patton. 1993. The diversification of South American murid rodents: evidence from mitochondrial DNA sequence data for the akodontine tribe. Biological

Journal of the Linnean Society 50: 149-177.

Tajima, F. 1989. Statistical methods to test for nucleotide mutation hypothesis by DNA polymorphism. Genetics 123: 585–595.

Tamura, K., G. Stecher, D. Peterson, A. Filipski, and S. Kumar S. 2013. MEGA6: molecular evolutionary genetics analysis version 6.0. Molecular Biology and Evolution 30: 2725-2729.

Toivonen, T., S. Mäki and Kalliola R. 2007. The riverscape of Western Amazonia–a quantitative approach to the fluvial biogeography of the region. Journal of Biogeography 34: 1374-1387.

Vasconcelos, W. R., T. Hrbek, R. D. Silveira, B. D. Thoisy, B. Marioni, and I. P. Farias. 2006. Population genetic analysis of *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758) from South America. Genetics and Molecular Biology 29: 220-230.

Weir, J. T., and M. Price. 2011. Andean uplift promotes lowland speciation through vicariance and dispersal in *Dendrocincla woodcreepers*. Molecular Ecology 20: 4550-4563.

Woodburne, M. O. 2010. The Great American Biotic Interchange: dispersals, tectonics, climate, sea level and holding pens. Journal of Mammalian Evolution, 17: 245-264.

Wilson, D. E., and D. M. Reeder. 2005. Mammal Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference, 3rd ed. Johns Hopkins University Press: Baltimore, Maryland.

FIGURE AND TABLES

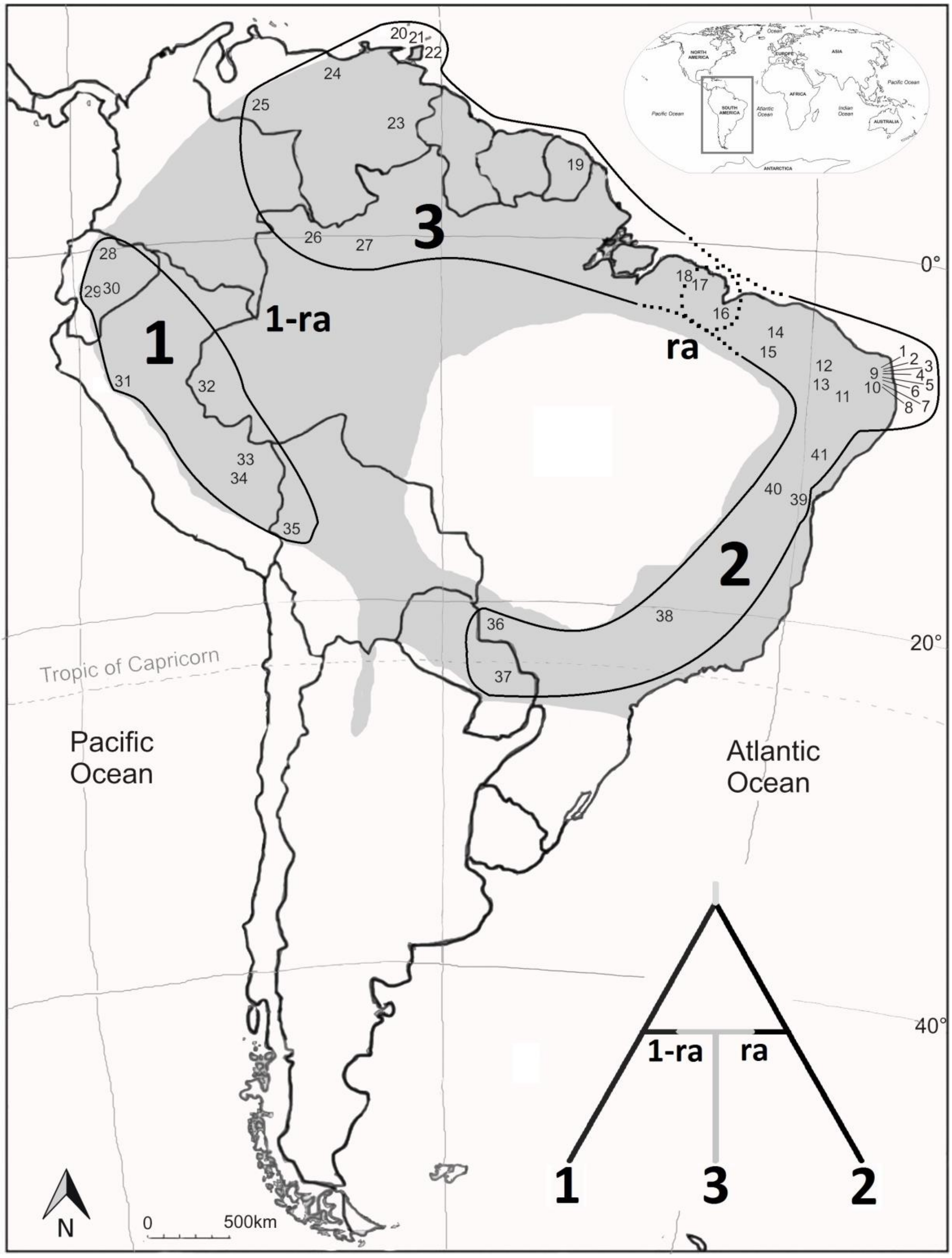


Fig. 1.—Section of the South America map showing the geographic distribution of *Artibeus planirostris* (grey shaded area, based on IUCN valid polygon). In the right down

corner is show the most probably scenario identified by ABC analysis. The bigger number labels indicate different populations identified (1. WAF = Western Amazon Forest; 2. AF = Atlantic Forest + DF = Dry Forest; 3. EAF = Eastern Amazon Forest + LA = Lesser Antilles) and small number labels indicate the sampling sites considered in our study. Brazil: Atlantic Forest: 1. Baía Formosa, 2. Mamanguape, 3. João Pessoa, 4. Goiana, 5. Igarassu, 6. Olinda, 7. São Lourenço da Mata, 8. Tamandaré, 38. Sales Oliveira, 39. Valença, 41. Entre Rios; Dry Forest: 9. Campina Grande, 10. Caruaru, 11. Buíque, 12. Triunfo, 13. Serra Talhada, 14. Palmeirais, 15. Uruçuí, 36. Aquidauana, 40. Rio de Contas; Amazon Forest: 16. São Luís, 17. Cândido Mendes, 18. Godofredo Viana, 26. Santa Isabel do Rio Negro, 27. Barcelos, 32. Rodrigo Alves. French Guiana: Atlantic Forest: 19. Remire. Granada: Tropical Forest: 20. Carriacou Island, 21. St. Georges. Trinidad and Tobago: Amazon Forest: 22. Trinidad. Venezuela: Amazon Forest: 23. Bolivar, 24. Guarico, 25. Barinas. Ecuador: Amazon Forest: 28. Sucumbios, 29. Pastaza, 30. Puyo. Peru: Amazon Forest: Chachapoyas, 33. Madre de Dios, 34. Cuzco. Bolívia: Amazon Forest: 35. La Paz. Paraguay: Dry Forest: 37. San Pedro.

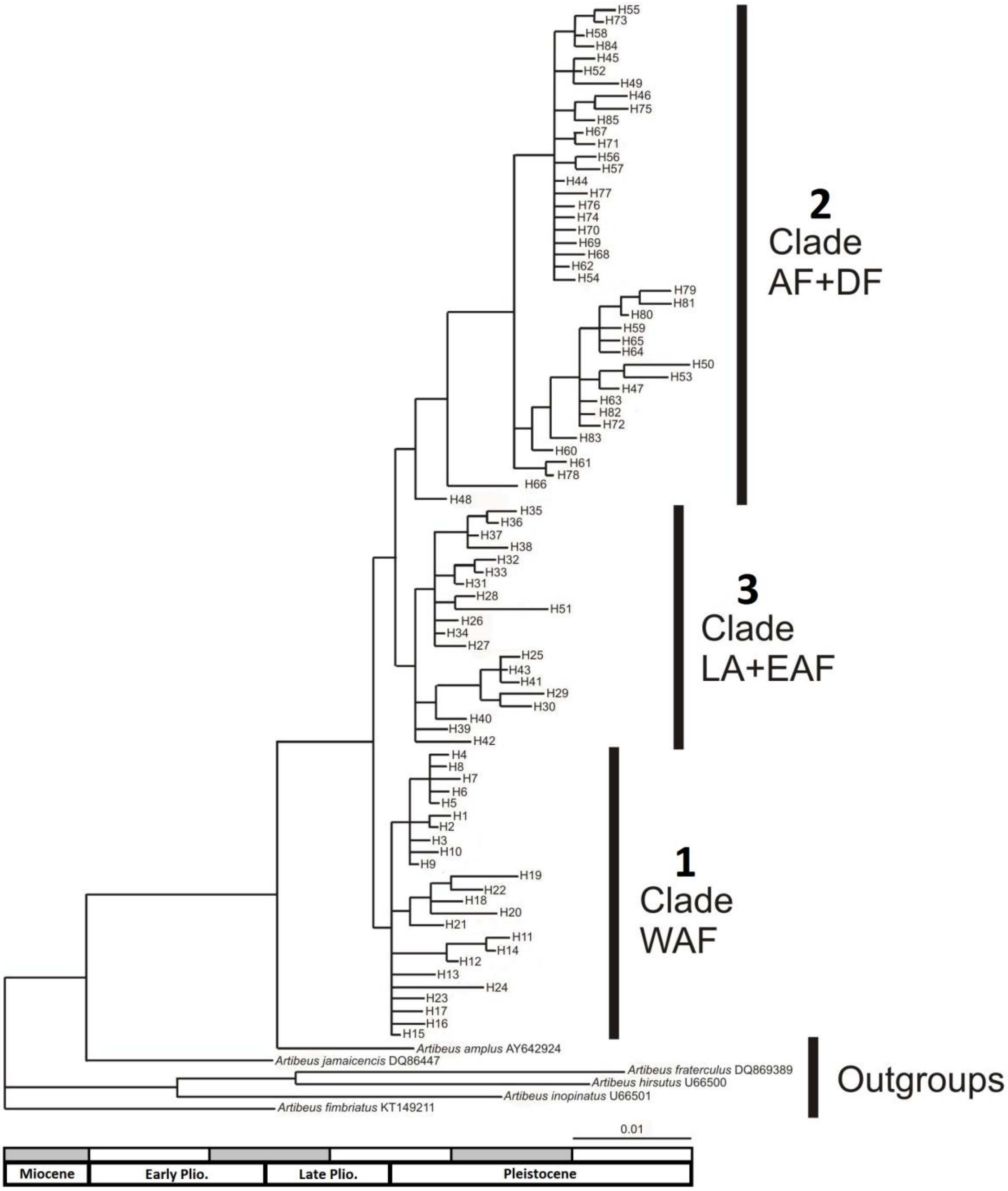


Fig. 2. —Phylogeographic reconstruction based on the Bayesian inference tree of the CytB gene haplotypes of *Artibeus planirostris*. The statistical supports for the clades are presented in the following order: Bayesian inference posterior probability and approximate likelihood ratio test. Information about locations and accession number of each haplotype (H) from GenBank is given in Supplementary data S1. Clade1 - WAF = Western Amazon Forest; Clade 2 - AF = Atlantic Forest + DF = Dry Forest; Clade 3 - EAF = Eastern

Amazon Forest + LA = Lesser Antilles.

Table 1.—Tajima's D and Fu's FS neutrality tests and p value for each cluster and for the data set generated using the CytB gene of *Artibeus planirostris*. WAF = Western Amazon Forest, EAF = Eastern Amazon Forest, LA = Lesser Antilles, AF = Atlantic Forest, and DF = Dry Forest.

	Statistics	WAF	EAF + LA	AF + DF	Mean
Tajima's D test	Tajima's D	-1.79100	-1.54402	-1.79232	-1.70911
	Tajima's D p-value	0.01970	0.03930	0.01400	0.02433
Fu's FS test	FS	-22.39267	-7.69645	-25.05525	-18.38146
	FS p-value	0.00000	0.00330	0.00000	0.00110

Table 2.—Scenarios evaluated for *Artibeus planirostris* (a-g) with the respective values of posterior probability (PP) and Bayes Factor (BF), followed by ABC analysis and according Jeffreys (1961). Numbers in the description of each scenario follow the same geographic pattern showed in the Figure 1.

Scenarios	PP	BF
(a) Vicariance 1+2+3	0.0042	Negative
(b) Vicariance 2, 3+1	0.0000	Negative
(c) Vicariance 3, 2+1	0.0000	Negative
(d) Vicariance 1, 2+3	0.0010	Negative
(e) Colonization from 1+3 to 2	0.1069	Substancial evidence
(f) Colonization from 1+2 to 3	**0.8803**	**Very Strong**
(g) Colonization from 2+3 to 1	0.0075	Negative

SUPPLEMENTARY DATA

Supplementary Data S1.—Haplotype codes, geographic location, and GenBank voucher and accession number of CytB gene sequences used in the phylogeographic analyses of *Artibeus planirostris*. Haplotype codes are the same as used in Figure 2.

Haplotype	**Locality**	**Voucher number**	**Accession number**
H1	Pastaza, Ecuador	TK104419; TTU85191	DQ869418
H2	Pastaza, Ecuador	TK104413; TTU85185	DQ869417
H3	Sucumbios, Ecuador	TK125306; QCAZ6913	DQ869412
H4	Sucumbios, Ecuador	TK125307; QCAZ6862	DQ869411
H5	Pastaza, Ecuador	TK104404; TTU85176	DQ869409
H6	Pastaza, Ecuador	TK104017; TTU84789	DQ869408
H7	Puyo, Ecuador	TK 104404	AY684714
H8	Cuzco, Peru	MVZ 166539	AY684725
H9	Puyo, Ecuador	TK 104403	AY684713
H10	Cuzco, Peru	MVZ 166536	AY684726
H11	Puyo, Ecuador	TK 104333	AY684721
H12	Chachapoyas, Peru	TK 22634	AY684722
H13	Pastaza, Ecuador	TK104016; TTU84788	DQ869407
H14	Pastaza, Ecuador	TK104410; TTU85182	DQ869410
H15	Madre de Dios, Peru	TK16634	DQ869397
H16	La Paz, Bolivia	TK 14535	AY684718

H17	La Paz, Bolivia	TK 14536	AY684723
H18	Puyo, Ecuador	TK 104345	AY684717
H19	Chachapoyas, Peru	TK 22630	AY684754
H20	Chachapoyas, Peru	TK 22626	AY684724
H21	Chachapoyas, Peru	TK 22629	AY684716
H22	Puyo, Ecuador	TK 104419	AY684753
H23	Puyo, Ecuador	TK 104008	AY684719
H24	Rodrigues Alves, Brazil	CA010	EU160909
H25	Guarico, Venezuela	TK15020; TTU33340	DQ869425
H26	Barinas, Venezuela	TK 19025	GQ861700
H26	Bolivar, Venezuela	TK19025	DQ869426
H27	Barinas, Venezuela	TK 19026	GQ861701
H28	Barinas, Venezuela	TK 19023	GQ861699
H28	Remire, French Guiana	TK143051; CM83901	DQ869398
H29	Guarico, Venezuela	TK15011; TTU33331	DQ869423
H30	Guarico, Venezuela	TK15013; TTU33333	DQ869424
H31	Carriacou Island, Grenada	TK 128674	GQ861671
H31	Carriacou Island, Grenada	TK 18520	GQ861610
H31	Carriacou Island, Grenada	TK 18527	GQ861611
H31	Carriacou Island, Grenada	TK 18530	GQ861612
H31	Saint George, Grenada	TK18522; CM63324	DQ869437
H31	Saint George, Grenada	TK18527; CM63329	DQ869438
H31	Saint George, Grenada	TK18530; CM63332	DQ869439
H31	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25185; TTU44046	DQ869427

H31	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25187; TTU44048	DQ869431
H31	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25188; TTU44049	DQ869428
H32	Saint George, Grenada	TK18528; CM63330	DQ869436
H32	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25186; TTU44047	DQ869430
H33	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25085; TTU44061	DQ869433
H34	Trinidad, Trinidad and Tobago	TK25026; TTU44060	DQ869432
H35	São Luis, Brazil	VCT324	EU160933
H36	São Luis, Brazil	VCT305	EU160903
H37	Godofredo Viana, Brazil	LK01	EU160941
H38	São Luis, Brazil	VCT318	EU160931
H39	Santa Izabel do Rio Negro, Brazil	AD876	EU160896
H40	Santa Izabel do Rio Negro, Brazil	AD884	EU160897
H41	Santa Izabel do Rio Negro, Brazil	AD824	EU160891
H42	Santa Izabel do Rio Negro, Brazil	AD855	EU160893
H43	Santa Izabel do Rio Negro, Brazil	AD856	EU160894
H44	Aquidauana, Brazil	4521	EU160866
H44	Mamanguape, Brazil	AD072	EU160866
H44	Entre Rios, Brazil	AD184	EU160888
H44	Tamandaré, Brazil	M1538	KT149197 #

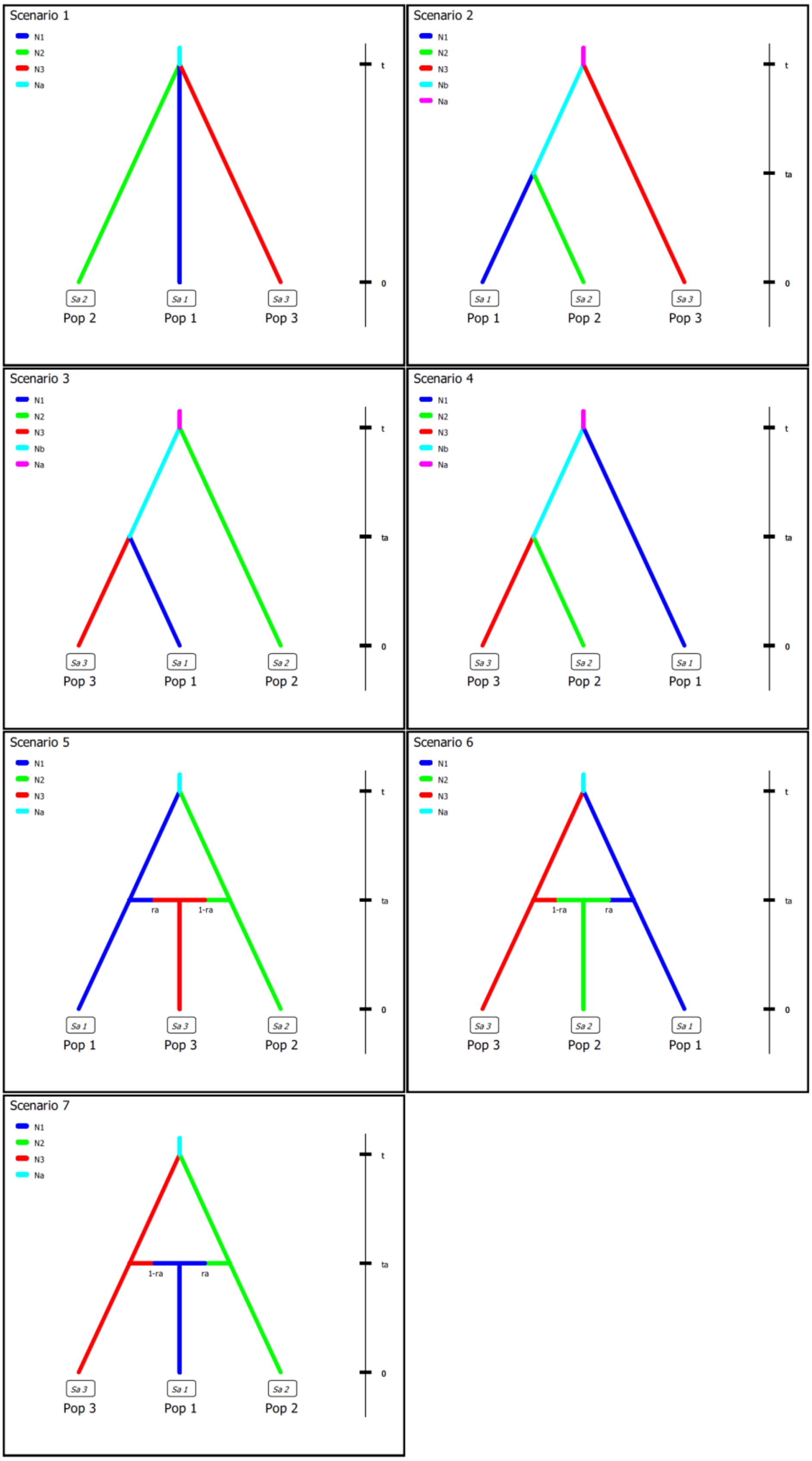
H44	Caruaru, Brazil	M1774	KT149203 #
H44	Mamanguape, Brazil	M2115	KT149191 #
H44	Rio de Contas, Brazil	UFPB5125	EU160866
H44	Palmeirais, Brazil	UFPB5129	EU160866
H45	São Luis, Brazil	VCT326	EU160934
H46	São Luis, Brazil	VCT345	EU160936
H47	São Luis, Brazil	VCT359	EU160937
H48	São Luis, Brazil	VCT372	EU160938
H49	São Luis, Brazil	VCT376	EU160939
H50	São Luis, Brazil	VCT377	EU160940
H51	Barcelos, Brazil	RZ122	EU160926
H52	Cândido Mendes, Brazil	LK09	EU160942
H53	São Luis, Brazil	VCT321	EU160932
H54	San Pedro, Paraguay	TK56656; TTU96811	DQ869394
H55	Mamanguape, Brazil	AD083	EU160875
H55	Goiana, Brazil	M1471	KT149202 #
H55	Igarassu, Brazil	M1583	KT149204 #
H55	Goiana, Brazil	M1994	KT149205 #
H55	Mamanguape, Brazil	M2122	KT149189 #

H56	Serra Talhada, Brazil	M1277	KT149190 #
H57	Serra Talhada, Brazil	M1334	KT149192 #
H58	Mamanguape, Brazil	M2119	KT149193 #
H59	Buíque, Brazil	M1443	KT149194 #
H59	Triunfo, Brazil	M2075	KT149195 #
H60	Caruaru, Brazil	M1767	KT149196 #
H61	São Lourenço da Mata, Brazil	M1710	KT149198 #
H62	Triunfo, Brazil	M2068	KT149199 #
H63	Triunfo, Brazil	M2080	KT149200 #
H64	Campina Grande, Brazil	AD034	EU160868
H64	São Lourenço da Mata, Brazil	M1756	KT149207 #
H65	Tamandaré, Brazil	M1555	KT149208 #
H66	Serra Talhada, Brazil	M1345	KT149209 #

H67	Goiana, PE, Brazil	M1990	KT149210 \#
H68	Entre Rios, Brazil	AD176	EU160887
H69	Valença, Brazil	AD192	EU160889
H70	Mamanguape, Brazil	AD077	EU160874
H71	Mamanguape, Brazil	AD091	EU160877
H72	Olinda, Brazil	AD158	EU160886
H73	Tamandaré, Brazil	AD145	EU160883
H74	Tamandaré, Brazil	AD144	EU160882
H75	Joao Pessoa, Brazil	AD038	EU160869
H76	Joao Pessoa, Brazil	AD040	EU160871
H77	Joao Pessoa, Brazil	UFPB5120	EU160930
H78	Mamanguape, Brazil	AD076	EU160873
H79	Olinda, Brazil	AD156	EU160884
H80	Tamandaré, Brazil	AD134	EU160879
H81	Tamandaré, Brazil	AD136	EU160880
H82	Palmeirais, Brazil	UFPB5111	EU160928
H83	Uruçui, Brazil	UFPB5106	EU160927
H84	Baia Formosa, Brazil	AD107	EU160878
H85	Sales Oliveira, Brazil	AD753	EU160890

Generated in this study.

Supplementary Data S2.— Proposed scenarios for the demographic history of Artibeus planisrostris obtained by ABC approach.



Supplementary Data S3.— Analysis of molecular variance (AMOVA) of Cytochrome b gene; results based on 41 localities for *A.* planirostris based across three main geographical clades.

Source of variation	% Total variance	Sum of Squares	Variance components
Among groups	54.01	263.77	3.71
Within populations	45.99	344.99	3.16

Fixation index Fst = 0.540
Populations were subdivided into 3 groups according to the phylogeographic tree (see Results section).

5 CAPÍTULO II

Manuscript will be submitted to Zoologica Scripta

ISSN: 1463-6409

Original Article

Runnig title: **Genetic differentiation: A study in two bat species**

Genetic differentiation patterns between the Atlantic and dry forests: A study of population structure in two phyllostomid bat species

FRANCISCO G. DE CARVALHO-NETO, MARIA DE M. D. MAIA, ANA C. L. GARCIA, VALDIR DE Q. BALBINO, NEIDE SANTOS AND MARTIN A. MONTES

Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Genética, Avenida Prof. Moraes Rego, 1235. Recife – PE, Brazil (FGCN, VQB, NS)
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n. Recife – PE, Brazil (MMDM, MAM)
Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico de Vitória, Rua Alto do Reservatório, s/n.Vitória de Santo Antão – PE, Brazil (ACLG)

Abstract

Biomes Seasonally Dry Tropical Forest (SDTF) and Atlantic Forest exhibit different abiotic characteristics that reflect the adaptation of living organisms. There are a great variety of bats in these natural environments, though few are known regarding their genetic diversity. This study aimed to evaluate the genetic structure of two phyllostomid bat species, *Artibeus planirostris* (n=91) and *Carollia perspicillata* (n = 60), from seven locations (SDTF: Serra Talhada and Triunfo; Buíque and Caruaru, inserted in the sub region of the Atlantic Forest, Brejo; Tamandaré, São Lourenço da Mata and Igarassu, inserted in the subregion of the Atlantic Forest, Pernambuco). Genetic diversity was assessed by inter-simple sequence repeat (ISSR) technique based on the application of four primers: (AC) 6AT, (CA) 6GC, (CA) 6AG, and (AGC) 4T. It was possible to identify 259 ISSR markers, all polymorphic. Analysis of molecular variance indicated a strong genetic structure population of both species, with F_{st}=0.30 for *A. planirostris* and F_{st}=0.24 for *C. perspicillata*; however, the last one also showed genetic difference between the environments (F_{sc}=0.09). These data evince the different foraging behavior between the two *taxa*, with *C. perspicillata* being a more specialist specie and moving less when searching for resources. SDTF populations showed greater genetic differentiation, reflecting the recent developments of this biome. Neutrality test indicated that expanding populations (*A. planirostris*: -65.387, p <0.01; *C. perspicillata*: -39.186, p <0.01) may be common in this region. Positive and moderate correlation were verified when comparing the genetic and geographical distances, indicating that isolation by distance also causes genetic differentiation. This study reveals that different variables (displacement capacity, environmental specialization, geographic distance) influence the genetic structure of bat populations.

Introduction

Two important biomes of Neotropical region are considered hot spots because of the high rate of endemism, diversity and species at risk: the Atlantic Forest and the Seasonally Dry Tropical Forest (SDTF) (Trejo & Dirzo 2000; Galindo-Leal & Gusmão-Câmara 2005). The Brazilian Atlantic Forest, extending along the coast from 7°S to 23°S, is one of the most widespread environments in Brazil; it is considered a set of subregions rather than a single type of vegetation (Rizzini 1997; Rodal *et al.* 2008). In this group can be found *Brejos* which are "islands" of the Atlantic Forest inserted into SDTFs (Pôrto *et al.* 2004). SDTFs are considered to be critically endangered (Trejo & Dirzo 2000), even more than tropical rainforests (Gentry 1995). In Brazil, SDTF consists of a mosaic of scrub vegetation and patches of dry forest representing approximately 10% of the national landmass (Santos *et al.* 2011). According to the ecological vicariance model, these environments can act on the genetic differentiation of natural populations through evolutionary forces such as drift and divergent selection (Moritz *et al.* 2000).

Advances in the field of molecular biology provides tools to further investigation on geographical variation; this information enables to understand diversification processes and assessment of the biogeographic history (Patton *et al.* 1994). For the last few years, the inter-simple sequence repeat (ISSR) technique has been widely applied in ecological and evolutionary studies to estimate the genetic diversity of different animal and plant species, to determine population structures, and to evaluate hybridization and genetic conservation (Lu *et al.* 2006; Vijayan *et al.* 2006; Antunes *et al.* 2010; Lin *et al.* 2012; Manrique-Poyato *et al.* 2013; Quezada *et al.* 2014; Rodríguez-Rodríguez *et al.* 2015). The application of this technique may enable assessing if the differences in environments may cause significant differentiation between organisms.

Due to its ability to fly, bats can disperse over long distances, a fact that has generated interest among evolutionary biologists. These animals present low divergence of genetic structure when compared to other mammals, being up to ten times lower than the values found for rodents and marsupials, for distances that are ten times greater. They can potentially display phylogeographic patterns different from other non-volant organisms (Ditchfield 2000).

Given the lack of knowledge regarding the effect of natural bat populations on the environment, using ISSR markers, this study aimed to: 1) assess the genetic diversity and population structure of two phyllostomid bat species (*Carollia perspicillata* Linnaeus and *Artibeus planirostris* Spix); 2) analyze environmental effects of SDTF and two subregions of the Atlantic forest, Pernambuco and Brejo; and 3) verify if the geographical distance is related to genetic differentiation.

Materials and methods

Samples and molecular methods

C. perspicillata and *A. planirostris* specimens were collected in natural forests of the Brazilian northeastern region, at seven different sites in the state of Pernambuco, comprising SDTF (Triunfo and Serra Talhada), PAF (Tamandaré, Igarassu and São Lourenço da Mata) and BAF (Caruaru and Buíque, Fig. 1) environments.

The bats were captured by mist nets. The identification of the species was accomplished based on Gardner (2007). Blood was collected from each individual and stored in tubes containing EDTA (5%) for subsequent analysis in the laboratory. This procedure was approved and allowed by the responsible organization (ICMBIO - License Number 12264-1).

Genomic DNA extraction was carried out by salting-out method, according to the protocol proposed by Medrano *et al.* (1990). Polymerase chain reactions (PCR) were performed in a total volume of 25µL containing: 50-60 ng of DNA, 4µm of primer, 0.2 mM dNTP, 1.5 mM $MgCl_2$, 2.5 µL 1X reaction buffer, and 1.25 U Taq DNA polymerase (Invitrogen Kit®). The PCR procedure consisted in initial denaturation at 94°C for two minutes, followed by 35 denaturation cycles at 94°C for 30 seconds; annealing between 42°C and 51°C for 30 seconds; extension at 72°C for two minutes; and final extension at 72°C for 5 minutes.

Four out of 20 ISSR primers were selected [$(CA)_6AT$; $(CA)_6GC$; $(CA)_6AG$; $(AGC)_4T$], as they showed satisfactory results based on the number of clean, bright, and easily interpretable and reproducible polymorphic bands produced. The ISSR amplification products were separated by electrophoresis in 3% agarose gels, and the length of each band was determined using 100-bp DNA Ladder (Invitrogen®). Each sample was amplified and run in duplicates; a third replicate was made as guarantee**.** Presence or absence of each fragment was coded in a data matrix as 1 or 0, respectively.

Data analysis

Descriptive analysis of ISSR markers was performed using the program FAMD version 1.3 (Schlüter & Harris 2006), which evaluated the number of polymorphic *loci* and private bands.

An AMOVA (Analysis of Molecular Variance) algorithm was used for the hierarchical analysis of genetic diversity of the population and groups. Beyond that, matrices of genetic distance between populations and groups were generated with the software Arlequin version 3.5 (Excoffier & Lischer 2010). Twenty independent simulations were run for each value of K from 1 to 10, with 10^5 permutations and an initial burn-in of 10^4 generations with the Structure 2.3 software (Pritchard *et al.* 2000). Best-fit K value was estimated by Evanno's test (Evanno *et al.* 2005).

Fu's neutrality test (Fu 1997) as well as the observed and expected distribution of pairwise differences (mismatch distribution) were evaluated with the DnaSP software version 5.1 (Rozas *et al.* 2003).

Mantel test was performed using the software Alleles in Space, version 1.0 (Miller 2005), to determine the level of association between genetic and geographical distance in the data set. The analysis used a Dice distance matrix of individuals and geographical distances, which were calculated from the Universal Transverse Mercator (*UTM*) coordinates of the sample locations, then log-transformed. Significance was assessed by 5,000 replications.

Results

The genetic analysis of 151 bat samples, using concatenated data obtained from four primers, identified 259 ISSRs markers, where 100% of which were polymorphic (Table 1). AMOVA results revealed strong population structure in *A. planirostris* ($F_{st} = 0.30$) and *C. perspicillata* ($F_{st}=0.24$). In addition, *C. perspicillata* was also found to be structured at regional level, which was not observed in *A. planirostris* (Table 2).

The population structure observed in *A. planirostris* and *C. perspicillata* is depicted in a bar plot graphic constructed with the software Structure, with K=2, $\Delta K = 22.59$ (Fig. 2) and $\Delta K=88.24$ (Fig. 3), respectively. Comparing the fixation index among regions, the

SDTF has always been more genetically distant in relation to the other regions, a result observed in both species (Table 3).

Analysis of pairwise differences (mismatch distribution) for populations of both species indicates expansion (Fig. 4), which is supported by neutrality tests. F_s test showed negative values and significance for *A. planirostris* (-65.387, p <0.01) and *C. perspicillata* (-39.186, p <0.01).

The correlation between genetic and geographical distance of the samples was positive/moderate for *A. planirostris* (r = 0.32, p<0.01) and positive/weak (r = 0.25, p<0.1) for *C. perspicillata*.

Discussion

This study revealed an important population structure in two bat species with different ecological features, found in different environments. The results showed high polymorphism rate (100%) for 259 identified ISSR markers (143 and 116 *loci* for *A. planirostris* and *C. perspicillata,* respectively).

AMOVA showed strong genetic structure of the two species. However, 40.20% of the variation in *C. perspicillata* was due to regional differences, whereas *A. planirostris* presented no regional, but only interpopulation variation. This demonstrates that the applied grouping procedures were justified, given that each region is not totally heterogeneous. This result was also observed in a study conducted in the same environment with *Drosophila* populations using mitochondrial DNA (Brito *et al.* 2002).

The fact that *C. perspicillata* presents regional structure can be explained by the species' low-mobility foraging tactics, varying between 0.5 to 2.5 km, as shown in studies with telemetry data (Heithaus & Fleming 1978; Bernard & Fenton 2003). Such low mobility stimulates regional differentiation, as observed in the present study. Other research has detected regional morphological variations of this species that corroborate this idea (Cloutier & Thomas 1992; Nowak 1994). *C. perspicillata* has a specialized diet, targeting Piperaceae species (Peracchi et al. 2006), and specialist species are known to present greater genetic structure (Kitahara *et al.* 2000; Carnaval 2002). The genus *Artibeus* has greater foraging movement, reaching 25km in the rainforest (Esberard 2003), which promotes connectivity between regions. This observation supports the explanation for the absence of morphological variation in this specie, shown by Taddei (1998) in analysis of individuals from the northern, Brazil's northeast and southeast.

Similarly, no geographic pattern was found in a study conducted by Carnaval (2002) in *Hylabranneri*, a generalist specie of frog just as *A. planirostris*. It is known that the exploratory behavior of bats is the product of different ecological and evolutionary pressures (Bianconi *et al.* 2006). Therefore, the observed genetic differentiation between populations probably occurs due to the founder effect, i.e., populations originated by a group of individuals share similar characteristics, but which differ from other groups.

The SDTF region was more differentiated in relation to other subregions of Atlantic Forests when comparing the F_{st} values for both species. There are two possible explanations for this fact. First, species move more within dry environments, as they require more foraging area to obtain sufficient food and because of the scarcity of resources. This constant movement results in more homogeneous populations (Fleming 1988; Bernard & Fenton 2003). In this same context, it has been observed that the living area of the opossum (*Didelphis albiventris*) is also influenced by the availability of fruits in SDTF, with more frequent movements to find food during the resource-scarce season; the resulting larger living area increases the flow between close populations (Cerqueira 1985). As a second explanation, the two subregions of Atlantic forest (Pernambuco and Brejo) would have the same evolutionary origin, sharing many characteristics and resulting in greater differentiation in relation to SDTF (Pôrto *et al.* 2004). In addition, other aspects, such as breeding system, might affect the levels of genetic diversity within a specie or population (Levsen & Mort 2008). Regional variations indicate that the patterns observed today are a reflection of many events varying in time and scale, as suggested by Costa (2003).

Intrapopulation analysis revealed significant evidence of population expansion in both species, with multimodal mismatch distribution, as observed in populations of *Artibeus obscurus* of the Atlantic and Amazon forest (Redondo *et al.* 2008). In addition, F_s test is one of the most successful for this type of analysis, providing sufficient evidence for population expansion.

Evidence for a moderate/weak positive correlation between the pairwise genetic and the geographical distance shows that, besides the environmental variations in the spatial gradient, the isolation by distance, which in this study reached 380km, influences the structure of the species. ISSR markers were effective in this study to evaluate structure and genetic diversity, constituting a fast and inexpensive technique. Recent studies with a similar approach have shown satisfactory results in animal research (Manrique-Poyato *et al.* 2013; Rodriguéz-Rodriguéz *et al.* 2015).

This study suggests that different variables (displacement capacity, environmental specialization, and geographical distance) can influence the genetic structure of bat populations. Moreover, ISSR markers are suitable tools to *evaluate* regional genetic variations in the studied environments.

Funding

This work was supported by the *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*; and *Fundação de apoio à ciência e tecnologia do estado de Pernambuco (FACEPE).*

References

Antunes, R. S. P., Gomes, V. N., Prioli, S. M. A. P., Prioli, R. A., Júlio Jr, H. F., Prioli, L. M. & Prioli, A. J. (2010). Molecular characterization and phylogenetic relationships among species of the genus Brycon (Characiformes: Characidae) from four hydrographic basins in Brazil. *Genetics and Molecular Research, 9,* 674-684.

Bernard, E. & Fenton, M. B. (2003). Bat mobility and roosts in a fragmented landscape in central Amazonia, Brazil. *Biotropica, 35,* 262-277.

Bianconi, G. V., Mikich, S. B. & Pedro, W. A. (2006). Movements of bats (Mammalia, Chiroptera) in Atlantic Forest remnants in southern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 23, 1199-1206.

Brito, R. A. D., Manfrin, M. H. & Sene, F. M. (2002). Mitochondrial DNA phylogeography of Brazilian populations of Drosophila buzzatii. *Genetics and Molecular Biology*, 25, 161-171.

Carnaval, A. C. O. (2002). Phylogeography of four frog species in forest fragments of northeastern Brazil—a preliminary study. *Integrative and Comparative Biology, 42,* 913-921. Doi.

Cerqueira, R. (1985). The distribution of Didelphis in South America (Polyprotodontia, Didelphidae). *Journal of Biogeography,* 135-145.

Cloutier, D. & Thomas, D. W. (1992). Carollia perspicillata. *Mammalian species*, 1-9.

Costa, L. P. (2003). The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. *Journal of Biogeography, 30,* 71-86.

Esbérard, C. E. L. (2003). Marcação e deslocamento em morcegos. *Divulgações do Museu de Ciências e Tecnologia UBEA/PUCRS, 2,* 23-24.

Ditchfield, A. D. (2000). The comparative phylogeography of Neotropical mammals: patterns of intraspecific mitochondrial DNA variation among bats contrasted to nonvolant small mammals. *Molecular Ecology,* 9, 1307-1318.

Evanno, G., Regnaut, S. & Goudet, J. (2005). Detecting the number of clusters of individuals using the software STRUCTURE: a simulation study. *Molecular Ecology 14,* 2611–2620.

Excoffier, L. & Lischer, H. E. L. (2010). Arlequin suite ver 3.5: A new series of programs to perform population genetics analyses under Linux and Windows. *Molecular Ecology Resources*, 10, 564-567. doi: 10.1111/j.1755-0998.2010.02847.x

Flemingt, H. (1988). *The short tailed fruit bat: a study in plant-animal interactions*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press.

Fu, Y. X. (1997). Statistical tests of neutrality of mutations against population growth, hitchhiking and background selection. *Genetics, 147,* 915-925.

Galindo-Leal, C. & Gusmão-Câmara, I. (2005). *Mata Atlântica: Biodiversidade, Ameaças e Perspectivas*. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional, Centro de Ciências Aplicadas à Biodiversidade.

Gardner, A. L. (2007). *Mammals of South America Volume 1: Marsupials. Xenarthrans, Shrews and Bats*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press.

Gentry, A. H., Bullock, S. H., Mooney, H. A. & Medina, E. (1995). *Seasonally dry tropical forests*. St. Louis, MO: Missouri Botanical Garden.

Heithaus, E. R. & Fleming, T. H. (1978). Foraging movements of a frugivorous bat, Carolliaperspicillata (Phyllostomidae). *Ecological Monographs, 48,* 127-143.

Kitahara, M., Sei, K. & Fujii, K. (2000). Patterns in the structure of grassland butterfly communities along a gradient of human disturbance: further analysis based on the generalist/specialist concept. *Population Ecology, 42,* 135-144.

Levsen, N. D. & Mort, M. E. (2008). Determining patterns of genetic diversity and post-glacial recolonization of western Canada in the Iowa golden saxifrage, Chrysosplenium iowense (Saxifragaceae) using intersimple sequence repeats. *Biological Journal of the Linnean Society, 95,* 815-823.

Lin, J. J., Bao, Y. X., Liu, J. & Zhang, X. (2012). ISSR marker and its applications in analyzing animal genetic structure: A review. *Chinese Journal of Ecology*, *31*, 1319-1326.

Lu, Z., Wang, Y., Peng, Y., Korpelainen, H. & Li. C. (2006). Genetic diversity of Populus cathayana Rehd populations in southwestern China revealed by ISSR markers. *Plant Science, 170,* 407-412.

Manrique-Poyato, M. I., López-León, M. D., Gómez, R., Perfectti, F. & Camacho, J. P. M. (2013). Population genetic structure of the grasshopper Eyprepocnemis plorans in the south and east of the Iberian Peninsula. *PloS one, 8,* e59041.

Medrano, J. F., Aasen, E. & Sharrow, L. (1990). DNA extraction nucleated red blood cells. *Biotechniques, 8,* 43.

Miller, M. P. (2005). Alleles In Space (AIS): computer software for the joint analysis of interindividual spatial and genetic information. *Journal of Heredity, 96,* 722-724.

Moritz, C., Patton, J. L., Schneider, C. J. & Smith, T. B. (2000). Diversification of rainforest faunas: an integrated molecular approach. *Annual review of ecology and systematics* 533-563.

Nowak, R. M. (1994). *Walker's bats of the world.* Blatimore: Johnns Hopkin's University press.

Patton, J. L., Silva, M. N. F. & Malcolm, J. R. (1994). Gene genealogy and differentiation among arboreal spiny rats (Rodentia: Echimyidae) of the Amazon Basin: a test of the riverine barrier hypothesis. *Evolution, 48,* 1314–1323.

Peracchi, A. L., Lima, I. P., Reis, N. R., Nogueira, M. R. & Ortêncio-filho, H. (2006). Ordem chiroptera. In N. R. Reis, A. L. Peracchi, W. A. Pedro & I. P. Lima (Eds) *Morcegos do Brasil* (pp. 153-219). Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina,

Pôrto, K. C., Cabral, J. J. P. & Tabarelli, M. (2004). *Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação*. Brasil: Série Biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente.

Pritchard, J. K., Stephens, M. & Donnelly, P. (2000). Inference of population structure using multi locus genotype data. *Genetics,* 155, 945–959.

Quezada, M., Pastina, M. M., Ravest, G., Silva, P., Vignale, B., Cabrera, D. & Pritsch, C. (2014). A first genetic map of Acca sellowiana based on ISSR, AFLP and SSR markers. *Scientia Horticulturae*, 169, 138-146.

Redondo. R. A. F., Brina, L. P. S., Silva, R. F., Ditchfield, A. D. & Santos, F. R. (2008). Molecular systematic of the genus Artibeus (Chiroptera: Phyllostomidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 49, 44–58.

Rizzini, C. T. (1997). *Tratado de fitogeografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Âmbito Cultural.

Rodal, M. J. N., Barbosa, M. R. V. & Thomas, W. W. (2008). Do the seasonal forests in northeastern Brazil represent a single floristic unit? Brazilian Journal of Biology, 68, 467-475.

Rodríguez-Rodríguez, M. A., Gasca-Pineda, J., Medellín, R. A. & Eguiarte, L. E. (2015). Analysis of genetic diversity of bighorn sheep (Ovis canadensis) from Mexican populations. *Journal of Mammalogy,* 96, 473-480.

Rozas, J., Sánchez-Delbarrio, J. C., Messeguer, X. & Rozas, R. (2003). DnaSP, DNA polymorphism analysis by the coalescent and other methods. *Bioinformatics*, 19, 2496-2497.

Santos, J. C., Leal, I. R., Almeida-Cortez, J. S., Fernandes, G. W. & Tabarelli, M. (2011). Caatinga: the scientific negligence experienced by a dry tropical forest. Tropical Conservation *Science*, 4, 276-286

Schlüter, P. M. & Harris, S. A. (2006). Analysis of multilocus fingerprinting data sets containing missing data. *Molecular Ecology Notes*, 6, 569-572.

Taddei, V. A., Nobile, C. A. & Moriele-Versute, E. (1998). Distribuicao Geográfica e variação morfométrica de Artibeus obscurus e Artibeus fimbriatus (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Ensaios em Ciência, 2*, 71-127.

Trejo. I. & Dirzo, R. (2000). Deforestation of seasonally dry tropical forest: a national and local analysis in Mexico. *Biological Conservation*, 94, 133-142.

Vijayan, K., Srivatsava, P. P., Nair, C. V., Awasthi, A. K., Tikader, A., Sreenivasa, B. & Urs, S. R (2006). Molecular characterization and identification of markers associated with yield traits in mulberry using ISSR markers. *Plant Breeding*, 125, 298-301.

Figures and tables

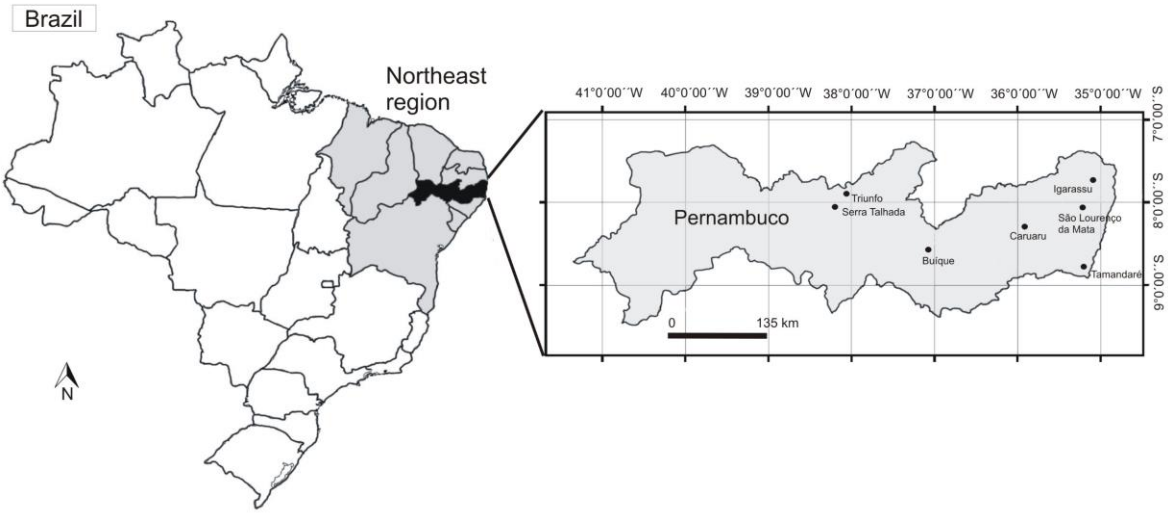


Fig. 1 Map showing the location of where the samples were collected from the seven analyzed populations of *A. planirostris* and *C. perspicillata*.

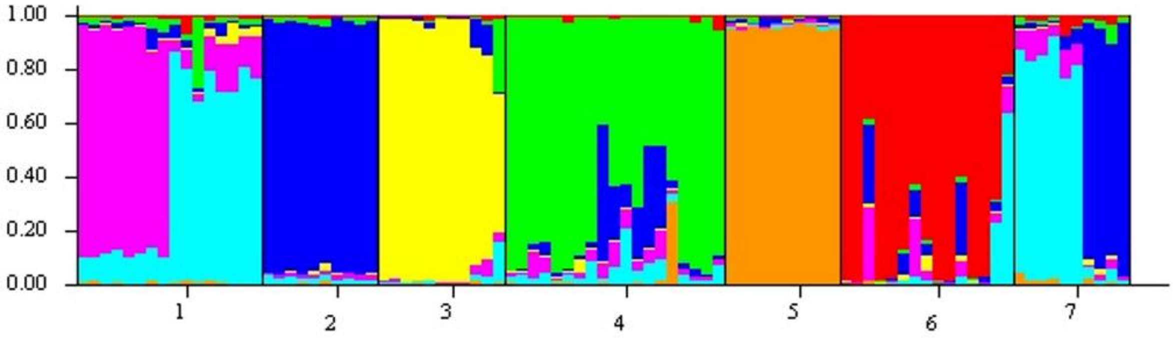


Fig. 2 Graphical output of Bayesian clustering analysis of 91 *A. planirostris* samples constructed with the software Structure for the model $K = 7$. Each vertical bar corresponds to a single individual; the length of each color is proportional to the estimated membership coefficient. Sampling sites: 1 – Tamandaré, 2 –Igarassu, 3 – São Lourenço da Mata, 4 – Serra Talhada, 5 –Triunfo, 6 – Caruaru and 7 –Buíque.

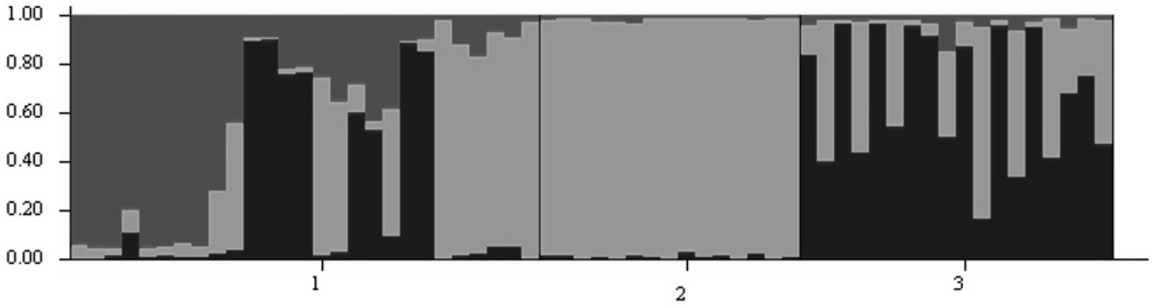


Fig. 3 Graphical output of Bayesian clustering analysis of 60 *C. perspicillata* samples created with the software Structure for the model *K* = 3. Each vertical bar corresponds to a single individual; the length of each color is proportional to the estimated membership coefficient. Sampling regions: 1 – Pernambuco, subregion of the Atlantic forest 2 – Seasonnaly dry tropical forest, 3 – Brejo, subregion of the Atlantic forest.

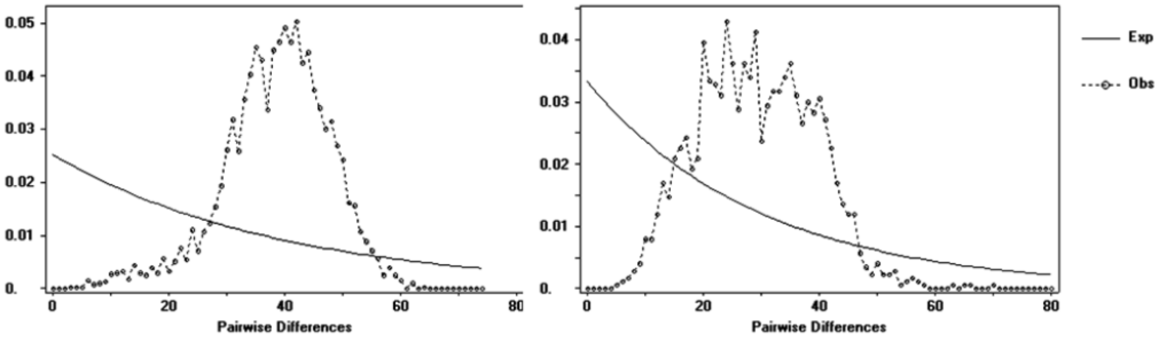


Fig. 4 Expected (solid line) and observed (dashed line) mismatch distributions among individual of *Artibeus planirostris* (left) and *Carollia perspicillata* (right) in a population growth model.

Table 1 Number of bat specimens (n), polymorphic *loci* and private bands for regions and populations.

Species	Region	Population	n	Polymorphic	Private

		Loci	Bands
Artibeus planirostris	91	143	
Pernambuco subregion Atlantic forest	37	111	18
Tamandaré	16	89	6
Igarassu	10	30	1
São Lourenço da Mata	11	66	8
SDTF	29	115	16
Serra Talhada	19	105	5
Triunfo	10	39	1
Brejo subregion Atlantic forest	25	83	13
Caruaru	15	67	1
Buíque	10	66	0
Carollia perspicillata	60	116	
Pernambuco subregion Atlantic forest	27	99	27
Tamandaré	10	39	0
Igarassu	11	92	19
São Lourenço da Mata	6	29	0
SDTF	15	43	4
Serra Talhada	8	33	1
Triunfo	7	36	2

Brejo subregion	Atlantic forest	18	75	12
	Caruaru	9	71	4
	Buíque	9	61	1

Table 2 Results of a three-level analysis of molecular variance.

Species	**Source of variation**	**df**	**Summ of square**	**Variance components**	**Percentage of variation**
A. planirtostris					
	Among Regions	2	194.075	-0.9282	-0.46
	Among population within regions	4	358.671	6.14328	30.51
	Within population	84	1183.364	14.08766	69.96
C. perspicillata					
	Among Regions	2	121.574	1.52455	9.93
	Among population within regions	4	124.178	2.29874	14.97
	Within population	53	611.348	11.53487	75.11

Table 3 F_{st} values between regions. The lower diagonal corresponds to *A. planirostris* and the upper diagonal to *C. perspicillata*.

	Pernambuco subregion		Brejo subregion
	Atlantic forest	SDTF	Atlantic forest

Pernambuco subregion			
Atlantic forest	--	0.16502	0.13767
SDTF	0.12181	--	0.19784
Brejo subregion Atlantic forest	0.11205	0.16699	--

6 DISCUSSÃO GERAL

Diante das questões levantadas no presente trabalho foi possível identificar um padrão filogeográfico na espécie *A. planirostris*. Assim como, compreender melhor a estrutura genética de *A. planirostris* e *C. perpscillata* ao longo de diferentes populações e ambientes. É fato que o entendimento da diversidade genética é uma das principais linhas de estudo em biologia da conservação, pois fornece informações relevantes sobre o pontecial adaptativo das espécies (Moritz, 1994). Não é por menos que nos últimos anos tenha se tornado primordial para ações de cunho conservacionista (Farjado *et al.,* 2016).

Para avaliação da filogeografia de *A. planirostris* foi fundamental o uso de amostras que compreendessem toda a distribuição geográfica da espécie. Desta forma, foi possível avaliar a espécie em todo o gradiente espacial em que ela se encontra, tornando mais efetivo e robusto o estudo. As árvores filogeográficas, construídas através de diferentes algoritmos, convergiram para a mesma topologia. Esta topologia indicou, geograficamente, a influência da vicariância causada pela elevação dos Andes, fato este documentado em estudos com morcegos (Hoffman e Baker, 2003; Redondo *et al.*, 2008) além de outros organismos (Cortés-Ortiz *et al.,* 2003; Dick *et al.*, 2003; Zeh *et al.*, 2003; Cheviron *et al.*, 2005; Eberhard e Bermingham, 2005; Gutiérrez *et al.*, 2014b).

Para aumentar a robustez destas conclusões, datações, com abordagem molecular, vem sendo empregadas (Eizirik *et al.,* 2001). Elas auxiliam no esclarecimento de controvérsias geradas por estudos paleontológicos clássicos e modernos (Bromham *et al.,* 1999; Foote *et al.*, 1999). Como visto no presente estudo, a datação foi essencial para associar a principal divisão de clados da árvore com o evento de elevação dos Andes. A datação que estimou em aproximadamente 3,44 milhões de anos a separação deste ramo, coincide com um dos momentos de elevação mais acentuada dos andes ocorrido no Plioceno (Hoorn *et al*., 2010).

Outros eventos de vicariância sucedidos no neotrópico puderam ser testados no estudo com *A. planirostris.* Como a separação entre as Antilhas e o continente sul-americano. Aonde mostrou-se similar com a porção leste da Floresta Amazônica, indicando o possível fluxo gênico entre continente e ilha e/ou isolamento recente. Este fato podemos atribuir a alta vagilidade dos morcegos devido ao voo. Sendo esta conclusão corroborada por outro estudo realizado por Hunt *et al.* (2001) com aves (vertebrado de vagilidade similar) que obteve resultado similar. A biologia dos quirópteros permite que explorem paisagens fragmentadas em busca de alimento e abrigo por longas distâncias (Bernard e Fenton, 2003). Portanto os diferentes ambientes visitados pelos morcegos são relevantes na estruturação das populações (Fogaça e Reis, 2008).

Assim como a formação dos Andes, outros eventos geo-climáticos influenciaram diretamente a dispersão da biota neotropical. Este é o caso do cinturão seco formado pela Caatinga, Cerrado e Chaco (Koopman, 1976; Silva *et al*. 2001). Esta formação xérica, pode ter funcionado como uma barreira ambiental separando a Floresta Atlântica da Amazônia. Em nosso estudo as amostras de florestas secas agruparam-se com as de Floresta Atlântica, provavelmente estas amostras ficaram isoladas nos períodos inter-glaciais ocorridos no Pleistoceno, devido a transgressões e retrações marítimas. Estando este momento alinhado com nossa datação (~2,12 milhões de anos). A influência deste cinturão seco também foi verificada em outros morcegos (Lopes e Ditchfield, 2009; Martins *et al.,* 2009; Pavan *et al.*, 2011; Ferreira *et al*., 2014). Além de outros grupos animais como répteis (Pellegrino *et al.*, 2005), anfíbios (Elme *et al.*, 2007), e aves (Bates *et al.*, 1998). Estes eventos acarretam um afunilamento das populações e posterior expansão, fato observado no nosso estudo através de testes de neutralidade.

Diante do exposto, é evidente que os eventos geoclimáticos durante o plioceno e pleistoceno atuaram diretamente na estrutura genética dos vertebrados neotropicais. Não obstante a isto, nosso estudo sobre a estruturação genética de duas espécies de morcegos no nordeste brasileiro, evidenciou a diferenciação genética de populações, mesmo diante de curtas distâncias entre populações (até ~400km).

A partir da análise molecular de variância, a espécie *C. perspicillata* mostrou-se sensível ao ambiente de origem. Este resultado pode estar associado com a baixa mobilidade da espécie para forrageio que não ultrapassa 2,5 km (Heithaus & Fleming, 1978; Bernard & Fenton, 2003). Isto diminui a capacidade de fluxo gênico da espécie e pode causar diferenciação regional. Podendo ter relação com estudos que detectaram variação morfológica a nível regional (Cloutier e Thomas, 1992; Nowak, 1994). Outro fato que contribui para isto é a dieta especializada da espécie que consiste de espécies da Família Pipperaceae (Peracchi *et al.*, 2006). Pois dietas especializadas estão associadas a forte estruturação populacional (Kitahara *et al.*, 2000; Carnaval, 2002).

Em contrapartida, espécies do gênero *Artibeus* podem deslocar-se por até 25 km em busca de recurso (Esberard, 2003). Isto acarreta maior fluxo interpopulacional, fato reforçado pela ausência de variação morfológica (Taddei,1998). Segundo Carnaval (2002) esta espécie possui grande plasticidade em ocupar ambientes, espécies com esta característica costumam não possuir um padrão de estrutura genética definido.

Ao avaliar especificamente o ambiente, pode-se perceber que os espécimes de florestas secas sazonais são os mais distintos geneticamente em ambas as espécies, existindopossíveis explicações para isto. Primeiramente, o fato de que neste ambiente, devido à escassez de recursos, os animais necessitam se deslocar mais, acarretando em maior homogeneidade dentro da população (Cerqueira, 1985; Fleming, 1988; Bernard e Fenton, 2003). Outro motivo é que as sub-regiões de Floresta Atlântica (Pernambuco e Brejo) possuem uma história evolutiva em comum, compartilham características que as fazem se diferenciarem da floresta seca (Pôrto *et al.,* 2004). Além disso, a diferenciação destas populações foi também influenciada pelo isolamento por distancia que se mostrou moderado, mas significativo. Análises intrapopulacionais indicaram expansão populacional em ambas espécies o que é comum em organismos da região (Carnaval e Moritz, 2008, Redondo *et al.,* 2008).

Haja vista o exposto, os padrões genéticos (filogeografia, estruturação populacional e história demográfica) observados hoje são um reflexo da biologia do animal e eventos que variam em tempo, escala e intensidade.

7 CONCLUSÕES

1. A filogeografia da espécie *A. planirostris* mostrou uma divisão em subgrupos delimitados geograficamente pelos Andes e pela diagonal seca. O que está em acordo com os eventos de vicariância da Região Neotropical;
2. As datações propostas neste estudo coincidem com os eventos geo-climáticos que causaram diferenciação genética dentro da espécie *A. planirostris*;
3. A filogeografia de *A. planirostris* também indicou que a espécie passa por um processo de expansão, também observado em outros vertebrados da Região Neotropical;
4. As populações de *A. planirostris* e *C. perspicillata* estudadas no nordeste brasileiro apresentaram forte estruturação ao nível de população. Isto indica que mesmo com a grande vagilidade dos morcegos em relação a outros mamíferos, eles conseguem manter características genéticas distintas em populações próximas;
5. A espécie *C. perspicillata* apresentou também diferenciação genética ao nível de ambiente fitofisionômico. Em estudo prévio havia sido relatada diferenciação morfológica relacionado a variação ambiental. Esta espécie possui deslocamento de forrageio limitado o que favoreceria a especialização por ambiente;
6. A maior semelhança genética entre os indivíduos de *A. planirostris* e *C. perspicillata* das populações da floresta seca sugere maior fluxo genético dentro deste ambiente. Podendo ser explicado pela maior escassez de recursos que gera necessidade um maior deslocamento dos morcegos.

REFERÊNCIAS

Albuquerque P, Silva LAM, Cunha MC, Silva CJ, Machado JLM and Lima MDLM (2012) Vigilância epidemiológica da raiva em morcegos no Município de Moreno, Pernambuco, Brasil. Revista Biociências 18:5-13.

Allocati N, Petrucci AG, Di Giovanni P, Masulli M, Di Ilio C and De Laurenzi V (2016). Bat–man disease transmission: zoonotic pathogens from wildlife reservoirs to human populations. Cell Death Discovery 2:16048.

Almeida MFD, Rosa ARD, Sodré MM, Martorelli LFA, Trezza Netto J and Almeida MFD (2015). Fauna de morcegos (Mammalia, Chiroptera) e a ocorrência de vírus da raiva na cidade de São Paulo, Brasil. Veterinária e Zootecnia 22:89-100.

Amorim DDS and Tozoni SHS (1994) Phylogenetic and biogeographic analysis of the Anisopodoidea (Diptera, Bibionomorpha), with an area cladogram for intercontinental relationships. Revista Brasileira de Entomologia 38:517-543.

Antunes RSP, Gomes VN, Prioli SMAP, Prioli RA, Júlio Jr HF, Prioli LM and Prioli AJ (2010) Molecular characterization and phylogenetic relationships among species of the genus Brycon (Characiformes: Characidae) from four hydrographic basins in Brazil. Genetics and Molecular Research 9:674-684.

Arita HT and Fenton MB (1970) Flight and echolocation in the ecology and evolution of bats. Tree 12:53-58.

Avise JC (1994) Molecular markers, natural history and evolution. Chapman and Hall, New York, 511 pp.

Avise JC (2000) Phylogeography: the history and formation of species. Harvard university press, Massachusetts, 447 pp.

Avise JC (2009) Phylogeography: retrospect and prospect. Journal of biogeography 36:3-15.

Avise JC, Arnold J, Ball RM, Bermingham E, Lamb T, Neigel JE and Saunders NC (1987) Intraspecific phylogeography: the mitochondrial DNA bridge between population genetics and systematics. Annual review of ecology and systematics 489-522.

Bates JM, Hackett SJ and Cracraft J (1998) Area relationships in the Neotropical lowlands: an hypothesis based on raw distributions of Passerine birds. Journal of Biogeography 25:783-793.

Bernard E and Fenton MB (2003) Bat mobility and roosts in a fragmented landscape in central Amazonia, Brazil. Biotropica 35:262-277.

Bornet B and Branchard M (2001) Nonanchored inter simple sequence repeat (ISSR) markers: reproducible and specific tools for genome fingerprinting*. Plant Molecular Biology Reporter* 19*:*209-215*.*

Bredt A and Silva DM (1998) Morcegos em áreas urbanas e rurais: Manual de manejo e controle. Fundação Nacional de Saúde, Brasília, 117 pp.

Bromham L, Phillips MJ and Penny D (1999) Growing up with dinosaurs: molecular dates and the mammalian radiation. Trends in Ecology & Evolution 14:113-118.

Bullock SH, Mooney HA and Medina E (1995) Seasonally dry tropical forests. Cambridge University Press, Cambridge, 450 pp.

Cabral AD, D'Auria SR, Camargo MC, Rosa AR, Sodré MM, Galvão-Dias MA and Pena HF (2014) Seroepidemiology of Toxoplasma gondii infection in bats from Sao Paulo city, Brazil. Veterinary parasitology 206:293-296.

Carnaval ACO (2002) Phylogeography of four frog species in forest fragments of northeastern Brazil—a preliminary study. Integrative and Comparative Biology 42:913-921.

Carnaval AC and Moritz C (2008) Historical climate modelling predicts patterns of current biodiversity in the Brazilian Atlantic forest. Journal of Biogeography 35:1187-1201.

Carvalho-Neto FG, da Silva JR, Santos N, Rohde C, Garcia ACL and Montes MA (2016) The heterogeneity of Caatinga biome: an overview of the bat fauna. Mammalia 0:aop.

Cheviron ZA, Hackett SJ and Capparella AP (2005) Complex evolutionary history of a Neotropical lowland forest bird (Lepidothrix coronata) and its implications for historical hypotheses of the origin of Neotropical avian diversity. Molecular Phylogenetics and Evolution 36:338-357.

Clancy DJ, Hime GR and Shirras AD (2011) Cytoplasmic male sterility in Drosophila melanogaster associated with a mitochondrial CYTB variant. Heredity 107:374.

Cloutier D and Thomas DW (1992). Carollia perspicillata. Mammalian species 1-9.

Coen CE (2002) Comparative nutritional ecology of two genera of vampire bats: Desmodus rotundus and Diaemus youn gi. Ph.D. Thesis, Cornell University, Ithaca, N.Y., 47 pp.

Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos - CPRH (2006) Unidade de Conservação de uso sustentável. http://www.cprh.pe.gov.br/downloads/plan-01.pdf (January 17, 2013).

Cortés-Ortiz L, Bermingham E, Rico C, Rodríguez-Luna E, Sampaio I and Ruiz-García M (2003) Molecular systematics and biogeography of the Neotropical monkey genus, Alouatta. Molecular Phylogenetics and Evolution 26:64–81.

Dick CW, Abdul-Salim K and Bermingham E (2003) Molecular systematic analysis reveals cryptic tertiary diversification of a widespread tropical rain forest tree. The American Naturalist 162:691-703.

Ditchfield AD (2000) The comparative phylogeography of Neotropical mammals: patterns of intraspecific mitochondrial DNA variation among bats contrasted to nonvolant small mammals. Molecular Ecology 9:1307-1318.

Eberhard JR and Bermingham E (2005) Phylogeny and comparative biogeography of Pionopsitta parrots and Pteroglossus toucans. Molecular Phylogenetics and Evolution 36:288-304.

Edwards S and Beerli P (2000) Perspective: gene divergence, population divergence, and the variance in coalescence time in phylogeographic studies. Evolution 54:1839-1854.

Eizirik E, Murphy WJ and O'Brien SJ (2001) Molecular dating and biogeography of the early placental mammal radiation. Journal of Heredity 92:212-219.

Elmer KR, Dávila JA and Lougheed SC (2007) Applying new inter-individual approaches to assess fine-scale population genetic diversity in a neotropical frog, Eleutherodactylus ockendeni. Heredity 99:506-515.

Esbérard CEL (2003) Marcação e deslocamento em morcegos. Divulgações do Museu de Ciências e Tecnologia UBEA/PUCRS 2:23-24.

Fajardo CG, Almeida Vieira F and Molina WF (2016). Conservação genética de populações naturais: uma revisão para Orchidaceae. Biota Amazônia 6:108-118.

Fasel NJ, Wesseling C, Fernandez AA, Vallat A, Glauser G, Helfenstein F and Richner H (2017) Alternative reproductive tactics, sperm mobility and oxidative stress in *Carollia perspicillata* (Seba’s short-tailed bat). Behavioral Ecology and Sociobiology 71:11.

Fenton MB and Ratcliffe JM (2010) Bats. Current Biology 20:1060-1062.

Fenton MB, Acharya L, Audet D, Hickey MBC, Merriman C, Obrist MK and Adkins, B (1992) Phyllostomid bats (Chiroptera: Phyllostomidae) as indicators of habitat disruption in the Neotropics. Biotropica 440-446.

Ferreira WAS, do Nascimento Borges B, Rodrigues-Antunes S, de Andrade FAG, Souza Aguiar GF, Silva-Junior JDS and Harada ML (2014) Phylogeography of the Dark Fruit-Eating Bat Artibeus obscurus in the Brazilian Amazon. Journal of Heredity 105:48-59.

Figueiredo JJJP, Hoorn C, Van der Ven P and Soares E (2010) Late Miocene onset of the Amazon River and the Amazon deep-sea fan: Evidence from the Foz do Amazonas Basin: Reply. Geology 38:e213.

Findley JS (1993) Bats: a community perspective. University Press, Cambridge, 167 pp.

Fischer E, Fischer W, Borges S, Pinheiro MR and Vicentini A (2014) Predation of *Carollia perspicillata* by *Phyllostomus cf. elongates* in Central Amazonia. Chiroptera Neotropical 3:67-68.

Flemingt H (1988) The short tailed fruit bat: a study in plant-animal interactions. University of Chicago Press, Chicago, Illinois.

Fogaça FNO and Reis NR (2008) Análise comparativa da quiropterofauna da restinga paranaense e adjacências. In: Reis NR, Peracchi AL and Santos GASD (eds) Ecologia de morcegos. Londrina: Nélio Roberto dos Reis, pp.87-95.

Foote M, Hunter JP, Janis CM and Sepkoski JJ (1999) Volutionary and preservational constraints on origins of biologic groups: divergence times of eutherian mammals. Science, 283:1310-1314.

Frankham R, Briscoe DA and Ballou JD (2002) Introduction to conservation genetics. Cambridge University Press, Cambridge UK, 617 pp.

Froeschke G and Sommer S (2012) Insights into the complex associations between MHC class II DRB polymorphism and multiple gastrointestinal parasite infestations in the striped mouse. PLoS One 7:e31820.

Galindo-Leal C. and Gusmão-Câmara I (2005) Mata Atlântica: Biodiversidade, Ameaças e Perspectivas. Fundação SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional, Centro de Ciências Aplicadas à Biodiversidade. Belo Horizonte, 370 pp.

Garcia ACL, Leal ES, Rohde C, Carvalho-Neto FG and Montes MA (2014) The bats of northeastern Brazil: a panorama. Animal Biology 64:141-150.

Gardner AL (2007) Mammals of South America Volume 1: Marsupials. Xenarthrans, Shrews and Bats. University of Chicago Press, Chicago, 690 pp.

Garzione CN, Hoke GD, Libarkin JC, Withers S, MacFadden B, Eiler J, Gosch P and Mulch A (2008) Rise of the Andes. science 320:1304-1307.

Gentry AH (1995) Diversity and floristic composition of neotropical dry forests. In: Bullock SH, Mooney HA and Medina E (eds) Seasonally dry tropical forests Cambridge University Press, Cambridge, pp 146–194.

Gonzalez-Terrazas TP, Koblitz JC, Fleming TH, Medellín RA, Kalko EK, Schnitzler HU and Tschapka M (2016) How Nectar-Feeding Bats Localize their Food: Echolocation Behavior of Leptonycteris yerbabuenae Approaching Cactus Flowers. PloS One 11:e0163492.

Guerrero JA, De Luna E and González D (2004) Taxonomic status of *Artibeus jamaicensis triomylus* inferred from molecular and morphometric data. Journal of Mammalogy 85:866-874.

Gutiérrez EE, Anderson RP, Voss RS, Ochoa-G R, Aguilera M and Jansa GA (2014b) Phylogeography of Marmosa robinsoni: insights into the biogeography of dry forests in northern South America. Journal of Mammalogy 95:1175-1188.

Gutierrez EDA, Pessoa VF, Aguiar LM and Pessoa DM (2014a) Effect of light intensity on food detection in captive great fruit-eating bats, *Artibeus lituratus* (Chiroptera: Phyllostomidae). Behavioural Processes 109:64-69.

Heithaus ER and Fleming TH (1978) Foraging movements of a frugivorous bat, *Carollia perspicillata* (Phyllostomidae). Ecological Monographs 48:127-143.

Hickerson MJ, Carstens BC, Cavender-Bares J, Crandall KA, Graham CH, Johnson JB, Rissler L, Victoriano PF and Yoder AD (2010) Phylogeography's past, present, and future: 10 years after Avise, 2000. Molecular Phylogenetics and Evolution 54:291–301.

Hoffmann FG and Baker RJ (2003) Comparative phylogeography of short-tailed bats (Carollia: Phyllostomidae). Molecular Ecology 12:3403-3414.

Holanda GM, Oliveira EHCD and Ribeiro NAB (2012) Geographic dispersion of Phyllostomidae family (Chiroptera) based on Cytochrome b sequences. Revista Pan-Amazônica de Saúde 3:21-31.

Hollis L (2005) *Artibeus planirostris*. Mammalian Species 1-6.

Hoorn C, Wesselingh FP, ter Steege H, Bermudez HA, Sevink J, Sanmartín I, Sanchez-Meseguer A, Anderson CL, Figueiredo JP, Jaramillo C, Riff D, Negri, Hooghiemstra H, Lundberg J, Stadler T, Särkinen T and Antonelli A (2010). Amazonia through time: Andean uplift, climate change, landscape evolution, and biodiversity. Science 330:927-931.

Hunt JS, Bermingham E and Ricklefs R (2001) Molecular systematics and biogeography of Antillean thrashers, tremblers, and mockingbirds (Aves: Mimidae). The Auk 118:35-55.

Ingersoll E (1920) Zoogeography. In: The Encyclopedia Americana, New York: The Encyclopedia Americana Corporation.

Johns GC and Avise JC (1998) A comparative summary of genetic distances in the vertebrates from the mitochondrial cytochrome b gene. Molecular Biology and Evolution 15:1481-1490.

Jones G and Teeling EC (2006) The evolution of echolocation in bats.Trends in Ecology & Evolution 21:149-156.

Kauffman JB, Steele MD, Cummings DL and Jaramillo VJ (2003) Biomass dynamics associated with deforestation, fire, and, conversion to cattle pasture in a Mexican tropical dry forest. Forest Ecology and Management 176:1-12.

Kitahara M, Sei K and Fuji K (2000) Patterns in the structure of grassland butterfly communities along a gradient of human disturbance: further analysis based on the generalist/specialist concept. Population Ecology 42:135-144.

Koopman KF (1976) Zoogeography. In: Baker RJ, Jones JK and Carter DS (eds). Biology of bats of the New World family Phyllostomatidae Lubbock (TX): Texas Tech University, Special Publications of The Museum, pp 1-218.

Koopman KF (1993) Chiroptera. In: Wilson DE and Reeder DM (eds) Mammalian Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference. 2nd edition, Smithsonian Institution Press, Washington, DC, pp 137–241.

Lamb JM, Naidoo T, Taylor PJ, Napier M, Ratrimomanarivo F and Goodman SM (2012) Genetically and geographically isolated lineages of a tropical bat (Chiroptera: Molossidae) show demographic stability over the late Pleistocene. Biological Journal of the Linnean Society 106:18-40.

Larsen PA, Hoofer SR, Bozeman MC, Pedersen SC, Genoways HH, Phillips CJ, Pumo DE and Baker RJ (2007) Phylogenetics and phylogeography of the *Artibeus* *jamaicensis* complex based on cytochrome-b DNA sequences. Journal of Mammalogy 88:712-727.

Larsen PA, Marchán-Rivadeneira MR and Baker RJ (2010) Natural hybridization generates mammalian lineage with species characteristics. Proceedings of the National Academy of Sciences 107:11447-11452.

Leal IR, Silva JOS, Cardoso M, Tabarelli M and Lacher TE (2005) Changing the course of biodiversity conservation in the Caatinga of northeastern Brazil. Conservation Biology 19:701-706.

Lin Y, Fuping L, Shanshan L, Xiao W, Ruixuan Z, Ziqin L and Hui Z (2012) ISSR analysis of Fusarium oxysporum Schl. in Hebei province. Procedia Environmental Sciences 12:1237-1242.

Lopes SR and Ditchfield AD (2009) Phylogeography of Lonchorhina aurita (Phyllostomidae) from coastal Brazilian Atlantic forest. Chiroptera Neotropical 15:450-455.

Lu Z, Wang Y, Peng Y, Korpelainen H and Li C (2006) Genetic diversity of Populus cathayana Rehd populations in southwestern China revealed by ISSR markers. Plant Science 170:407-412.

Maass JM, Mooney HA and Medina E (1995) Conversion of tropical dry forest to pasture and agriculture. Seasonally dry tropical forests, No. 581.5264 S439.

Manrique-Poyato MI, López-León MD, Gómez R, Perfectti F and Camacho JPM (2013) Population genetic structure of the grasshopper Eyprepocnemis plorans in the south and east of the Iberian Peninsula. PloS One 8:e59041.

Martins FM, Templeton AR, Pavan AC, Kohlbach BC and Morgante JS (2009) Phylogeography of the common vampire bat (*Desmodus rotundus*): marked population structure, Neotropical Pleistocene vicariance and incongruence between nuclear and mtDNA markers. BMC evolutionary biology 9:294.

Mattevi MS (2003) Caracterização genético-molecular da biodiversidade. In: Marques EK (eds) Diagnostico genético-molecular. Editora ULBRA: Canoas, 372 pp.

Melo BES, Barros MS, Carvalho TF, Amaral TS and Freitas MB (2012) Energy reserves of *Artibeus lituratus* (Chiroptera: Phyllostomidae) in two areas with different degrees of conservation in Minas Gerais, Brazil. Brazilian Journal of Biology 72:181-187.

Meyer A (1994) Shortcomings of the cytochrome b gene as a molecular marker. Trends in Ecology & Evolution 9:278-280.

Mooney HA, Bullock SH and Medina E (1995) Introduction. In: Bullock SH, Mooney HA and Medina E (eds) Seasonally dry tropical forests. University Press, Cambridge, pp. 1–8.

Mora A, Baby P, Roddaz M, Parra M, Brusset S, Hermoza W and Espurt N (2010) Tectonic history of the Andes and sub-Andean zones: implications for the development of the Amazon drainage system. In: Hoorn C and Wesselingh F (eds) Amazonia, Landscape and Species Evolution. Wiley-Blackwell, pp 38–60,

Moreira-Muñoz A (2007) The Austral floristic realm revisited. Journal of Biogeography 34:1649-1660.

Moritz C (1994) Defining “Evolution Significant Units” for conservation. Trends Ecology Evolution, v. 9, pp 373-375.

Morrone JJ (2002) Biogeographical regions under track and cladistic scrutiny. Journal of Biogeography 29:149-152.

Morrone JJ (2005) Hacia una sıntesis biogeografica de México. Rev. Mex. Biodivers. 76:207–252.

Morrone JJ (2006) Biogeographic areas and transition zones of Latin America and the Caribbean islands based on panbiogeographic and cladistic analyses of the entomofauna. Annu. Rev. Entomol. 51:467-494.

Morrone JJ (2014) Cladistic biogeography of the Neotropical region: identifying the main events in the diversification of the terrestrial biota. Cladistics 30:202-214.

Mullis KB, and Faloona F (1987) Specific synthesis of DNA in vitro via a polymerase catalyzed chain reaction. Methods Enzymol. 155:335-350.

Murphy WJ, Eizirik E, O'Brien SJ, Madsen O, Scally M, Douady CJ and Springer MS (2001) Resolution of the early placental mammal radiation using Bayesian phylogenetics. Science 294:2348-2351.

Musolf K, Meyer-Lucht Y and Sommer S (2004) Evolution of MHC-DRB class II polymorphism in the genus Apodemus and a comparison of DRB sequences within the family Muridae (Mammalia: Rodentia).Immunogenetics 56:420-426.

Myers N, Mittermeier RA, Mittermeier CG, Fonseca GA and Kent J (2000) Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature 403:853-858.

Nicolas V, Schaeffer B, Missoup AD, Kennis J, Colyn M, Denys C and Laredo C (2012) Assessment of three mitochondrial genes (16S, Cytb, CO1) for identifying species in the Praomyini tribe (Rodentia: Muridae). PloS One 7:e36586.

Nogueira C, Ribeiro S, Costa GC and Colli GR (2011) Vicariance and endemism in a Neotropical savanna hotspot: distribution patterns of Cerrado squamate reptiles. Journal of Biogeography 38:1907-1922.

Nowak RM (1994) Walker's bats of the world. JHU Press, Baltimore, 287 pp.

Oliveira PS and Marquis RJ (2002) The cerrados of Brazil: ecology and natural history of a neotropical savanna. Columbia University Press, 424 pp.

Oliveira JA, Gonçalves PR and Bonvicino CR (2003) Mamíferos da Caatinga. In: Leal IR, Tabarelli M and Silva JMC (Eds.) Ecologia e Conservação da Caatinga. Ed. Universitária UFPE, Recife, pp 275-302.

Ortêncio Filho H, Lima I P and Fogaça FNO (2007) Subfamília Carolliinae. In: Reis NR, Peracchi AL, Pedro WA and Lima IP (eds) Morcegos do Brasil. Universidad Federal de Londrina, Londrina, pp 99-105.

Patterson BD (2000) Patterns and trends in the discovery of new Neotropical mammals. Diversity and Distributions 6:145-151.

Pavan AC, Martins F, Santos FR, Ditchfield A and Redondo RA (2011) Patterns of diversification in two species of short-tailed bats (Carollia Gray, 1838): the effects of historical fragmentation of Brazilian rainforests. Biological Journal of the Linnean Society 102:527-539.

Pellegrino K, Rodrigues MT, Waite AN, Morando M, YassudaYY and Sites JW (2005) Phylogeography and species limits in the Gymnodactylus darwinii complex (Gekkonidae, Squamata): genetic structure coincides with river systems in the Brazilian Atlantic Forest. Biological Journal of the Linnean Society 85:13-26.

Pellegrino KCM, Rodrigues MT, Harris DJ, Yonenaga-Yassuda Y and Sites Jr JW (2011) Molecular phylogeny, biogeography and insights into the origin of parthenogenesis in the Neotropical genus Leposoma (Squamata: Gymnophthalmidae): Ancient links between the Atlantic Forest and Amazonia. Molecular Phylogenetics and Evolution 61:446–459.

Pennington R, Prado DE and Pendry CA (2000) Neotropical seasonally dry forests and Quaternary vegetation changes. Journal of Biogeography 27: 261-273.

Peracchi AL, Lima IP, Reis NR, Nogueira MR and Ortêncio-filho H (2006) Ordem chiroptera. In: Reis NR, Peracchi AL, Pedro WA and Lima IP (eds) Morcegos do

Brasil. Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, pp. 153-219.Pimm SL, Jenkins CN, Abell R, Brooks TM, Gittleman JL, Joppa LN and Sexton JO (2014) The biodiversity of species and their rates of extinction, distribution, and protection. Science 344:1246752.

Porto KC, Jaime JP and Tabarelli M (2004) Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 324 pp.

Poulsen CJ, Ehlers TA and Insel N (2010) Onset of convective rainfall during gradual late Miocene rise of the central Andes. Science 328:490-493.

Prado DE and Gibbs PE (1993) Patterns of species distributions in the dry seasonal forests of South America. Annals of the Missouri Botanical Garden 902-927.

Puga CC, Beguelini MR, Negrin AC, Christante CM, Morielle-Versute E, Vilamaior PS and Taboga SR (2013) Structure, histochemistry and ultrastructure of the male reproductive accessory glands in the neotropical flat-faced fruit-eating bat *Artibeus planirostris* (Chiroptera: Phyllostomidae). Reproduction, Fertility and Development 25:558-569.

Quezada M, Pastina MM, Ravest G, Silva P, Vignale B, Cabrera D and Pritsch C (2014) A first genetic map of Acca sellowiana based on ISSR, AFLP and SSR markers. Scientia Horticulturae 169:138-146.

Redondo RA, Brina LP, Silva RF, Ditchfield AD and Santos FR (2008) Molecular systematics of the genus *Artibeus* (Chiroptera: Phyllostomidae). Molecular Phylogenetics and Evolution 49*:*44-58.

Reis NR, Peracchi AL, Pedro WA and Lima IP (2007) Morcegos do brasil. Univesidade Estadual de Londrina, Londrina, 253 pp.

Reis NR, Peracchi AL, Pedro WA and Lima IP (2011). Mamíferos do Brasil, 2a edição. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 439 pp.

Říčanová Š, Bryja J, Cosson JF, Gedeon C, Choleva L, Ambros M and Sedláček, F (2011) Depleted genetic variation of the European ground squirrel in Central Europe in both microsatellites and the major histocompatibility complex gene: implications for conservation. Conservation Genetics 12:1115-1129.

Ripperger SP, Tschapka M, Kalko EK, Rodríguez-Herrera B and Mayer F (2014) Resisting habitat fragmentation: High genetic connectivity among populations of the frugivorous bat *Carollia castanea* in an agricultural landscape. Agriculture, Ecosystems & Environment 185:9-15.

Rissler LJ and Smith WH (2010) Mapping amphibian contact zones and phylogeographical break hotspots across the United States. Molecular Ecology 19:5404-5416.

Rodal MJN (1992) Fitossociologia da vegetação arbustivo-arbórea em quatro áreas de caatinga em Pernambuco. Doctoral thesis. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 198 p.

Rodríguez-Rodríguez MA, Gasca-Pineda J, Medellín RA and Eguiarte LE (2015) Analysis of genetic diversity of bighorn sheep (*Ovis canadensis*) from Mexican populations. Journal of Mammalogy 96:473-480.

Salazar D, Kelm DH and Marquis RJ (2013) Directed seed dispersal of Piper by Carollia perspicillata and its effect on understory plant diversity and folivory. Ecology 94:2444-2453.

Sánchez MS, Giannini NP and Barquez RM (2012) Bat frugivory in two subtropical rain forests of northern Argentina: testing hypotheses of fruit selection in the Neotropics. Mammalian Biology - Zeitschrift für Säugetierkunde 77:22-31.

Sánchez-Azofeifa GA, Quesada M, Rodríguez JP, Nassar JM, Stoner KE, Castillo A and Cuevas-Reyes P (2005) Research Priorities for Neotropical Dry Forests. Biotropica 37: 477-485.

Schad J, Dechmann DK, Voigt CC and Sommer S (2011) MHC class II DRB diversity, selection pattern and population structure in a neotropical bat species, *Noctilio albiventris*. Heredity 107:115-126.

Schad J, Dechmann DK, Voigt CC and Sommer S (2012) Evidence for the ‘Good Genes’ model: association of MHC class II DRB alleles with ectoparasitism and reproductive state in the neotropical lesser bulldog bat, Noctilio albiventris. PloS One 7:37101-37101.

Sclater PL (1858) On the general geographical distribution of the members of the class Aves. Zoological Journal of the Linnean Society 2:130-145.

Shenkar R, Navidi W, Tavaré S, Dang MH, Chomyn A, Attardi G and Arnheim N (1996) The mutation rate of the human mtDNA deletion mtDNA4977. American journal of human genetics 59:772.

Shimko N, Liu L, Lang BF and Burger G (2001) GOBASE: the organelle genome database. Nucleic acids research 29:128-132.

Silva JMC and Casteleti CHM (2003) Status of the biodiversity of the Atlantic Forest of Brazil. In: Galindo-Leal C and Gusmão-Câmara I (eds) The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook. CABS and Island Press, Washington, pp. 43-59.Silva JMC and Oren DC (1997) Geographic variation and conservation of the Moustached Woodcreeper Xiphocolaptes falcirostris, an endemic and threatened species of north-eastern Brazil. Bird Conservation International 7:263-274.

Silva MNF, Rylands AB and Patton JL (2001) Biogeografia e conservação da mastofauna na floresta Amazônica Brasileira. In: Capobianco JPR, Veríssimo A, Moreira A, Sawyer D, Santos I and Pinto LP (eds). Biodiversidade na Amazônia Brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios Instituto Socioambiental: São Paulo, pp 1–21.

Simmons NB (2005) Order Chiroptera. In: Wilson DE and Reeder DM (eds) Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference. Johns Hopkins University Press, Baltimore, pp 312-529.

Slatkin M (1987) Gene flow and the geographic structure of natural populations. Science 236:787-792.

Strecker MR, Alonso R, Bookhagen B, Carrapa B, Coutand I, Hain MP and Sobel ER (2009) Does the topographic distribution of the central Andean Puna Plateau result from climatic or geodynamic processes?. Geology 37:643-646.

Studier EH, Boyd BC, Feldman AT, Dapson RW and Wilson DE (1983) Renal function in the Neotropical bat, *Artibeus jamaicensis*. Comparative Biochemistry and Physiology Part A: Physiology 74:199-209.

Taddei VA (1983) Morcegos. Algumas considerações sistemáticas e biológicas. Boletim Técnico da CATI, n.142, 31 pp.

Taddei VA, Nobile CA and Moriele-Versute E (1998) Distribuicao Geográfica e variação morfométrica de Artibeus obscurus e Artibeus fimbriatus (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). Ensaios em Ciência 2:71-127.

Teeling EC, Springer MS, Madsen O, Bates P, O’brien SJ and Murphy WJ (2005). A molecular phylogeny for bats illuminates biogeography and the fossil record. Science 307:580–584.

Trejo I and Dirzo R (2000) Deforestation of seasonally dry tropical forest: a national and local analysis in Mexico. Biological Conservation 94:133-142.

Tsagkogeorga G, Parker J, Stupka E, Cotton JA and Rossiter SJ (2013) Phylogenomic analyses elucidate the evolutionary relationships of bats. Current Biology 23:2262-2267.

Uba CE, Strecker MR and Schmitt AK (2007) Increased sediment accumulation rates and climatic forcing in the central Andes during the late Miocene. Geology 35:979-982.

Ueda H, Howson JM, Esposito L, Heward J, Chamberlain G, Rainbow DB and Wicker LS (2003) Association of the T-cell regulatory gene CTLA4 with susceptibility to autoimmune disease. Nature 423:506-511.

Vanzolini PE (1963) Problemas faunísticos do Cerrado. Simpósio sobre o Cerrado 307: 1.

Veloso SSC, Ferreiro L, Pacheco SM, da Silva RRP, de Conceição Souza E, Machado G and Sanches EMC (2014) Pneumocystis spp. e Histoplasma capsulatum detectados em pulmões de morcegos das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil. Acta Scientiae Veterinariae 42:1-7.

Vijayan K, Anuradha HJ, Nair CV, Pradeep AR, Awasthi AK, Saratchandra B and Urs SR (2006) Genetic diversity and differentiation among populations of the Indian eri silkworm, Samia cynthia ricini, revealed by ISSR markers. Journal of Insect Science 6:30.

Wallace AR (1856) XVIII. Attempts at a natural arrangement of birds. Journal of Natural History 18:193-216.

Wesselingh FP and Salo JA (2006) A Miocene perspective on the evolution of the Amazonian biota. Scripta Geologica 133:439-458.

Wilson DE and Reeder DM (2005) Mammal Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference. 3rd ed. Johns Hopkins University Press, Baltimore, Maryland, 142 pp.

Zeh JA, Zeh DW and Bonilla MM (2003) Phylogeography of the harlequin beetle-riding pseudoscorpion and the rise of the Isthmus of Panamá. Molecular Ecology 12:2759–2769.

ANEXO A - INSTRUÇÕES PARA AUTORES (JOURNAL OF MAMMALOGY)

Instructions to authors

The *Journal of Mammalogy* is an international, peer-reviewed publication of the American Society of Mammalogists (ASM). We publish manuscripts presenting original research and scholarship on mammals, including topics in mammalian evolution, ecology, behavior, systematics, management, and conservation. Articles should be of interest to a broad scientific readership and may include theoretical or empirical studies that advance our understanding of any aspect of mammalian biology. Book reviews generally may be solicited or readers may request to review a book of general interest to mammalogy (contact the Editor for Reviews).

All submissions are subject to review. Initial review is done by our Editor-in-Chief and by 1 of the Associate Editors, who evaluate whether the manuscript is of sufficient quality and general interest for outside review. Manuscripts that pass this initial evaluation will be sent to 1 or more outside reviewers. The assigned Associate Editor then evaluates the reviews and the manuscript and makes a recommendation to the Editor-in-Chief, who makes the final decision regarding suitability for publication.

Submitted manuscripts should be free of jargon. The editors reserve the right to edit all manuscripts for style and clarity. Contributions are accepted for review and publication on the condition that they are submitted solely to *Journal of Mammalogy* and will not be reprinted or translated without the publisher’s permission, although authors retain copyrights. ASM recommends that original data reported be deposited in a suitable public database. Send inquiries to the editorial office.

Manuscript Preparation

Submission

Submit all manuscripts through ScholarOne. Once you have prepared your manuscript according to the instructions below, please visit the online submission web site. All articles must include a statement in the Materials and Methods section confirming that the study conforms to published ASM guidelines for the use of wild mammals in research (see below) as well as to any relevant institutional requirements (e.g., in the United States, IACUC approval must be confirmed). Submissions from authors whose research involved the use of “human subjects” (as defined in federal law) must include evidence of approval from an institutional review board.

Document Format

Use double-spacing and 12-point Times New Roman font throughout all text, tables, references, and figure captions. Number all pages and insert line numbers continuously throughout your manuscript. Avoid the use of appendices and footnotes in the text. Put tables and figure captions at the end of the document. The title page should contain authors’ names, titles, affiliations, and postal and e-mail addresses.

Style.—Follow *Scientific Style and Format: The CSE Manual for Authors, Editors, and Publishers* (currently in its 8th ed.), for conventions in biology. For general style and spelling, consult the *Chicago Manual of Style* (currently in its 16th ed.), *The Elements of Style* (currently in its 4th ed.), and a dictionary such as *Merriam-Webster’s Collegiate Dictionary*. The *Journal of Mammalogy* uses idiomatic American English. *Mammal Species of the World*, 3rd ed., or *Handbook of the Mammals of the World* (5 of 9 volumes published as of March 2016) are our baselines for mammal taxonomy. Newer names accepted; older names need justification. Serial commas should be employed (“a, b, and c” rather than “a, b and c”). Avoid modifier strings, sequential parentheses, and lost subjects. Distinguish between hyphens (“wild-caught”), en-dashes (“4–5 dolphins”), and em-dashes (used in many JM header styles). En-dashes and em-dashes may be inserted as Special Characters, although most word processors will convert a dash to an en-dash if bracketed by spaces; em-dashes may also be indicated with 3 sequential dashes (this ensures that type setters do not inadvertently confuse this for a different symbol).

Symbols, Abbreviations, Acronyms, and Units of Measure.—Define all nonstandard symbols, and spell out all acronyms. Avoid abbreviations and acronyms unless a term is used numerous times (minimum 3–5). Use the metric system, SI units (Système international d’unités), to express weights and measures. For details on technical style follow the most recent edition of the CSE Manual (currently 8th ed.). “Holocene” not “Recent”; “K/Pg” not “K/T”; use BP for years before present, My to indicate 10^6 years, and Ma to indicate million years ago (equivalent to Ma BP for million years before present); e.g., “The Cretaceous Periods lasted 80 My, from 144 Ma to 65 Ma” (from CSE 8th ed.).

All details of statistical outcomes reported should be provided, and degrees of freedom should be reported as subscripts of test statistics (e.g., $t_2 = 3.76$, $P < 0.04$; $F_{6,198} = 0.253$, $P = 0.618$).

Other statistical standards:

SD, SE, d.f.
All tests in italics: *F, G, H, P, R, r, R2, t, U, V, W, z,* etc.
Spell out mean in text, but use $\bar{X}$ with values; e.g., mean ± *SD*, but $\bar{X} \pm SD$.
Spell out Chi-square test but use X^2 with values; e.g., “We used a chi-square test . . .”, but $X^2 = 234.55$.
Define analysis of variance and other statistical acronyms (e.g., coefficient of variation, confidence interval, etc.) at 1st use; thereafter use ANOVA, *CV*, *CI*, etc.

Always a space on either side of =, <, >, ≤, ≥.

General.—Your manuscript should include: title page, text of manuscript, Acknowledgments, Supporting Information (if needed), Literature Cited, Figure Legends, Appendix(es) as needed, Tables, Figures.

1. Title page should include:

a. Contact information for corresponding author, including email address (single spaced).

b. Running Heading (a short identification, not a title, ≤ 40 characters including spaces; normal font).

c. Title (**Bold**, left-justified text; capitalize only the 1st word and proper nouns; ≤ 15 words).

d. Names of authors (Normal font (NOT ALL CAPS or Small Caps), left-justified text, with asterisk to identify corresponding author).

e. Affiliations of authors (Normal font in *italics*, left-justified, with author initials in parentheses following the appropriate address).

f. Abstract. Summarizes key findings. NO heading. ≤ 5% of the length of the text (Introduction through Discussion).

g. All manuscripts reporting on research from Latin America MUST include a summary in either Spanish or Portuguese, usually a translation of the Abstract. For work based in other non-English speaking countries, a foreign-language abstract is encouraged and welcome. No heading is required for the translation.

h. Key words, ≤ 10 words, alphabetized and separated by commas.

i. _*Correspondent:_” followed by email address of corresponding author.

2. Text of manuscript.

a. The *Journal of Mammalogy* employs up to 4 levels of headings, although most articles skip #2 headings. These are as follows:

#1	**Cap and Small Cap Bold Centered**
#2	*Cap and Lowercase Italic, Centered*
#3	*Italic, paragraph indent, initial cap only: lowercase after colon.—Text follows em-dash (either use 3 dashes or insert em-dash as a Special Character).*
#4	Roman, Paragraph Indent, Cap and Lowercase Followed by Period: lowercase after colon (text follows a standard en-dash, or 2 spaces).

b. Additionally, taxonomic synonymic headings may be used. These differ from headings listed above, and include full attribution of the author of the name followed by a comma and the year of publication. Common names of new species, if provided, are centered on the next line. NOTE that attribution is distinct from citation, and this formatting style formally distinguishes nomenclatural attribution from literature citation (which lack the comma), although authors should include these nomenclatural references in the Literature Cited. This formatting keeps the *Journal of Mammalogy* consistent with attribution given in synonymies for *Mammalian Species*; for further guidance see Gardner and Hayssen (2004) 'A guide to constructing and understanding synonymies for Mammalian Species' (*Mammalian Species* 739:1–17):

Family Molossidae

(genus and species indeterminate)

Rattus detentus, new species Timm, Weijola, Aplin, Flannery, and Pine

Admiralties Rat

Sorex merriami Dobson, 1890

Crocidura rapax G. Allen, 1923

c. Left-justify text following a #1 header unless this includes a lower header; indent subsequent paragraphs.

3. Introduction. No title for this section.

4. Materials and Methods. Use #1 header style. Must include a statement indicating that research on live animals followed ASM guidelines (Sikes et al. 2016. *Journal of Mammalogy* in press) and, if appropriate, was approved by an institutional animal care and use committee (IACUC). All DNA sequences must be submitted to GenBank, and accession numbers provided in the manuscript before publication. Museum catalog numbers for all voucher specimens (including associated tissue) examined must be included in the manuscript (in an Appendix if numerous). Consult recent issues of the *Journal of Mammalogy* for examples.

5. Results. Use #1 header style. Succinct and supported by data and analyses. Methods and interpretation belong elsewhere.

6. Discussion. Use #1 header style. No “Summary” or “Conclusion”.

7. Acknowledgments (note spelling). Use #1 header style.

8. Supporting Information, if included (see below). Use #1 header style.

9. Literature Cited (see below; not “References”). Use #1 header style.

10. Tables and Figures (see below).

Nomenclatural Papers.—Papers that present new names or other nomenclatural acts are regulated by the International Code of Zoological Nomenclature (The Code). For the *Journal of Mammalogy*, new taxa must include a name, stating specifically that it is a new taxon (see sec. 2.b. for an example); species descriptions should include designation of a holotype and where it is deposited, type locality, diagnosis, description, etymology, nomenclatural statement (prepared by *JM* editorial staff), and comparisons with other taxa; other common sections may include paratypes (or other types), common name, general description, distribution, ecology, and other sections as necessary. For new genus-group names, a type species must be fixed. For family-group names, the type genus must be fixed. Nomenclatural papers will be registered (by *JM* editorial staff) with ZooBank (http://zoobank.org/) and a Life Sciences Identifier number (LSID) will be secured. New names should use the header type presented above (sec. 2.b). See recent issues of the *JM* for examples. The *Journal* recommends #3 headers for these subsections.

Supporting Information.—Supporting information that adds depth to a manuscript but is not essential to a reader's understanding of the research (e.g., spreadsheets, databases, equations, video or audio files, tables and/or figures) may be hosted online. They can be supplied as text, audio, or video files and uploaded as supplementary materials during the submission process. Supporting information files will not be edited and should conform to *Journal of Mammalogy* style; editors and reviewers will view the file during peer review, but we will not copyedit, typeset, or format supporting information. The material must be ready for e-posting when the manuscript is submitted for review. Supporting files should be referenced in your manuscript, e.g., "see Supporting Information S1". All supporting information, be they tables, figures, text, videos, etc., should be labeled as "Supporting Information S1, S2, S3…," consecutively through the manuscript. A short legend for each supporting file should be included in a section titled, "Supporting Information," and appearing before the Literature Cited section.

Note that whereas "Supporting Information" uses a #1 header style, subsequent references to each supporting document should be formatted as follows:

Roman, Bold, No Indent, Cap and Lowercase Followed by Period.—Text follows em-dash.

Because e-only supporting files are published separately from the manuscript, they need to stand alone. If references are cited in the supporting information but not in the regular article, the references should appear at the end of the supporting file. References that appear only in the supporting information should not be listed in the Literature Cited section of the manuscript.

Supporting Information can be hosted online in document files (Word, Excel, PDF, etc.). Audio and video files should be no more than 10 minutes in length. Video files may be supplied by authors in .avi, .mov, .mp4, .mpg, .flv, .swf format, MPEG-2, or MPEG-4 preferred. If an author submits a video file, the author is encouraged to submit a still shot from the video (JPG, TIF, or EPS) to use for a thumbnail that can be placed in the article. Audio files should be mp3. 3-dimensional objects and geographic information system data should be KML files.

Literature Cited.—List all works cited in the text in the Literature Cited, including authority citations for scientific names in systematic papers but excluding references used only in Supporting Information. Works not cited should not be listed. Submitted manuscripts must be in press or removed before manuscript acceptance. Unpublished data and reports cannot be cited in the manuscript or listed in the Literature Cited, use pers. comm. or pers. obs. instead. The number of references cited should suffice to lead readers to key literature; use the lowest number of references necessary; rarely are more than 3 citations needed for a given point.

Personal communications should be cited parenthetically in the text; the citation should include the source's name and affiliation and the date of the communication: (Henry J. Smith, [university or other affiliation, city, state], personal communication, [month and year of communication]). Submit letters from authors of personal communications giving permission to use the material. Manuscripts submitted for publication but not yet accepted may not be cited.

Cite literature in text using the "Name-Year" format as presented in the CSE guidelines. Multiple in-text citations are ordered chronologically (Author 1998; Author 1999, 2000); if a reference was published in a different year than that presented in the book insert the correct year in square brackets; e.g., "Gardner [2008]" (see below for formatting these in the Literature Cited). Use the 1st author's last name and "et al." for in-text citation of works with more than 2 authors or editors, and cite in chronological order by lead author (e.g., if Jones, Smith, and Andrews 2000 and Jones, Andrews, and Smith 2001 were cited simultaneously, this should be cited as Jones et al. 2000, 2001). For multiple works by an author in the same year, cite as "a", "b", etc. (e.g., Author 2010a, 2010b) with the 1st article cited in text denoted as "a" (note that Jones, Smith, and Andrews 2001 and Jones, Andrews, and Smith 2001 would be cited as Jones et al. 2001a, 2001b, with the letters allocated in the order that these are presented in the Literature Cited).

In the Literature Cited, list the name of every author or editor, unless there are more than 7, in which case use "Author, et al. date" (see examples below). References are presented in alphabetical order by all authors (unless "et al." is used), and chronologically for references with identical author lines. Capitalize only the 1st word and proper nouns of a reference and use italics only for scientific names. The style of some journals (i.e., the *American Midland Naturalist*, older issues of the *Annals and Magazine of Natural*

History and of *Mammalian Species*) was to set scientific names in the titles of articles in Roman font, not italics; neither CSE nor the Chicago Manual provide guidance on how to reflect this in citation. This issue was raised with CSE personnel, and their recommendation (in litt. to DAK, 4 April 2016), which should be followed for both the *Journal* and *Mammalian Species*, was to always italicize scientific names in the Literature Cited, regardless of the original presentation. Provide the full names of all journals.

The following examples are typical of references in *Journal of Mammalogy* and *Mammalian Species*; refer to recent issues for additional formatting guidance.

Journal Articles

Dumbacher, J. P., G. B. Rathbun, T. O. Osborne, M. Griffin, and S. J. Eiseb. 2014. A new species of round-eared sengi (genus *Macroscelides*) from Namibia. Journal of Mammalogy 95:443–454.

Sikes, R. S., and the Animal Care and Use Committee of the American Society of Mammalogists. 2016. 2016 guidelines of the American Society of Mammalogists for the use of wild mammals in research and education. Journal of Mammalogy in press.

Smith, J. B., T. W. Grovenburg, K. L. Monteith, and J. A. Jenks. 2015. Survival of female bighorn sheep (*Ovis canadensis*) in the Black Hills, South Dakota. American Midland Naturalist 174:290–301.

Stapp, P., and G. A. Polis. 2003. Influence of pulsed resources and marine subsidies on insular rodent populations. Oikos 102:111–123.

Vieira, M. V. 2003. Seasonal niche dynamics in coexisting rodents of the Brazilian cerrado. Studies on Neotropical Fauna and Environment 38:7–15.

White, G. C., and K. P. Burnham. 1999. Program MARK: survival estimation from populations of marked animals. Bird Studies 46 (Supplement):120–139.

Books

Gardner, A. L. (ed.). 2007 [2008]. Mammals of South America. 1. Marsupials, xenarthrans, shrews, and bats. University of Chicago Press. Chicago, Illinois. (See Emmons [2008] below as example of reference for a treatment within this book).

Groves, C., and P. Grubb. 2011. Ungulate taxonomy. Johns Hopkins University Press. Baltimore, Maryland.

Hall, E. R. 1981. The mammals of North America. 2nd ed. John Wiley & Sons, Inc. New York 1:1–600 + 90. [OR . . . 2:601–1181 + 90.]

Neal, E. G., and D. C. Cheeseman. 1996. Badgers. Poyser Natural History. London, United Kingdom.

Peterson, A. T., et al. 2011. Ecological niches and geographic distributions. Princeton University Press. Princeton, New Jersey. (Note that this reference has 7 authors).

Wilson, D. E., and D. M. Reeder. 2005. Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference. 3rd ed. Johns Hopkins University Press. Baltimore, Maryland. (See Musser and Carleton (2005) below for how to cite sections within this book).

Chapter in Edited Books

Emmons, L. H. 2007 [2008]. Genus *Caluromysiops*. Pp. 11–12 in Mammals of South America. 1. Marsupials, xenarthrans, shrews, and bats (A. L. Gardner, ed.). University of Chicago Press. Chicago, Illinois. (See Gardner [2008] above for citing the entire volume).

Fahr, J. 2013. *Rhinolophus ziama*. Ziama horseshoe bat. Pp. 355–356 in Mammals of Africa. 4. Hedgehogs, shrews, and bats (M. Happold and D. C. D. Happold, eds.). Bloomsbury Publishing. London, United Kingdom.

Goin, F. J., J. N. Gelfo, L. Chornogubsky, M. O. Woodburne, and T. Martin. 2012. Origins, radiations, and distribution of South American mammals: from greenhouse to icehouse worlds. Pp. 20–50 in Bones, clones, and biomes: the history and geography of Recent Neotropical mammals (B. D. Patterson and L. P. Costa, eds.). University of Chicago Press. Chicago, Illinois.

Kley, N. J., and M. Kearney. 2007. Adaptations for digging and burrowing. Pp. 284–309 in Fins into limbs (B. Hall, ed.). University of Chicago Press. Chicago, Illinois.

Musser, G. G., and M. D. Carleton. 2005. Superfamily Muroidea. Pp. 894–1531 in Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference. 3rd ed. (D. E. Wilson and D. M. Reeder, eds.). Johns Hopkins University Press. Baltimore, Maryland. (See Wilson and Reeder (2005) above for citing the full book).

Technical Reports

Carey, A. B., B. L. Biswell, and J. W. Witt. 1991. Methods for measuring populations of arboreal rodents. U.S. Forest Service, General Technical Report PNW-GTR-273:1–24.

Griggs, F. T., and River Partners. 2009. California riparian habitat restoration handbook. 2nd. ed. July 2009. California Riparian Habitat Joint Venture. Sacramento, California.

Zielinski, W. J. 1995. Track plates. Pp. 67–89 in American marten, fisher, lynx, and wolverine: survey methods for their detection (W. J. Zielinski and T. E. Kucera, eds.). U.S. Forest Service, General Technical Report PSW-GTR-157:1–163.

Proceedings

Armitage, K. B., and D. T. Blumstein. 2002. Body-mass diversity in marmots. Pp 22–40 in Holarctic marmots as a factor of biodiversity. Proceedings of the 3rd International Conference on Marmots, Cheboksary, Russia, 25–30 August 1997 (K. B. Armitage and V. Y. Rumiantsev, eds.). ABF Publishing House. Moscow, Russia.

Theses or Dissertations

Quaife, L. R. 1978. The form and function of the North American badger (*Taxidea taxus*) and its fossorial way of life. M.S. thesis, University of Calgary. Calgary, Alberta, Canada.

Steward, P. D. 1997. The social behaviour of the European badger, *Meles meles*. Ph.D. dissertation, University of Oxford. Oxford, United Kingdom.

Web sites (Do not include web addresses in manuscript text, cite them as “(Author Year)” and include web address in Literature Cited).

CDFW [California Department of Fish and Wildlife]. 2008. State & federally listed endangered & threatened animals of California. January 2013. www.dfg.ca.gov/biogeodata/cnddb/pdfs/TEAnimals.pdf. Accessed 15 July 2013.

IUCN. 2015. The IUCN Red List of threatened species. Ver. 2015.3. www.iucnredlist.org. Accessed 6 November 2015.

To cite the IUCN assessment of a given species, use the following template

Author(s). Year. *Species name*. In: IUCN 2015. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2015.3. www.iucnredlist.org. Accessed 6 November 2015.

Software (Cite software as "(Author Year)" in text and include citation in literature cited.)

ESRI. 2002. ArcView GIS. Ver. 3.3. Environmental System Research Institute, Inc. Redlands, California.

IBM Corp. 2012. IBM SPSS statistics for Windows. Ver. 21.0. IBM Corp. Armonk, New York.

Jenness Enterprises. 2002. Kit fox telemetry. A custom-written extension for ArcView 3.3. Jenness Enterprises. Flagstaff, Arizona.

Kenward, R. E., N.M. Casey, S. S. Walls, and A. B. South. 2014. Ranges9: for the analysis of tracking and location data. Online manual. Anatrack Ltd. Wareham, United Kingdom.

McCune, B., and M. J. Mefford. 2011. PC_ORD. Multivariate analysis of ecological data. Ver, x. MjM Software. Gleneden Beach, Oregon.

R Development Core Team. 2012. R: a language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. www.R-project.org/.

Rodgers, A. R., and A. P. Carr. 1998. HRE: the Home Range Extension for ArcView. Centre for Northern Forest Ecosystem Research, Ontario Ministry of Natural Resources. Thunder Bay, Ontario, Canada.

SAS Institute Inc. 2008. SAS/STAT user's guide. Release 9.2. SAS Institute, Inc. Cary, North Carolina.

Statsoft Inc. 2002. Statistica. Release 6. Statsoft, Inc. Tulsa, Oklahoma.

Swofford, D. L. 1999. PAUP*: phylogenetic analysis using parsimony (*and other methods). Ver. 4. Sinauer Associates, Inc., Publishers. Sunderland, Massachusetts.

Tables and Figure.—All Tables and Figures should be interpretable without reference to the manuscript; that is, they should "stand alone." Tables must be provided as text (not images). Capitalize only the 1st word in figure and table titles (and subheadings), except for proper nouns. Use lowercase letters to indicate footnotes in tables and panels in figures. Put panel labels (a, b, etc.) in the upper left corner of figures, if needed. Construct tables without vertical rules. For more general guidelines on the construction of tables, see the *CSE Manual* and the *Chicago Manual of Style*.

Artwork should suit the manner in which it will be published and should be readable in black and white, even if it will appear in color. Artwork submitted for publication should be of the highest quality, in vector-graphic format if possible, or with a minimum resolution of 600 dpi for line art and 400 dpi for photographs at 4 x 6 inches for figures intended to run within the article, and the same resolution at 8 x 11 inches for figures intended for the cover. Images for the cover of *Journal of Mammalogy* should have a vertical (portrait) orientation. Please use a common image format for figures (e.g., pdf, eps, gif, tif). The initial submission can have figures and text in one file, rather than separate files if desired. Further information on figures can be found here: http://oxfordjournals.org/en/authors/figures.html. Maps must include latitude and longitude ticks and, if appropriate, a compass rose and scale, and should be understandable on their own. All figures should be square or rectangular in outline to avoid wasting space; do not submit maps with "locator maps" placed above or to the side of the main map if this leaves empty space adjacent to the primary map.

Publication Fees

Color Charges

Authors who want their artwork to print in color will be charged a fee of US $1,000 for each image. There is no fee for color if an image is used on the cover of *Journal of Mammalogy*.

Page Charges

Articles in *Journal of Mammalogy* are subject to a charge of US $80.00 per printed page. As a benefit of membership, authors who are members of ASM *at the time of submission* are eligible for a reduction or waiver of page charges at the discretion of the

Editor-in-Chief (at least 1 author must be a member). If resources are available, members are strongly encouraged to pay full or partial page charges.

Open Access

Journal of Mammalogy authors have the option to publish their paper under the Oxford Open initiative whereby, for a charge, their paper will be made freely available online immediately upon publication. After your manuscript is accepted, the corresponding author will be required to accept a mandatory license to publish agreement. As part of the licensing process, you will be asked to indicate whether or not you wish to pay for open access. If you do not select the open access option, your paper will be published with standard subscription-based access and you will not be charged.

Oxford Open articles are published under Creative Commons licenses.

RCUK/Wellcome Trust funded authors publishing in *Journal of Mammalogy* can use the Creative Commons Attribution license (CC BY) for their articles. All other authors must use the Creative Commons Attribution Non-Commercial license (CC BY-NC).
Please click here for more information about the Creative Commons licenses.

You can pay Open Access charges using our Author Services site. This will enable you to pay online with a credit/debit card, or request an invoice by email or post. The applicable open access charges vary according to which Creative Commons license you select. The open access charges are as follows.

Non-member charges for CC BY and CC BY-NC

- Regular charge: £984 / $1575 / €1279
- Reduced Rate Developing country charge*: £493 / $788 / €640
- Free Developing country charge*: £0 / $0 / €0

*Visit our developing countries page (click here for a list of qualifying countries).

Member charges for CC BY and CC BY-NC

- Regular charge: £788 / $1260 / €1024

Orders from the UK will be subject to the current UK VAT charge. For orders from the rest of the European Union, OUP will assume that the service is provided for business purposes. Please provide a VAT number for yourself or your institution and ensure you account for your own local VAT correctly.

Offprints

Authors will receive electronic access to their paper free of charge. Printed offprints may be purchased in multiples of 50. Rates are indicated on the order form which must be returned with the proofs. You can download an Offprint Form here.

Self-Archiving

For more information, please click here. In case of any additional queries, please contact Journals Permissions.

Authorship

Everyone listed as an author of an article must have made a substantial contribution to the manuscript. In the case of multiple-author contributions, please include a brief statement detailing the contribution of each author.

1. Authorship should be restricted to those individuals who have met each of 3 criteria: (a) made a significant contribution to the conception and design or the analysis and interpretation of data or other scholarly effort, (b) participated in drafting the article or reviewing and/or revising it for content, and (c) approved the final version of the manuscript.
2. In the case of papers with multiple authors, the senior author (generally the 1st or last author) has the responsibility for: (a) including as coauthors all those who meet the 3 criteria defined in part 1 of this policy and excluding those who do not; and (b) obtaining from all coauthors their agreement to be designated as such, as well as their approval of the final version of the manuscript. Of course, any person can refuse to be a coauthor if he or she elects to do so.
3. Coauthors assume full responsibility for all work submitted under their names and, as a coauthor, acknowledge that they meet each of the 3 criteria for authorship as defined in part 1 of this policy.
4. Honorary or courtesy authorships are inconsistent with the principles of this policy and, as such, are unacceptable.

Conflict of Interest Statement

The pages of *Journal of Mammalogy* are open to all members of the scientific community, whether they work independently or for academic, government, industry, or other organizations. To enable our editors, peer reviewers, and readers to assess authors' professional credentials, as well as any potential biases, we ask that authors disclose all information about their employment affiliations and any financial interests relevant to the work that the author has submitted for publication in *Journal of Mammalogy*. Reviewers should also disclose similar information relevant to the works they are asked to evaluate.

License to Publish

Please note that by submitting an article for publication you confirm that you are the corresponding/ submitting author and that Oxford University Press ("OUP") may retain your email address for the purpose of communicating with you about the article. You agree to notify OUP immediately if your details change.

Upon receipt of accepted manuscripts at Oxford, authors will be invited to complete an online license to publish form. Once invited, the license form should be signed within 24 hours. If we have not received confirmation of signature by the time the manuscript arrives, your manuscript may be delayed.

It is a condition of publication for all Oxford Journals that authors grant an exclusive license to Oxford University Press or the sponsoring Society. This ensures that all necessary rights needed for publication are in place, including provision for any requests from 3rd parties, to reproduce content from the journals efficiently and consistently by OUP, and enabling the content to be as widely disseminated as possible. No article will be published unless the signed license has been received at Oxford Journals.

As part of the terms of the license agreement, Authors may use their own material in other publications written or edited by themselves provided that the *Journal* is acknowledged as the original place of publication, as well as Oxford University Press. As the Author(s), copyright of the Article remains yours (or your employer's if your employer claims copyright in your work). See here for full details of Oxford Journals' copyright policy and the rights retained by you/your institution under the terms of the license.

Work submitted for publication must be original, previously unpublished, and not under consideration for publication elsewhere. If previously published figures, tables, or parts of text are to be included, the copyright-holder's permission must have been obtained prior to submission. For more information on how to obtain permissions, please consult Rights and Permissions.

Language Editing Pre-Submission

Both the ASM and OUP have pre-submission language editing services available.

OUP offers pre-submission language editing through Oxford Language Editing, a service for researchers all over the world. Language editing, particularly if English is not your 1st language, can be used to ensure that the academic content of your paper is fully understood by the journal editors and reviewers. Visit www.oxfordlanguageediting.com to find out more about the freelance editors available and the different services offered. Please note that edited manuscripts will still need to undergo peer-review by the journal.

ASM has a "Buddy System" which includes colleagues who have expressed willingness to assist authors with the presentation of their research. If English is not your primary language, you may request a ''buddy'' who will volunteer his/her time to assist you. Read more about the ASM "Buddy System" here. To be put in contact with a ''buddy'' please contact the Editor-in-Chief.

Online ISSN 1545–1542 - Print ISSN 0022–2372

ANEXO B - INSTRUÇÕES PARA AUTORES (ZOOLOGICA SCRIPTA)

Author Guidelines

For the journals Aims and Scope please click on this link

Manuscripts should not have been published previously, or submitted simultaneously to any other journal. Manuscripts must be written in English and should be linguistically correct. Non-native speakers are strongly encouraged to have the language checked prior to submission.

Papers should be submitted online at http://mc.manuscriptcentral.com/zsc. Full upload instructions and support are available online from the submission site via the 'Get Help Now' option. Please submit your covering letter or comments to the editor when prompted online.

Retain the original figures until the manuscript has been accepted for publication.

Contributions should preferably not exceed 15 printed pages (including figures, tables and references), and authors may be asked to pay a page charge if this limit is exceeded. Authors are encouraged to make use of the opportunity to publish supplementary material (online only) along with the manuscript. More lengthy contributions can be considered - but please contact the Chief Editor for further information prior to submission.

Molecular sequences should be deposited in GenBank, and authors are encouraged to deposit anatomical images in MorphoBank database. Authors are strongly encouraged to deposit voucher specimens for DNA, and to desposit alignments in e.g. the EMBL database.

Manuscripts not strictly conforming to the instructions will be returned without further consideration.

Data matrices/list of characters

To help improve the readability of articles, authors are encouraged to place data matrices/list of characters as supplementary information online only. See below for instructions.

Text

All text, including figure legends must be typed in one column only, with 1.5 line spacing and no less than 3 cm margins on all sides. Page numbers and name of first author should be placed at the upper right of all text pages except the first. Please do not use right alignment and do not hyphenate words at the end of lines. Descriptions and diagnoses should be written in strict telegraphic style.

Scientific names

Names of species and genera should be italicized or underlined. Spell out the entire scientific name the first time a species is mentioned; thereafter, abbreviate the generic part of the name (first letter and period) except at the beginning of a paragraph or sentence. New taxa should be indicated by the Latin abbreviations 'sp. n.', 'gen. n.' etc, and should be mentioned in the abstract. Use SI units and appropriate standard abbreviations.

Numbers

Spell out numbers one through nine; for 10 and above, use numerals. For measured quantities (6 mm, 3 days, 4 years, etc.) use numerals. For sections written in telegraphic style, use numerals throughout.

Online-only material

Since space of the printed paper is at premium, the journal requires that material such as multimedia adjuncts,

large data sets, extra colour illustrations, bibliographies, or any other material for which insufficient space is available shall be published online as supplementary material to save space. Here, also figures and drawings absolutely not essential for understanding the content can be placed. Details of the supplementary material will be given at the end of the printed paper. Please click here for our supplementary material guidelines.
N.B. Please upload supplementary material when submitting the paper to make sure it is available to the reviewers, even if later to be published on the web only.

Format

Title page

Type at the upper left, name, address, telephone number, email address and, if available, fax number of the author to whom all correspondence should be sent. **The title should be written in lower case letters and include the scientific name(s) of higher taxa (within parentheses and separated by commas) to indicate taxonomic position, but should not include Latin species names**. Titles should not include authors of taxa. Below the title, type the author(s) name(s) in capitals with one Christian name spelled out. Further down, type a short running title of up to 45 characters and, on a line below this, the authors name(s) (if more than two, type the first authors name followed by *et al*.).
Titles should not exceed 120 characters and should be written to emphasize the area of interest, rather than taxonomic details.

Abstract

The length of the abstract should not exceed 3% of the length of the text of the article. All newly described taxa must be given by name. Do not use paragraphs in the abstract. Write the abstract on a separate page, arranged as in the following example:
Sundberg, P. (2010) Ribbon worm (Nemertea) systematics in the 21st century. *Zoologica Scripta*, 00, 000-000.
Systematic developments in the phylum Nemertea are reviewed and shown to … *Per Sundberg, Department of Zoology, University of Gothenburg, P.O. Box 463, SE-405 30 Gothenburg, Sweden. E-mail* per.sundberg@zool.gu.se

Headings

Do not centre any headings. Four levels may be used:

Principal heading

Placed on a separate line and followed by a blank line. Used for Introduction, Material and methods etc.

First subheading

Italicized, on a separate line, and followed by a blank line.

Second subheading. Italicized and followed by text on the same line. Should be used in taxonomic descriptions for Diagnosis, Remarks etc.

Third subheading. Indented, italicized and followed by text on the same line. Used in taxonomic descriptions for information holotype, paratypes, etymology, etc.

Description of taxa

Descriptions of new taxa should be arranged as in the following example:

Genus *Pachygnatha* Sundevall, 1823

Pachygnatha atromarginata sp. n. (Figs 100-111)

Holotype. m, CAMEROON, Mount Koupé, 1600 m, rain forest, 8 February 1983, Bosmans & Bosselaers (sweep net), (MRAC).

Paratypes. Same data as for holotype, 4 mm 8ff W (MRAC).

Other material. Mount Koupé, 1300 m, rain forest, 1f, 31 January 1983 (pitfall trap); 1f, 2 February 1983 (sweep net) (MRAC Mount Koupé, 900 m, rain forest, 1 m (subadult) 2ff, 31 January 1983 (pitfall trap), Bosmans & Bosselaers (all MRAC).

Etymology. The name refers to the dark, reticulated marginal zone of the carapace.

Diagnosis. This species can be distinguished by the shape of the paracymbium (Fig. 103) and the vulvar morphology (Fig. 111) in the female.

Description

Male (holotype). Total body length 2.38mm, 1 car 1.15mm, 1 stern 0.66 mm, 1 abd 1.45 mm, w car 0.93 mm ...

Female (paratype). Total body length 3.03mm ...

The complete data of the holotype and paratypes, and the institutions in which they are deposited, must be recorded in the original description. All material examined should be listed in similar format: localities should be cited in order of increasing precision as in the examples; names of countries should be in capitals. Sex symbols will be used in the journal; abbreviations used to indicate sex must be clearly stated in the manuscript.

Redescriptions of taxa should be arranged as in the following example:

Family PHYLLODOCIDAE

Genus *Phyllodoce* Lamarck, 1818

Phyllodoce citrina Malmgren, 1865: Fig. 2.

Phyllodore citrina Malmgren, 1865: 95-96, pl. XIII, fig. 24.

Phyllodoce badia Malmgren, 1867: 22, pl. II, fig. 6.

Anaitides citrina Bergström 1914: 140-141, fig. 41; Eliason 1962a: 18; Hartmann-Schröder 1971: 105-107, fig. 33D-F; Uschakov 1972: 136-137, pl. V, figs 5, 6.

Material examined. Phyllodoce citrina: 3 syntypes from Spitsbergen (SMNH type collection 2419 and 2420); 1 syntype from Spitsbergen (BMNH 1865.9.23.3); about 30 specimens from Wales, Shetland, western Norway, Spitsbergen, and Greenland (SMNH, MZB); about 10 specimens from the Arctic, Bering Sea and the Sea of Okhotsk (ZIL). *Phyllodoce badia*: several syntypes (at least 4 specimens and some fragments) from Bohuslän, Sweden (SMNH type collection 2423).

Pre-submission English-language editing

Authors for whom English is a second language may choose to have their manuscript professionally edited before submission to improve the English. A list of independent suppliers of editing services can be found at www.Wiley Blackwell.com/bauthor/english_language.asp. Japanese authors can also find a list of local English improvement services athttp://www.wiley.co.jp/journals/editcontribute.html. All services are paid for and arranged by the author, and use of one of these services does not guarantee acceptance or preference for publication.

Literature citations and reference list

References in Articles

We recommend the use of a tool such as EndNote or Reference Manager for reference management and formatting.

EndNote reference styles can be searched for here: http://www.endnote.com/support/enstyles.asp

Reference Manager reference styles can be searched for here:http://www.refman.com/support/rmstyles.asp

Arrangements of citations and reference list generally follows the Publication Manual of the American Psychological Association, 4th edition.

Citations in the text should read: Smith (1987) described..., or Smith (1987, 1988).. ., or Smith & Brown (1986)..., or Smith *et al*. (1983)..., or '(Smith 1977, 1978; Berg & Brown 1980; Smith *et al* 1984a, b; Warén & Bouchet 1986: figs. 17-21; Cook 1988: 3).... Note that a comma should only be interposed between author of a scientific name and the year of its publication to indicate authorship.

Author names should be arranged in alphabetical order in the reference list. If more than one paper by an author is cited for the same year, distinguish these papers by a, b, c, etc., after the year. Names of all co-authors should be given in the reference list. Specify figures or plates if these appear outside the pagination of a reference. Titles of journals should not he abbreviated.

Article

Goloboff, P. A., Farris, J. S. & Nixon, K. C. (2008). TNT, a free program for phylogenetic analysis. *Cladistics*, 24, 774-786.

N.B. Journal titles should not be abbreviated

Book

Parenti, L. R. & Ebach, M. (2009). *Comparative biogeography*. Berkely: University of California Press.

Article in book

Andrew, C. J. (2007). The grid and biodiversity informatics. In G. B. Curry % C. J. Humphries (Eds) *Biodiversity databases. Techniques, politics and applications* (pp. 83-82). Boca Raton: CRC Press.

Computer programs

Swofford, D. L. 1993. PAUP - *Phylogenetic Analysis Using Parsimony. Ver. 3. 1*. [Computer software and manual]. Champaign, Illinois: Illinois Natural History Survey.

On-line source

Eriksson, T. (1996, June). AutoDecay version 2.9.2. Available via http:/www.botan.su.se/systematik/Folk/Torsten.html

Figures and tables

Please consult our Electronic Artwork Information for Authors guidelines for the preparation of electronic artwork.

Graphs, drawings and photographs are figures and should be numbered consecutively as Fig. 1, Figs 2-4, Fig. 7C-F, etc. Tables are referred to as Table 1, Table 2, etc. (Roman numerals).

Adjust the size of the lettering and the thickness of the lines on illustrations according to intended reduction so that lettering size match in print, and make sure that lines do not disappear in reduction.

In the case of sectional figures, label each sub-figure A, B, C etc. The letters should appear 3-4 mm high in print. Other capital letters in the figures should appear about 2 mm high in print, lower case letters correspondingly smaller, but not less than 1 mm.

Abbreviations used in one or more figures should be explained, in a new paragraph at the end of the legend of the first figure where the abbreviations are used, e.g.:
Abbreviations: a, atrium; CS, copulatory sac; py, pygidium; ...

Half-tone illustrations should be submitted in electronic form wherever possible. If originals are supplied they they must be trimmed at right angles and in the desired final size. The mounted prints should be trimmed to show only the essential features and mounted on white cardboard with a 1-3 mm space between those arranged in groups. Where necessary indicate the top of the figure.

Photographs in colour are accepted only if printed at the authors expense. Please see below for details.
Each figure or group of figures should be planned to fit into the area of either one or two columns of text. Drawings and photographs should not be included in the same group. The maximum width of a one column illustration is 80 mm and of a two column illustration 169 mm; the maximum height of illustrations is 218 mm (but this should normally also include the legend). The size of submitted figures should not exceed A3, i.e. 420 × 297 mm.

Do not submit original illustrations before the paper is accepted for publication. If the author wishes artwork to be returned after publication, this must be clearly stated on submission; artwork is otherwise not normally returned after publication.

Figure legends should be listed on separate sheets at the end of the manuscript and arranged as in the following example:

Fig. 1. A-C. *Fenestrulina antarctica* sp. n. - A. An autozooid, × 60. - B. An ovicelled autozooid, × 60. - C. Detail to show orifice, ascopore and stellate frontal pores, × 160 - D, E. *Smittoidea pugiuncula* sp. n. - D. A group of autozooids, × 50. - E. Detail of a condyle, × 2200.
Approximate positions of both figures and tables should be indicated in the left-hand margin of the manuscript.

Tables should not include any vertical lines. See example.

Colour figures

It is the policy of *Zoologica Scripta* for authors to pay the full cost for the reproduction of their colour work. If there is colour artwork in your manuscript when accepted for publication, Wiley Blackwell require you to complete and return a colour work agreement form before your paper can be published. This form can be downloaded as a PDF* from the internet here: Colour Work Agreement Form.
If you have problems downloading the form please contact the Production Editor (zsc@wiley.com).
Please post or courier all pages of your completed form to:

Customer Services (OPI)
John Wiley & Sons Ltd, European Distribution Centre
New Era Estate
Oldlands Way
Bognor Regis

West Sussex
PO22 9NQ

*PDF files can be read using the free Acrobat Reader available to download from: http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep2.html

Copyright Transfer Agreement Form

If your paper is accepted, the author identified as the formal corresponding author for the paper will receive an email prompting them to login into Author Services; where via the Wiley Author Licensing Service (WALS) they will be able to complete the license agreement on behalf of all authors on the paper.

For authors signing the copyright transfer agreement

If the OnlineOpen option is not selected the corresponding author will be presented with the copyright transfer agreement (CTA) to sign. The terms and conditions of the CTA can be previewed in the samples associated with the Copyright FAQs below:

CTA Terms and Conditions http://authorservices.wiley.com/bauthor/faqs_copyright.asp

For authors choosing OnlineOpen

If the OnlineOpen option is selected the corresponding author will have a choice of the following Creative Commons License Open Access Agreements (OAA):

Creative Commons Attribution License OAA

Creative Commons Attribution Non-Commercial License OAA

Creative Commons Attribution Non-Commercial -NoDerivs License OAA

To preview the terms and conditions of these open access agreements please visit the Copyright FAQs hosted on Wiley Author Services http://authorservices.wiley.com/bauthor/faqs_copyright.aspand visit http://www.wileyopenaccess.com/details/content/12f25db4c87/Copyright--License.html.

If you select the OnlineOpen option and your research is funded by The Wellcome Trust and members of the Research Councils UK (RCUK) you will be given the opportunity to publish your article under a CC-BY license supporting you in complying with Wellcome Trust and Research Councils UK requirements. For more information on this policy and the Journal's compliant self-archiving policy please visit: http://www.wiley.com/go/funderstatement.

Text

Files should be formatted double-spaced with no hyphenation and automatic wordwrap (no hard returns within paragraphs). Please type your text consistently, e.g. take care to distinguish between 1 (one) and l (lower-case L) and 0 (zero) and O (capital o), etc.

Tables

Tables should be typed as text, using tabs to align columns. The use of table editors should be avoided. Do not use graphics software to create tables.

Mathematics

In-line equations should be typed as text. The use of graphics programs and equation editors should be avoided. Displayed equations are re-keyed by our typesetter.

Figures

Please send us digital versions of your figures if at all possible. EPS and TIFF files are preferable, but please consult our Electronic Artwork Information for Authors guidelines for further details. Please note that your paper will go through production more quickly if the figures do not have to be relabelled or redrawn. Please ensure that electronic artwork is prepared such that, after reduction to fit across one or two columns or two-thirds width (80 mm, 169 mm or 110 mm, respectively) as required, all lettering will be clear and easy to read, i.e. no labels should be too large or too small. Avoid using tints if possible; if they are essential to the understanding of the figure, try to make them coarse. No artwork should be incorporated into the text files.

Author material archive policy

Please note that unless specifically requested, Wiley Blackwell will dispose of all submitted hardcopy or electronic material two months post-publication. If you require the return of any submitted material, please inform the editorial office or production editor as soon as possible if you have not yet done so.

Proofs

The corresponding author will receive an email alert containing a link to a web site. A working e-mail address must therefore be provided for the corresponding author. The proof can be downloaded as a PDF (portable document format) file from this site. Acrobat Reader will be required in order to read this file. This software can be downloaded (free of charge) from the following web site:

http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep2.html.

This will enable the file to be opened, read on screen and printed out in order for any corrections to be added. Further instructions will be sent with the proof. Excessive changes made by the author in the proofs, excluding typesetting errors, will be charged separately.

Offprints

A free PDF offprint can be retrieved by the author via Author Services. Additional offprints may be ordered, at extra cost, via an online ordering system. Details will be sent with paper proofs. Offprint orders received after publication incur a surcharge.

Online-only supplementary material

Nota bene: appendices are no longer used. Additional material (such as multimedia adjuncts, large data sets, extra colour illustrations, bibliographies, or any other material for which insufficient space is available) may be able to be published online as supplementary material. Details of the available material will be given at the end of the printed paper. Please click here for our supplementary material guidelines.

OnlineOpen

OnlineOpen is available to authors of primary research articles who wish to make their article available to non-subscribers on publication, or whose funding agency requires grantees to archive the final version of their article. With OnlineOpen, the author, the author's funding agency, or the author's institution pays a fee to ensure that the article is made available to non-subscribers upon publication via Wiley Online Library, as well as deposited in the funding agency's preferred archive. For the full list of terms and conditions, please see **here** .

Any authors wishing to send their paper OnlineOpen will be required to complete the payment form available from our website, **here** .

Prior to acceptance there is no requirement to inform an Editorial Office that you intend to publish your paper OnlineOpen if you do not wish to. All OnlineOpen articles are treated in the same way as any other article. They go through the journal's standard peer-review process and will be accepted or rejected based on their own merit.

ANEXO C - CURRÍCULO LATTES

Francisco Geraldo de Carvalho Neto

Curriculum Vitae

Dados pessoais

Nome	Francisco Geraldo de Carvalho Neto
Filiação	CLÁUDIO GERALDO RODRIGUES DE CARVALHO e MARIA LEONICE BEZERRA DE BRITO CARVALHO
Nascimento	19/06/1988 - SERRA TALHADA/PE - Brasil
Carteira de Identidade	7199962 SDS - PE - 04/12/2002
CPF	075.906.684-19

Formação acadêmica/titulação

2013 - 2017

Doutorado em Genética.
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil
Título: Uma abordagem molecular da filogeografia e estruturação populacional de morcegos filostomídeos neotropicais, Ano de obtenção: 2017
Orientador: Neide Santos
Co-orientador: Martín Alejandro Montes
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

2011 - 2013

Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente.
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil
Título: Ecologia, assimetria flutuante e dimorfismo sexual de pequenos mamíferos em três remanescentes de Floresta Atlântica na região Nordeste do Brasil, Ano de obtenção: 2013
Orientador: Ana Cristina Lauer Garcia
Co-orientador: Martín Alejandro montes
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

2006 - 2010

Graduação em Bacharelado em Ciências Biológicas.
Universidade Federal Rural de Pernambuco-Unidade Acadêmica de Serra Talhada, UFRPE-UAST, Brasil
Título: COMUNIDADES DE MORCEGOS EM DUAS ÁREAS DE CAATINGA NO SERTÃO DE PERNAMBUCO
Orientador: Ednilza Maranhão dos Santos
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Formação complementar

2010 - 2010

Curso de curta duração em Morfologia Craniana de Mamíferos. (Carga horária: 12h).
Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF, Petrolina, Brasil

2008 - 2008

Curso de curta duração em Métodos Cromatográficos. (Carga horária: 5h).
Unidade Acadêmica de Serra Talhada, UAST-UFRPE, Brasil

2007 - 2007

Curso de curta duração em Ecologia e comportamento de Aranhas.

Unidade Acadêmica de Serra Talhada, UAST-UFRPE, Brasil

Atuação profissional

1. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Vínculo institucional

2013 - 2017	Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: Doutorando, Regime: Dedicação exclusiva
2011 - 2013	Vínculo: Outro (especifique) , Enquadramento funcional: Estudante de mestrado, Regime: Dedicação exclusiva

2. Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco - SE-PE

Vínculo institucional

2010 - 2010	Vínculo: Professor Contratado , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 25, Regime: Parcial Outras informações:

Professor substituto das disciplinas de Biologia e matemática para turmas do ensino médio e fundamental.

3. Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Vínculo institucional

2009 - 2009	Vínculo: - , Enquadramento funcional: Estagiário , Carga horária: 20, Regime: Parcial Outras informações:

Estágio em zoologia e genética de Morcegos com o Prof. Dr. Martín Alejandro Montes

2007 - 2008	Vínculo: livre , Enquadramento funcional: Estagiário, Regime: Parcial

Atividades

05/2007 - 06/2008	Estágio, Unidade Acadêmica de Serra Talhada *Estágio:* *Estagiário do laboratório de Informática e membro do NTI(núcleo de tecnologia de informação) da UFRPE-UAST, desenvolvendo soluções em tecnologia de informação.*

4. Prefeitura da Cidade do Recife - PCR

Vínculo institucional

2017 - Atual	Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Coordenador

de Gabinete , Carga horária: 40, Regime: Integral

Outras informações:

Coordenador de Articulação no Gabinete de Representação em Brasília e Relações Internacionais.

Projetos

Projetos de pesquisaProjetos de pesquisa**2013 - Atual** DIVERSIDADE GENÉTICA E ECOLÓGICA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM DIFERENTES BIOMAS NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Descrição: O projeto pretende mensurar variabilidade genética inter e intrapopulacional de mamíferos em diferentes fitofisionomias; Realizar uma análise ecológica das comunidades de pequenos mamíferos avaliando a variação temporal e espacial das espécies em diferentes ambientes; Correlacionar o tamanho e o nível de conservação do ambiente com sua variabilidade genética e ecológica; Auxiliar, com as informações genéticas e ecológicas geradas, no manejo das unidades de conservação estudadas.
Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Doutorado (1);
Integrantes: Francisco Geraldo de Carvalho Neto; martin alejandro montes; Neide Santos (Responsável); Valdir de Queiroz Balbino

2011 - 2012 Diversidade ecológica de pequenos mamíferos em três fragmentos de Floresta Atlântica na região Nordeste do Brasil

Descrição: Descrever as espécies de pequenos mamíferos presentes em três fragmentos de Floresta Atlântica no estado de Pernambuco, são eles:Estação Ecológica do Tapacurá (município de São Lourenço da Mata), Reserva Ecológica de Dois Irmãos (município de Recife) e Refúgio Ecológico Charles Darwin (município de Igarassu). Além disso, analisar a estrutura das populações, verificar o efeito da ação antrópica e estudar a variação estacional nesses fragmentos.
Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (1);
Integrantes: Francisco Geraldo de Carvalho Neto; martin alejandro montes; Ana Cristina Lauer Garcia (Responsável)

2009 - 2010 Comunidades de Morcegos do Sertão do Pajeú

Descrição: Levantar a fauna de quirópteros de Serra Talhada, identificando as espécies da região, de forma a conhecer melhor aspectos como habitats, biologia reprodutiva e alimentação de cada uma delas. Este é um subprojeto do projeto: MASTOFAUNA DO SERTÃO DO PAJEÚ/PERNAMBUCO.Possuido uma bolsa de iniciação científica PIBIC/FACEPE/CNPq
Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (1);
Integrantes: Francisco Geraldo de Carvalho Neto; Ednilzão Maranhão dos Santos; martin alejandro montes (Responsável)

2008 - 2010 Mastofauna do Sertão do Pajeú

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (1);
Integrantes: Francisco Geraldo de Carvalho Neto; Ednilzão Maranhão dos Santos (Responsável); martin alejandro montes

2008 - 2009 RÉPTEIS DA FAZENDA SACO, SERRA TALHADA/PE - INDICADORES DE CONSERVAÇÃO

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Integrantes: Francisco Geraldo de Carvalho Neto; Ednilzão Maranhão dos Santos (Responsável)
Financiador(es): Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE

Revisor de periódico

1. BIOLOGICAL JOURNAL OF THE LINNEAN SOCIETY

Vínculo

2017 - Atual Regime: Parcial

Prêmios e títulos

2014 Menção Honrosa na área de Genética, Evolução e Melhoramento Animal, nível Doutorado., XX Encontro de Genética do Nordeste

Producão

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. COUTINHO-SILVA, R.D.; MONTES, M.A.; Oliveira, G.F.; **DE CARVALHO-NETO, F.G.**; ROHDE, C.; GARCIA, A.C.L.
Effects of seasonality on drosophilids (Insecta, Diptera) in the northern part of the Atlantic Forest, Brazil. Bulletin of Entomological Research. , v.1, p.1 - 11, 2017.

2. **CARVALHO-NETO, F. G.**; SILVA, J. R.; SANTOS, N.; RHODE, C.; GARCIA, A. C. L.; MONTES, M. A.
The heterogeneity of Caatinga biome: an overview of the bat fauna. mammalia. , v.., p.. - , 2016.

3. GARCIA, ANA CRISTINA L.; ROHDE, CLAUDIA; **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**; MONTES, MARTÍN A.; LEAL, EDSON S.B.
The bats of northeastern Brazil: a panorama. Animal Biology (Print). , v.64, p.141 - 150, 2014.

Capítulos de livros publicados

1. SANTOS, E. M.; MORAES, B. L. C.; ALMEIDA, G. V. L.; **CARVALHO-NETO, F. G.**
Vertebrados tetrápodes In: PARQUE ESTADUAL MATA DA PIMENTEIRA RIQUEZA NATURAL E CONSERVAÇÃO DA CAATINGA.1 ed.Recife-PE : Editora Universitária da UFRPE, 2013, v.1, p. 175-206.

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. VIEIRA, A. V. B.; SILVA, I. I. F. G.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; LIMA, G. D. C.; COSTA, V. V.; RUSHANSKY, E.; MARIANO, M. H.; SOUZA, P. R. E.; MONTES, M. A.; MAIA, M. M. D.

ESTUDO PILOTO DO PERFIL DE METILAÇÃO DOS DINUCLEOTÍDEOS CPG -628, -610, -574 E -491 DO GENE IL-6 EM PACIENTES COM ARTRITE REUMATOIDE In: XXI Encontro de Genética do Nordeste, 2016, Recife, PE.
Anais do XXI Engene. , 2016.

2. SILVA, I. I. F. G.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; ANGELO, H. D.; RUSHANSKY, E.; MARIANO, M. H.; SOUZA, P. R. E.; MONTES, M. A.; MAIA, M. M. D.
ESTUDO PRELIMINAR DO SNP -174 G/C E PERFIL DE METILAÇÃO DO GENE INTERLEUCINA-6 EM PACIENTES COM ARTRITE REUMATOIDE In: XXI Encontro de Genética do Nordeste, 2016, Recife, PE.
Anais do XXI Engene. , 2016.

3. SILVA, I. I. F. G.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; ANGELO, H. D.; RUSHANSKY, E.; MARIANO, M. H.; SOUZA, P. R. E.; MONTES, M. A.; MAIA, M. M. D.
ESTUDO PRELIMINAR DO SNP -174 G/C E PERFIL DE METILAÇÃO DO GENE INTERLEUCINA-6 EM PACIENTES COM ARTRITE REUMATOIDE In: XXI Encontro de Genética do Nordeste, 2016, Recife, PE.
Anais do XXI Engene. , 2016.

4. **CARVALHO-NETO, F. G.**; MAIA, M. M. D.; GARCIA, A. C. L.; BALBINO, V. Q.; MONTES, M. A.; SANTOS, N.
FILOGEOGRAFIA DE ARTIBEUS PLANIROSTRIS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE): INFLUÊNCIA DOS ANDES E DA DIAGONAL SECA NEOTROPICAL In: XXI Encontro de Genética do Nordeste, 2016, Recife, PE.
Anais do XXI Engene. , 2016.

5. **CARVALHO-NETO, F. G.**; SANTOS, T. C.; BALBINO, V. Q.; SANTOS, N.; MONTES, MARTÍN A.
DIVERSIDADE E ESTRUTURA GENÉTICA POPULACIONAL DE ARTIBEUS PLANIROSTRIS E CAROLLIA PERSPICILLATA (CHIROPTERA; PHYLLOSTOMIDAE) NO NORDESTE DO BRASIL In: V Jornada da Pós-graduação em Genética - UFPE, 2015, Recife - PE.
Resumos da V Jornada da Pós-graduação em Genética - UFPE. , 2015.

6. Andrade, I. S.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; GARCIA, A. C. L.; MONTES, M. A.; SANTOS, N.
Diversidade genética de Lonchirhina aurita (Mammalia), uma espécie de morcego vulnerável a extinção In: I SIMBRAFAUNA, 2015, Ipojuca - PE.
RESUMOS DO I SIMBRAFAUNA. , 2015.

7. SANTOS, T. C.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; SANTOS, N.; MONTES, M. A.
DIVERSIDADE GENÉTICA NO GENE CITOCROMO DE CAROLLIA PERSPICILLATA NO ESTADO DE PERNAMBUCO In: XV JEPEX-UFRPE, 2015, RECIFE.
RESUMOS DO XV JEPEX. , 2015.

8. **CARVALHO-NETO, F. G.**; GARCIA, A. C. L.; BALBINO, V. Q.; MONTES, M. A.; SANTOS, N.
FILOGEOGRAFIA E ESTRUTURAÇÃO GENÉTICA DE ARTIBEUS PLANIROSTRIS, SPIX 1823 (CHIROPTERA; PHYLLOSTOMIDAE) In: V jornada da Pós-graduação em Genética - UFPE, 2015, Recife - PE.
Resumos da V Jornada da Pós-graduação em Genética - UFPE. , 2015.

9. da Silva, R. D. C.; Oliveira, G.F.; **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**; MONTES, M. A.; RHODE, C.; GARCIA, A. C. L.
Seasonal variations in abundance and richness of drosophilids (Insecta, Diptera) in Atlantic Forest environments in Northeastern Brazil In: IX SIMPÓSIO DE ECOLOGIA,GENÉTICA E EVOLUÇÃO DE DROSOPHILA, 2015, Brasília - DF.
RESUMOS DO IX SIMPÓSIO DE ECOLOGIA,GENÉTICA E EVOLUÇÃO DE DROSOPHILA. , 2015.

10. FREITAS, L. C.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; MONTES, M. A.; GARCIA, A. C. L.
VARIABILIDADE HAPLOTÍDICA NO GENE CITOCROMO b DE Artibeus planirostris NO ESTADO DE PERNAMBUCO In: XV JEPEX-UFRPE, 2015, RECIFE.

RESUMOS DO XV JEPEX. , 2015.

11. **CARVALHO-NETO, F. G.**; PESSOA, L. A.; GARCIA, A. C. L.; MONTES, M. A.; SANTOS, N. Diversidade genética de Artibeus Planirostris, Spix 1823 (Chiroptera; Phyllostomidae) em diferentes fitofisionomias no Nordeste do Brasil In: XX Encontro de Genética do Nordeste, 2014, Campina Grande - PB.
Anais do XX Encontro de Genética do Nordeste. , 2014.

12. SANTOS, T. C.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; SANTOS, N.; MONTES, M. A.; GARCIA, A. C. L. DNA barcoding revela novo registro de roedor Echimyidae para a Floresta Atlântica do Nordeste In: XX Encontro de Genética do Nordeste, 2014, Campina Grande - PB.
Anais do XX Encontro de Genética do Nordeste. , 2014.

Apresentação de trabalho e palestra

1. **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Cromossomos Metafásicos de mamíferos, 2015. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

2. **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Técnicas de citogenética para observação de cromossomos de mamíferos, 2015. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

3. **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Importância da Citogenética para identificação taxonômica: métodos e abordagens, 2014. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

4. **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Técnicas modernas para análise de cariótipos, 2014. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

5. **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Montagem e interpretação de cariótipos de cromossomos metafásicos de morcegos, 2013. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

Produção técnica

Demais produções técnicas

1. MONTES, M. A.; **CARVALHO-NETO, F. G.**
Genética da Conservação, 2013. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

Orientações e Supervisões

Orientações e supervisões

Orientações e supervisões concluídas

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1. Ana Claúdia Caetano Pinheiro Leite. **Avaliação do conhecimento e impacto de palestras expositivas/demonstrativas sobre morcegos nos alunos de ensino fundamental e médio da região metropolitana do Recife.**. 2014. Curso (Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural

de Pernambuco

2. Jackson Roberto da Silva. **AVALIAÇÃO DA QUIROPTEROFAUNA DAS ECORREGIÕES DA CAATINGA**. 2013. Curso (Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **V jornada da Pós-graduação em Genética**, 2015. (Outra)
Phylogeography and population structure of the Artibeus planirostris, Spix 1823 (Chiroptera; Phyllostomidae).

2. Simposista no(a) **I Simpósio de Genética e Biotecnologia**, 2014. (Simpósio)
Estudo de genes mitocondriais em estudos ecológicos.

3. Avaliador no(a) **VIII SIMPÓSIO INTEGRADO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS**, 2014. (Simpósio)
..

4. **XX Encontro de Genética do Nordeste**, 2014. (Encontro)
Diversidade genética de Artibeus Planirostris, Spix 1823 (Chiroptera; Phyllostomidae) em diferentes fitofisionomias no Nordeste do Brasil.

Organização de evento

1. **CARVALHO-NETO, F. G.**
XXI Encontro de Genética do Nordeste, 2016. (Congresso, Organização de evento)

2. **CARVALHO-NETO, F. G.**
V Jornada da Pós-graduação em Genética UFPE, 2015. (Outro, Organização de evento)

Bancas

Bancas

Participação em banca de trabalhos de conclusão

Curso de aperfeiçoamento/especialização

1. MONTES, M. A.; **CARVALHO-NETO, F. G.**; GUENTHER, M.
Participação em banca de Bruna Gonçalves Miller. **As Unidades de Conservação da Região Nordeste do Brasil**, 2013
(Perícia, auditoria e gestão ambiental) Universidade de Pernambuco

Graduação

1. MAIA, M. M. D.; CAVALCANTI, Y. V. N.; **CARVALHO-NETO, FRANCISCO G.**
Participação em banca de Amanda Virginia Batista Vieira. **Estudo do polimorfismo -174 G>C do gene da IL-6 (rs1800795) em pacientes com artrite reumatoide do Estado de Pernambuco**, 2016

(Ciências Biológicas) Universidade Federal Rural de Pernambuco

2. **CARVALHO-NETO, F. G.**; SANTOS, E. M.; MONTES, M. A.
Participação em banca de Anna Claudia Aca Ferreira. **Análises das dimensões básicas do nicho ecológico(espaço e alimento) de Lontra longicaudis (Olfers,1818) (Carnivora, Mustelidae) em um fragmento florestal no município de Igarassu - PE.**, 2014
(Ciências Biológicas) Universidade Federal Rural de Pernambuco

3. **CARVALHO-NETO, F. G.**; SANTOS, E. M.
Participação em banca de Luis Eduardo Alves Bezerra do Nascimento. **Modelagem de Distribuição Especial de Lontra longicaudis (Olfers, 1818) no Centro de Endemismo Pernambuco.**, 2013
(Ciências Biológicas) Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico	4
Capítulos de livros publicados	1
Trabalhos publicados em anais de eventos	30
Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra)	9

Produção técnica

Curso de curta duração ministrado (outro)	2

Orientações

Orientação concluída (trabalho de conclusão de curso de graduação)	2
Orientação em andamento (trabalho de conclusão de curso de graduação)	1

Eventos

Participações em eventos (congresso)	3
Participações em eventos (seminário)	2
Participações em eventos (simpósio)	3
Participações em eventos (oficina)	1
Participações em eventos (encontro)	5
Participações em eventos (outra)	4
Organização de evento (congresso)	1
Organização de evento (outro)	2
Participação em banca de trabalhos de conclusão (curso de aperfeiçoamento/especialização).	1
Participação em banca de trabalhos de conclusão (graduação)	4